

ISSN 0101-9893 - PUBLICAÇÃO MENSAL • R\$ 5,00

# CADERNOS

## DO TERCEIRO MUNDO

195

**Maioria das pessoas  
acima de 15 anos  
tem menos de 4  
de escola**

**Evasão estolar  
é das mais intensas  
do mundo**

**Cientistas advertem  
contra o atraso do país  
no próximo século**

# A guerra quase perdida da Educação

**ORIENTE MÉDIO À MERCÊ DOS EXTREMISTAS**

# O ÚNICO JEITO DE QUATRO CORPOS OCUPAREM O MESMO ESPAÇO



Para você entender como 4 corpos ocupam o mesmo espaço, não é necessário consultar nenhum livro de Física. Basta ler a REVISTA DO MERCOSUL. A única publicação 100% bilíngüe (português/espanhol), que trata dos mais importantes acontecimentos e de toda a movimentação

de negócios e acordos que envolvem esta integração.

Lendo a REVISTA DO MERCOSUL, você literal-

mente tem tudo nas mãos para realizar ótimos negócios. E quanto a isso não precisa se preocupar, pois o que não falta neste mercado é espaço para você ocupar.

**REVISTA DO MERCOSUL.  
O MUNDO DOS NEGÓCIOS  
ESTÁ NAS SUAS MÃOS**

REVISTA DO  
**Mercosul**

# SUPLEMENTO

ESPAÇO DE REFLEXÃO SOBRE TEMAS ALTERNATIVOS

## Capoeira

*Expressão de cultura afro-brasileira*

Página 2

### COMPORTAMENTO

**Repensando  
a sexualidade**

Página 6



### DROGAS

**A polêmica sobre  
a discriminação  
do uso da maconha**

Página 10

C  
A  
P  
O  
E  
I  
R  
A

# LINGUAGEM CORPORAL CHEIA DE EMOÇÃO

*Mais que uma luta, é uma abordagem da história e da trajetória da cultura afro no Brasil.*

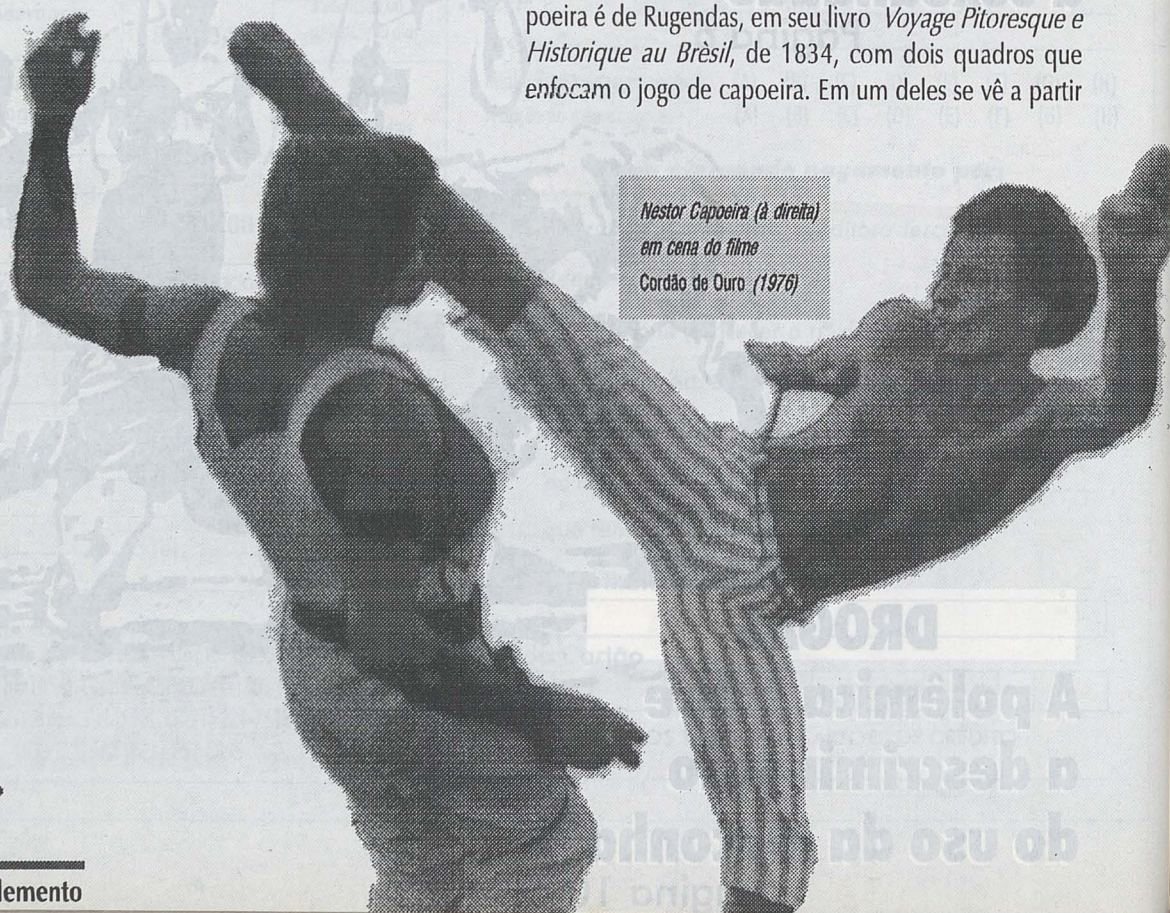
*Mais que uma dança, é uma forma de expressão*

Gabriela Temer

*"Camará, donde é que vens camará; camará, donde é que vens, camará? De Angola, ê!"*

**A**o importar escravos da África, os portugueses trouxeram muito mais do que imaginavam. Junto, vieram os costumes, a arte, a religião, um povo. E hoje, nos anos 90, a cultura afro-brasileira se manifesta de muitas formas, inclusive nas ruas, através das rodas de capoeira.

Um dos registros mais antigos existentes sobre a capoeira é de Rugendas, em seu livro *Voyage Pitoresque e Historique au Brésil*, de 1834, com dois quadros que enfocam o jogo de capoeira. Em um deles se vê a partir



*Nestor Capoeira (à direita)  
em cena do filme  
Cordão de Ouro (1976)*

da Ilha de Itaparica, a cidade de Salvador e o jogo ao fundo; no outro, *Capuëra ou Dance de la Guerre*, dois africanos se atiram um contra o outro em violentas cabeçadas e realizam saltos e movimentos dançados ao som do atabaque.

O mestre Nestor Capoeira, iniciado pelo lendário mestre Leopoldina, diz que existem várias teorias sobre a origem da prática. "Mas já se tem quase certo que é uma manifestação cultural urbana desenvolvida por escravos africanos congregados nas cidades, e praticada em três grandes centros: Recife, Salvador e Rio. Com isso se descarta a possibilidade dela ter nascido nas senzalas e zonas rurais", afirma o mestre, que integra o grupo Senzala de Capoeira onde recebeu sua "corda vermelha", a graduação máxima do praticante.

Nestor, que também é um dos pioneiros no ensino e divulgação da capoeira na Europa, diz que a tese dela ser uma luta mascarada como dança é polêmica, já que a partir de 1814 qualquer manifestação negra, mesmo cultural, passou a ser reprimida. O mestre dá aulas no Planetário do Rio e é autor dos livros *Galo já cantou, Pequeno manual do jogador de capoeira e Capoeira: fundamento e malícia*.

Para outro mestre, Gil Velho, que dá aulas na PUC-Rio e é um dos fundadores do Senzala, a capoeira surgiu provavelmente no Rio de Janeiro, cidade onde tem mais força. Também há registros da existência de movimentos pioneiros na Bahia.

**Candomblé e capoeira** — É fácil perceber nos cantos da capoeira a menção a orixás — *Odoiá, odofiaba, salve minha mãe lemanjá* —, o que pode indicar uma relação estreita entre o candomblé e a capoeira.

Rugendas mostrava a luta ao som dos atabaques. Já Debret desenhou, em 1824, um velho tocando berimbau. Nesta mesma época, existiam no Brasil "os negros volteadores", que iam à frente dos enterros de personalidades africanas dando cabriolas (acrobacias) e saltos mortais, também documentados num quadro de Debret. Determinadas tribos africanas também eram muito hábeis em lutas de pernadas, como os Hauçais.

"Em 1900, todas estas manifestações culturais já es-

**Atualmente,  
muitos jovens  
de classe média  
freqüentam  
as rodas  
de capoeira**

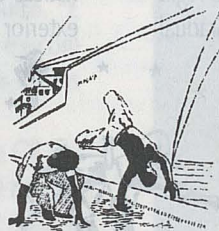


tão reunidas em uma só e, durante essa trajetória, diferentes valores e referências são absorvidos. Objetivamente, a capoeira nada tem a ver com o candomblé, mas ambos fazem parte de um mesmo contexto cultural", explica mestre Nestor. Muitos capoeiristas famosos nas décadas de 30 e 40 foram influenciados pela religião, o que explica o fato de várias letras fazerem menção a orixás do candomblé.

**A marginalidade** — Antes da vinda da família real para o Brasil em 1808, as manifestações de origem africana eram toleradas e até mesmo incentivadas pela sociedade branca, como forma de realçar, pelas características particulares, o fato dos negros serem originários de diferentes tribos e, muitas vezes, inimigas entre si. Com a chegada da corte e de artistas e intelectuais europeus, surge uma nova posição,

segundo a qual, para manter os negros escravizados, seria necessário quebrar sua cultura.

Começam a surgir editais reprimindo qualquer manifestação cultural negra até que, com a Primeira Constituição da República, em 1891, a capoeira é oficialmente proibida. A essa altura surgia outro antagonismo entre os negros africanos. Em lugar de enfatizar a tribo da qual eram originários, os brancos davam destaque ao comportamento no Brasil, sempre com a máxima de dividir para reinar. "O negro que se aferrava à cultura africana era chamado de boçal, em oposição ao que já estava ambientado à sociedade brasileira, chamado de ladino", explica Nestor.



Mas, apesar da proibição e da perseguição, a capoeira continuou sendo praticada, abertamente ou de forma clandestina. No início do século XX, havia sido erradicada pela polícia no Rio e em Recife. Só sobrevivia em Salvador, onde havia absorvido elementos de dança, jogo, ritual e música, incluindo o berimbau.

Em 1930, Getúlio Vargas tornou obrigatória a educação física nas escolas e a capoeira voltou a ser permitida — desde que vigiada, com alvará da polícia e em recintos fechados. Graças à liberalização, Manoel dos Reis Machado, mestre Bimba, abre a primeira academia de capoeira no Brasil, o Centro de Cultura Física Regional Baiano. Em 1941, mestre Pastinha abre outra academia, batizada de capoeira angola.

Começa a diferenciação entre capoeira *angola* e *regional*. Mestre Nestor explica que Bimba instituiu na *regional* um método de ensino baseado em oito seqüências de golpes, contragolpes e esquivas. A ênfase era dada à parte racional e à luta. Na *angola*, o aprendizado era feito por observação e o estilo do jogo variava conforme a personalidade do praticante. Havia também um destaque ao ritual, ao lúdico e à tradição.

Outra diferença era a clientela. Enquanto a *angola* era praticada por mulatos e negros pobres de Salvador, a *regional* era a preferida da classe média e da burguesia. Gradualmente, a *regional* foi eclipsando a *angola*, que acabou perdendo popularidade.

**Período de transição** — A partir de 1930, começa o período caracterizado pelo ensino da capoeira nas academias, que vigora até hoje. Dentro dele, um segundo movimento se inicia em 1960. A repressão anterior a Vargas ainda prejudicava a realização de rodas no Rio e Recife, fazendo com que a Bahia fosse o único lugar onde se jogava a capoeira. Em 60 forma-se o grupo Sensala, no Rio, integrado por um grupo de adolescentes da classe média, que tiveram aulas com mestre Bimba na Bahia.

Para Nestor, “este estilo, que na verdade deveria ser chamado de Regional-Senzala, e a nova mentalidade tornam o ensino da capoeira ainda mais racional”. A partir de 1970, a capoeira começa a se expandir por todo o Brasil, sob a influência da nova corrente. Em 1985, o estilo Sensala é praticamente hegemônico, com dez mil

*A liberdade de estilo é defendida por vários capoeiristas, ampliando assim o leque de conhecimentos dos jogadores*



professores e cem mil praticantes estimados.

“Vale ressaltar que esta ascendência do Sensala aconteceu paralelamente à implantação de um sistema político, social e econômico após o golpe de 64, com características especiais, como o atrelamento da economia ao exterior e o uso da TV como *agente pedagógico*, ao mesmo tempo que estimulava o consumo”, afirma Nestor.

Para o mestre, tanto o Sensala quanto os grupos por ele influenciados tinham valores semelhantes: uniformização dos diferentes estilos de jogo e graduação, perda das singularidades dos sistemas regionais em benefício do que chamavam Unificação Nacional. “Características opostas à capoeira tradicional”, afirma.

Na década de 80 acontece uma mudança significativa: a geração Sensala, que se aproximava dos 40 anos, percebe que em breve se transformaria numa velha guarda destronada, já que eles mesmos tinham derrubado valores tradicionais. Então, chamam velhos mestres da *angola* para freqüentar as rodas e dar aulas.

“Esses mestres fascinaram a todos e começaram a ser chamados para aulas em todo o país, não mais convocados apenas pelo Sensala. Hoje, há uma nova safra de angoleiros. Isto é bom, pois reintroduz a diversidade na





capoeira, que, se limitada, perde como escola de conhecimento e atividade cultural que é", completa Nestor.

Para Paulo Schettino, praticante há sete anos, a capoeira racional, objetiva e homogênea, que absorve certas características das lutas marciais, "tira o espaço da brincadeira, do imprevisível e da mandinga, que são as armas do capoeirista". Na sua opinião, jogar capoeira sem estar se divertindo, sem testar iniciativas novas, não tem serventia. "A diversidade também é muito importante porque existe uma troca e a gente aprende com o diferente. Isso sem falar que a padronização acaba atingindo também a parte musical, o toque do berimbau, os instrumentos, os cantos."

**A malícia e o jogo de corpo** — "A minha proposta atual é desmecanizar a capoeira, porque ela é algo que vem de dentro, que deve surgir de forma espontânea. O movimento da música também deve ser espontâneo, Aquelas músicas e toques de berimbaus todos iguais, devem ser esquecidos", diz Gil Velho. Para o mestre, até mesmo a *angola* acabou mecanizando o processo.

A capoeira deve dar chance a que o jogador crie o espaço do *permito* e exteriorize todas as informações culturais, interagindo com o movimento do outro. "É como se um lesse o jogo do outro. Aí está a troca e é com isso que vai ter a malícia. É aí que vou cortar os limites dos toques marcados, dos movimentos certos".

Mas o que é a malícia para alguns alunos de Gil Velho? Para Paulo Cirne, que treina há seis anos, "a malícia é como as pessoas chamam a espiritualidade da capoeira: é a brincadeira, a ginga de corpo, o som que vem do coração; sai de dentro, nasce com a gente". Para Henrique Zaluar, "é tudo aquilo que você faz para esconder a sua intenção e induzir o outro ao erro".

Fábia Schenell, que frequenta aulas há cerca de um ano, assinala que a capoeira "é um instrumento de autoconhecimento muito forte e a roda um espelho da vida, onde se percebe que não se está só e que se deve tentar interagir com todos os elementos". A capoeira também pode ser definida também como sentimentos que afloram, misturados ao som do berimbau, do atabaque, do pandeiro, do agogô; uma dança de expressão interior onde uma linguagem corporal própria se revela; uma brincadeira moleca.

## A música no comando

Na capoeira, a música conta histórias e conduz o ritmo do jogo. Se os golpes se tornam muito violentos, o toque do berimbau pode ser reduzido e o canto induz o jogador a se acalmar.

"Sou vagabundo confesso da turma de 71,  
eu já rodei o mundo,  
nunca pude encontrar  
lugar melhor pr'um vagabundo que o Rio à beira-mar

Ocloia Odofiaba salve  
minha mãe lemanjá!

café na cama eu gosto,  
com suco de laranja,  
mamão,

... e um finório em cima da mesa.  
Amanhã quando você for trabalhar  
tome cuidado para não me acordar;  
eu durmo tarde,

a noite é minha companheira.  
Salve o amor, a amizade  
a madrugada e a capoeira!"

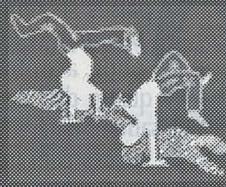
(Vagabundo confesso, de Nestor Capoeira)

"Capoeira é luta nossa,  
da era colonial,  
e nasceu foi na Bahia  
Angola e Regional.  
Capoeira!

É jogo praticado na terra de São Salvador  
Manuel dos Reis Machado,  
ele é fenomenal,  
ele é o mestre Bimba  
criador da Regional.  
Capoeira!"

"Ai, ai Aidê, joga bonito que eu quero ver  
joga bonito que eu quero aprender"

(Músicas tradicionais, tocadas nas rodas de capoeira)



# A CIDADANIA SEXUAL EM DEBATE

*A sexualidade, um tema da vida privada, é discutida por pesquisadores de 20 países*

Elias Fajardo

**Q**uando representantes de 20 países se reúnem para repensar a sexualidade, tudo pode acontecer. Durante quatro dias de abril, pesquisadores da área do comportamento de nações com tradições distintas, como Brasil, Cuba, Estados Unidos, Papua Nova Guiné, China e Índia, apresentaram e discutiram 32 trabalhos no Rio de Janeiro.

O resultado foi um grande painel das tendências teóricas e das práticas em torno do comportamento sexual. Não faltaram momentos de humor, como quando John Bancroft, diretor do Instituto Kinsey, responsável pelo famoso Relatório Kinsey, que pesquisou a vida sexual do norte-americano na década de 40, comentou: "Quando digo sexo, estou tratando da relação entre homem e mulher, não do resto." Muitos outros pesquisadores trataram "do resto", como homossexualismo masculino e feminino, mudança do comportamento visando a prevenção da Aids, sexualidade e saúde reprodutiva, relações de gênero e poder.

O sexo, algo que pertence à esfera privada, foi discutido abertamente, sem meias palavras. Isto dentro de uma perspectiva de troca de experiência entre os países do Norte e os do Sul, numa tentativa de "buscar o universal através do exame do particular", como disse a nor-

te-americana Carole Vance, da Escola de Saúde Pública da Universidade de Colúmbia. Para ela, "a ciência social é o terreno da diversidade e os conceitos de masculino e feminino variam em cada cultura, de acordo com a organização das atividades econômicas, tradições culturais etc."

A maioria dos pesquisadores presentes considera a sexualidade uma construção social e cultural, um campo do Direito e da luta pela cidadania, onde ocorrem conflitos pelo poder. De maneira geral, reivindicou-se mais democracia na sexualidade, permitindo que o relacionamento amoroso e sexual não seja uma arena onde o mais forte exerça domínio sobre o mais fraco, mas sim um lugar de encontro, onde se busque o prazer recíproco, ne-

*No seminário, pesquisadores defenderam que o relacionamento amoroso seja baseado no entendimento entre as partes, sem o domínio de um sobre o outro*





de Janeiro — responsável pela organização do encontro: "É preciso buscar uma maneira tolerante de vivenciar e discutir a sexualidade. Quando há respeito pela diferença, as pessoas são mais felizes e vivem mais democraticamente."

**Cenário difícil** — Richard defende a idéia de que a cidadania política e a cidadania sexual se baseiam no direito "de viver sua vida sem prejudicar e impor aos outros um padrão que eles não queiram. É preciso reconhecer o direito do outro existir como ele é".

Mas não é fácil construir tal cenário neste final de século, sobretudo na América Latina. Segundo Richard, "aqui a cidadania política foi muito reprimida durante as ditaduras militares e hoje se vive o processo de redemocratização em todas as áreas. No campo da sexualidade, luta-se pelos direitos das mulheres e dos homossexuais e há muitos avanços. Mas assim como há dificuldade na construção da cidadania política, há também no terreno sexual. A cidadania precisa de leis, mas não se constrói só no espaço legal. Ela se dá também na vida cotidiana, em cima da solidariedade, isto é, da capacidade de olhar para o outro e entender o sofrimento dele como se fosse nosso. Só quando se consegue isto, é possível viver um cotidiano solidário e ético".

Uma outra tendência na conferência Repensando a Sexualidade — Perspectivas Internacionais sobre Gênero, Sexualidade e Saúde foi a proposta de ligar o saber acadêmico com o ativismo político. Muitos pesquisadores presentes não estudam apenas para satisfazer a curiosidade intelectual, mas para empregar seus conhecimentos na transformação da realidade. Vários deles são também mi-

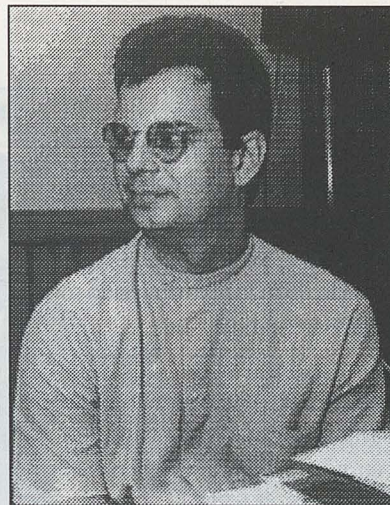


Sonia Correia: pesquisa aliada à militância

litantes de entidades de prevenção da Aids e líderes feministas. A brasileira Sonia Correia, do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) e da Comissão Brasileira de Cidadania e Reprodução, afirma que "é importante manter a pesquisa e a análise enquanto atuamos no nível político e das políticas de saúde, e articular estes dois níveis".

A Aids e as ameaças à saúde da mulher através do comportamento sexual foram os temas mais debatidos. O Brasil é hoje um dos países do mundo em que a doença mais avança entre as mulheres, sobretudo mulheres casadas monogâmicas. Neste ponto, surgiu uma grande indagação: como modificar o comportamento coletivo visando a adoção do sexo seguro? Como fazer com que a mulher, normalmente dominada pelo homem, negocie com seu marido ou parceiro o uso da camisinha? O inglês Peter Aggleton foi enfático ao confessar: "Não sabemos como mudar comportamentos."

A tendência à negociação no terreno sexual foi analisada pela médica Regina



FOTOS: RICARDO COSTA

Richard Parker: Solidariedade para obter cidadania sexual

Barbosa, do Instituto de Medicina Social da Uerj.

Segundo Regina, "é preciso haver um entendimento entre a mulher e o homem para adotar práticas que evitem a Aids. Para isto, é necessário aumentar o acesso à informação sobre as formas de proteção em relação ao HIV e às doenças sexualmente transmissíveis". Para Regina, "as posições de poder entre homem e mulher na relação amorosa não são tão fixas e rígidas. Ao contrário da idéia de que a mulher não sabe negociar, sinto que talvez ela saiba mais do que o homem; muitas vezes o homem acaba consentindo em negociar mais do que normalmente se imagina".

Segundo a norte-americana Carole Vance, a sexualidade "é um guarda-chuva onde cabem muitas manifestações diferentes. A vida sexual entre homem e mulher pode ser enriquecida por novas formas de sexualidade".

No momento, as ciências sociais vivenciam o que Sonia chama de um novo "recentramento do corpo": este volta a ser o centro das atenções. Mas,

### **Um dos desafios para reduzir o avanço da Aids é alterar o comportamento coletivo, priorizando**

segundo a peruana Maria Raguz, coordenadora das Redes Jovens de seu país, "o corpo não pode ser visto isolado da mente e do social, desvinculado do contexto. O que ressalta em nossos estudos, o aspecto do indivíduo ou o lado social? Os dois são ligados".

**O fortalecimento da mulher** — A palavra-chave para entender o que aconteceu na conferência é *empowerment*, que poderia ser traduzida precariamente por "empoderamento", ou seja, o processo de fortalecimento de grupos sociais específicos, entre eles as mulheres.

"As mulheres desejam o poder", diz a norte-americana Rosalind Petchesky, fundadora do Grupo Internacional de Pesquisa e Ação em Direitos Reproduti-

vos. "Querem poder sobre o corpo, sexualidade e fertilidade; garantir a renda; trabalhar fora significa independência e poder", explica a professora do Hunter College, da Universidade da Cidade de Nova Iorque.

O homossexualismo masculino foi tema de vários trabalhos apresentados. O psicólogo mexicano Juan Carlos Hernández, defende a tese de que, em cidades do sudoeste do México, na província de Veracruz, a bissexualidade faz parte da construção da masculinidade. Hernández diz que a região tem grande diversidade sexual, e que jovens de 13 a 20 anos costumam se relacionar com homens, mas só ativamente. Depois dos 20, se casam e abandonam em sua maioria a prática. São chamados *mayates*, e

todos sabem do assunto, inclusive as namoradas deles.

Segundo Hernández, a liberalidade não se limita aos homens. Em alguns povoados, as mulheres têm amantes tolerados pelos maridos, desde que sejam adolescentes. São chamados *mapaches*, nome de um pequeno animal que só aparece à noite. Os *mapaches* ajudam as mulheres nos trabalhos pesados e dormem com elas quando o marido está fora pescando. "Não me incomoda o *mapache*", disse um entrevistado, "pois quando chego em casa, minha mulher está feliz." Em alguns povoados montanhosos de Veracruz, o amante tolerado pelo marido deve ser um homem mais velho, chamado de "querido", e ajuda a família da amante.

## UMA EXPERIÊNCIA CUBANA CONTRA A AIDS

"Cuba tem um projeto social diferente do resto do mundo. Enfatiza-se o todo; a estrutura visa intervenções sociais. Isto permite apoiar qualquer tipo de doente. No caso da Aids, reforça-se a necessidade da pessoa saber se é soropositiva logo, para ser assistida pelo Estado e tratada o mais cedo possível, o que possibilita melhor qualidade de vida." O diagnóstico é do médico Jorge Pérez Ávila, subdiretor de Atenção Médica do Instituto de Medicina Tropical e diretor do Sanatório de Santiago de Las Vegas, em Havana.

Através de um sistema de referência e informação do Programa Nacional de Controle da Aids de Cuba, os médicos pedem que os soropositivos revelem o nome dos parceiros sexuais, que são procurados.

A incidência de Aids na ilha é 15 vezes menor do que no Brasil. O país tem 759 portadores do vírus HIV e 650 pessoas internadas. Desde 1986, quando o primeiro caso foi notificado, 306 pessoas já morreram devido à doença.

"A educação do soropositivo é muito importante", afirma o médico Juan Carlos de la Concepción, que faz mestrado no

Instituto de Medicina Social da Uerj. "Ao trabalharmos o soropositivo, o protegemos de reinfeção pelo HIV e de outras doenças transmissíveis sexualmente. Como o HIV é muito mutante e há vários tipos de vírus, uma pessoa já infectada pode contrair um tipo diferente", afirma. "Assim, também estamos protegendo o soronegativo", diz Juan.

O sistema cubano inclui rede de 13 sanatórios. De 1986 a 89, os doentes e os soropositivos eram internados nos sanatórios. A partir de 89, passaram a optar entre a internação e o tratamento em ambulatórios. Juan diz que o doente conserva seu salário e não sofre discriminação por parte do Estado. O gasto mensal do governo é de US\$ 2.700 por doente e de US\$ 1.950 por soropositivo.

A sobrevivência de um cubano com Aids, desde que apresenta sintoma da doença, é de 24 meses, duas vezes a média brasileira. Cuba tem um dos menores índices de propagação da Aids no mundo e há uma estagnação da transmissão da doença. Um dos motivos é a existência do médico de família.

Para quem pensa que a discussão sobre sexualidade não é prioritária, sobretudo no Terceiro Mundo, onde muitas pessoas morrem de fome, o depoimento da indiana Renu Khanna, da Sociedade para Alternativas de Saúde, é significativo. "Há alguns anos, achava que qualidade de vida, educação, cuidado com os filhos eram temas mais importantes do que a sexualidade. Mas uma ginecologista me contou sobre uma mulher que sofria do-

res horríveis, consequência de uma doença pélvica inflamatória crônica. Mesmo assim não conseguia dizer não ao marido que chegava toda noite bêbado e a obrigava a fazer sexo. Diante de casos como este, me convenci de que a sexualidade é aspecto vital da experiência humana".

**O drama da Aids na África** — Na África, é vertiginoso o avanço da pandemia da Aids, sobretudo entre as mulheres. Na África Central, calcula-se que, para cada homem infectado, haja uma mulher também infectada. Michael Mbitzo, da Universidade do Zimbábue, estima que em seu país a doença já atingiu 200 mil pessoas, quatro vezes mais que os números oficiais. Os soropositivos seriam um milhão numa população de 10,5 milhões de pessoas. No Zimbábue, um estudo mostrou que 18% das grávidas eram portadoras do HIV e que 84% delas foram contaminadas pelos maridos.

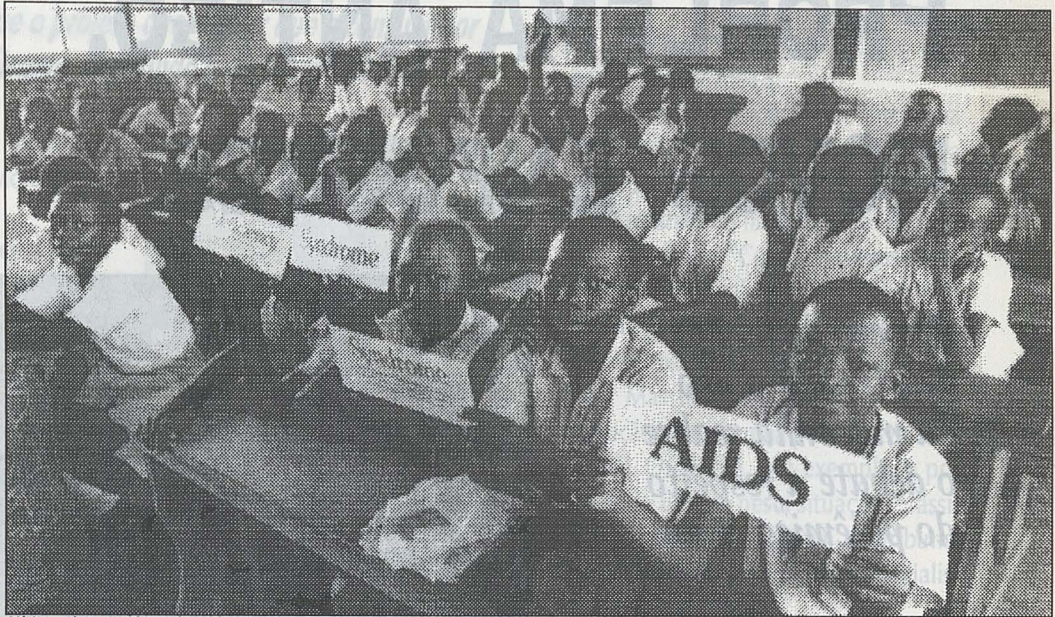
Mbitzo informou que a doença ain-

da avançará nos países em que chegou mais recentemente, como o Zimbábue, Malawi, Botsuana e África do Sul. Em nações como a Nigéria e Uganda, a Aids já ameaça cerca de 30% da população. E em Zâmbia a pandemia dizimou centenas de povoados e ainda provoca filas de funerais nos cemitérios de Lusaka, a capital.

Na África, pesquisadores tentam convencer a população a abandonar comportamentos de alto risco. No Zimbábue, os homens incentivam as mulheres a usar produtos (entre eles ervas) que deixam a vagina ressecada e apertada. Isto provoca ferimentos que facilitam a entrada do HIV no organismo feminino. Há uma campanha para acabar com tal hábito. E em Zâmbia, segundo o antropólogo norte-americano Carl Kendall, era comum a viúva passar a dormir com o irmão mais velho do marido depois da morte deste. Em tempos de Aids, a mulher acabava infectando o cunhado. "Hoje, o hábito foi substituído por um gesto simbólico, que não envolve sexo", diz Carl.

Para proteção mais eficaz contra a Aids, foi apontado o uso do espermicida e da camisinha feminina, que está em testes em vários países do mundo, inclusive o Brasil. O preservativo feminino é feito de poliuretano e, como é colocado na vagina da mulher, tem a vantagem de ter seu uso controlado por ela e não pelo homem. Mas é mais caro do que a camisinha de vênus.

Houve um consenso na conferência no sentido de que, para diminuir a desigualdade no campo da sexualidade, o mais correto seria batalhar pelos direitos sexuais. Um texto distribuído durante os debates reivindicava a inclusão deles entre os direitos humanos básicos, entendendo direitos sexuais como "pleno respeito à integridade física do corpo humano; direito à saúde sexual e reprodutiva; direito à informação e serviços, com respeito à privacidade, e finalmente o direito de tomar decisões sobre sexualidade e reprodução livre da discriminação, coerção e violência". ●



Vários países da África vêm sofrendo com o crescimento da Aids, tomando indispensáveis campanhas de conscientização entre jovens e adultos

# PROBLEMA ANTIGO, NOVOS ENFOQUES

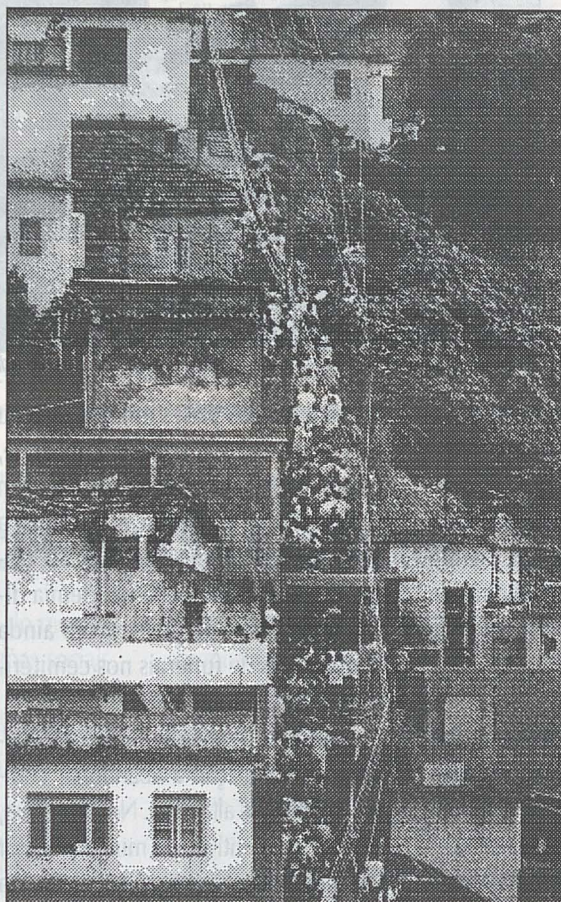
*Projeto de lei que discrimina o uso da maconha reabre o debate a respeito do polêmico tema*

*Beatriz Lima e Elias Fajardo*

**A** mudança na política de drogas do país é defendida por muitos brasileiros, principalmente por já reconhecerem a dificuldade de combater o narcotráfico através da repressão policial. A discriminação do uso da maconha é o tema de projeto de lei que aguarda votação no Congresso Nacional.

Pesquisa realizada por uma revista semanal no início do ano constatou que a maioria dos entrevistados (50,9%) é favorável à discriminação do uso da maconha (*Cannabis sativa*). E 20,3% das pessoas entrevistadas admitiram já ter experimentado a erva.

A mudança de mentalidade na sociedade brasileira a respeito do assunto foi reforçada por pronunciamentos a favor da discriminação da maconha vindos de autoridades, como o ministro da Justiça, Nelson Jobim. A primeira-dama do país, Ruth Cardoso acha que o importante é combater o traficante e não penalizar o usuário.



*Os traficantes controlam áreas carentes e fazem delas base para a venda de drogas, obrigando que consumidores se arrisquem pelo vício*

Há diferenças de sentido importantes em expressões muito usadas neste debate: "discriminação" e "legalização". "Discriminar" significa deixar de considerar criminoso o ato de consumir drogas; porém os tóxicos continuariam sendo apreendidos. "Legalizar" é liberar de forma total a venda e o consumo.

O projeto de lei que prevê a discriminação do consumo da erva tem como principal articulador o deputado

federal Fernando Gabeira (PV-RJ). "A intenção é evitar que o usuário seja preso como traficante, o que acontece atualmente", assinala. A tendência da aprovação de leis que facilitem a repressão ao traficante (o grande beneficiário da venda ilícita de drogas) cresce em muitos países. Ao mesmo tempo,

se estabelece um tratamento diferenciado e mais brando para quem usa drogas leves e é flagrado com pequenas quantidades.

Gabeira explica que o projeto deve ser incluído como norma complementar à lei nº 6.368/76, que trata sobre a política de drogas. Um dos resultados mais importantes da mudança na legislação seria, na opinião do parlamentar, a diminuição da corrupção policial. "E tira-

### **Fernando Gabeira diz que o projeto quer evitar que o consumidor seja tratado como o traficante, reduzindo a corrupção policial**

ríamos o poder das mãos dos traficantes, os maiores responsáveis pela violência no país", afirma.

O projeto de lei reconhece o tráfico como crime internacional, providência há muito defendida pelo ministro Nelson Jobim; prevê a quebra de sigilo bancário diante da suspeita clara de lavagem de dinheiro do narcotráfico e a possibilidade do governo distribuir seringas para os viciados em drogas injetáveis. Também seria promovida ampla campanha de divulgação e educação a respeito das drogas.

**Educação e informação** — A discriminação da maconha vem gerando preocupação entre alguns setores da sociedade, como a Igreja e o Judiciário. "O consumo de maconha é um passo para o uso de drogas pesadas. Não devemos discriminar sem antes esclarecer que ela é maléfica ao organismo", argumenta o pastor evangélico Francisco Velloso. Ex-viciado, o pastor acha que o importante é intensificar o trabalho de recuperação dos drogados e lutar para que o Estado custeie todo o tratamento.

A revista *Drogas e sociedade* publicou relatório onde informa que as drogas ilegais no Brasil — cocaína, crack, maconha e heroína — juntas não chegam a representar 1% do consumo total de drogas verificado no país.

Os maiores vilões são o álcool e o fumo, que respondem por 5,4% do PIB, o equivalente a US\$ 25 bilhões, e os solventes (cola de sapateiro, acetona, éter), além de medicamentos como xaropes, moderadores de



apetite, ansiolíticos e barbitúricos. Todos são tolerados pela sociedade e amparados pela legislação.

O psicanalista Richard Bucher, professor da Universidade de Brasília, explica que algumas famílias "absorvem e, muitas vezes, até encobrem casos de alcoolismo; mas nos casos de uso de maconha, o viciado sofre discriminação. Há uma mistificação em torno do uso de drogas. Em muitos casos os pais bebem, fumam e usam psicotrópicos. Mas quando descobrem que o filho fuma maconha, fazem escândalo. Na verdade, 95% dos que fumam maconha para experimentar nesta fase não passam disso." Bucher acredita que os lobbies do álcool, fumo e psicotrópicos têm muita responsabilidade por essa situação. A propaganda de bebida alcoólica é mais forte no Brasil do que em outros países.

O psicanalista João Batista Ferreira considera a cocaína uma droga pesada, devendo ser tratada de modo diferente da maconha, que estaria para

a cocaína como uma atiradeira está para um fuzil AR-15.

Muitos profissionais que atuam na área jurídica admitem que o emprego da força policial não tem alcançado resultados satisfatórios na diminuição do consumo de drogas. "Consumir drogas é uma decisão individual e não deveria ser motivo de prisão, até porque o consumidor não vai sair da cadeia um cidadão melhor. Mas devemos analisar a discriminação do uso numa perspectiva mais global. Qual será, por exemplo, a posição de um pai nesta situação?", assinala o juiz Eduardo Mayr, do Tribunal de Alçada Criminal do Rio, especialista em Direito Penal.

"Devemos verificar se as leis vigentes são aplicáveis", diz. E lembra que quando a legislação atual foi aprovada, ela refletia os interesses internacionais de proibir o tráfico ilícito no país. "Se não reprimirmos o uso, como poderemos reprimir o tráfico? É uma incoerência", questiona.

A solução para o consumo exagerado de drogas, segundo Mayr, poderia ser o aumento da prevenção e o cumprimento da lei atual, que pressupõe uma metodologia de combate às drogas nunca executada.

"As velhas táticas de intimidar e amedrontar fracassaram. A existência da maconha, como das outras drogas, é uma realidade deste fim de século e isso vai continuar. Com as mudanças na sociedade e as conquistas do livre-arbítrio, as pessoas vão se confrontar com a droga e superá-la através da confiança em si mesmas", argumenta Fernando Gabeira. "Na maioria das vezes o álcool e o tabaco são muito mais nocivos e nem por isso deixaram de ser legalizados", diz o deputado. ●

## EM BUSCA DA CIDADANIA



As mulheres desejam promover suas próprias colegas para cargos de responsabilidade política, ajudando assim a consolidar a democracia na América Latina

### *Mulheres latino-americanas se unem para pressionar pela implantação dos compromissos assumidos na Conferência de Beijing*

*Estrella Gutiérrez*

**P**assada a ressaca da IV Conferência Mundial sobre a Mulher, realizada em Beijing, em setembro, o movimento feminino organizado da América Latina e do Caribe começou este ano uma nova batalha: a conquista da cidadania. Esse é o eixo pelo qual estarão ligados todos os demais objetivos até o fim do milênio, declarou a venezuelana Nora Castañeda ao resumir o processo de avaliação pós-Beijing.

A partir de agora, a mulher latino-americana vai lutar para deixar de ser objeto e se tornar sujeito ativo da to-

mada de decisões sobre seu destino e o de suas sociedades. "Esse é ponto de partida para o exercício da verdadeira cidadania", explicou a dirigente.

Em uma série de reuniões nacionais, sub-regionais e regionais, as mulheres do continente determinaram que as organizações não-governamentais vão supervisionar "passo a passo" o cumprimento dos compromissos assumidos na Conferência pelos seus respectivos governos. As autoridades latino-americanas e caribenhas encomendaram à Comissão Econômica para a

América Latina (Cepal) a avaliação dos acordos de Beijing durante o triênio 1996-98. E o movimento regional de mulheres decidiu manter mecanismos de supervisão e pressão sobre a Cepal e em geral sobre as Nações Unidas para que os acordos dos governos em favor da mulher se traduzam em ações, explicou a uruguaia Lilian Celiberti. Ela foi a coordenadora das atividades no Fórum Regional de ONGs que se realizou na cidade chinesa de Huairou paralelamente à conferência oficial e participou do encontro de dirigentes que definiu as novas tarefas, em Lima, a capital peruana.

Castañeda, catedrática na principal universidade da Venezuela e líder da Frente Continental de Mulheres, indicou que a cidadania virá com a busca

de liderança feminina. "Temos que promover mulheres cidadãs e mulheres líderes", acrescentou. Outra decisão das mulheres latino-americanas é mudar o enfoque de luta, incorporando sempre que possível a questão dos direitos humanos. Assim, por exemplo, em vez de concentrar a batalha na luta contra a violência o farão sobre o direito à não-violência. Também se decidiu dar mais ênfase aos direitos coletivos do que os individuais. "Trata-se de olhar o problema macro, saindo em defesa de direitos sócio-econômicos, jurídicos e éticos da mulher", explicou Castañeda.

Celiberti precisou por sua vez que será solicitado aos governos a revisão dos índices de desenvolvimento humano, para incorporar em todos e com mais detalhe o aspecto de gênero. "Queremos índices de cidadania-mulher", disse a dirigente uruguaia.

A construção da cidadania das mulheres passa por uma maior participação no poder público, o que assegurará uma melhor e mais ampla governabilidade na região. O movimento de mulheres acha que os governos latino-americanos, dominados por homens, estão sendo questionados pela população por não ter dado resposta a problemas históricos do continente, como a pobreza, além de ter permitido o agravamento de outros, como a corrupção, a violência e o narcotráfico. Porém, o movimento feminista sabe, segundo Celiberti, que "a força da sociedade civil – e em particular das mulheres – ainda não é suficiente para incidir nas decisões do poder econômico e político". Daí a responsabilidade dos grupos organizados, que para poder assegurar as mais importantes conquistas da conferência



*A Conferência de Beijing adotou importantes decisões que devem ser postas em prática pelos governos*

de Beijing devem articular um movimento político de mulheres com objetivos transparentes.

**A agenda social** – Em Beijing, o movimento de mulheres da América Latina – onde se aglutinaram feministas, ONGs e grupos de base – atuou de forma organizada, ao contrário dos governos regionais, cuja fragmentação ficou nítida. O desafio agora é dar continuidade a esse processo, resolvendo temas como organização e especialização, novos mecanismos de relação entre países e grupos, assim como unidade em fóruns e diante da agenda internacional.

Para essa tarefa, se iniciou na América Latina e no Caribe um debate que se prolongará por vários meses, sob a coordenação da feminista peruana Gina Vargas, que está conduzindo o movimento nesta nova fase. Ao analisarem as conquistas na Plataforma de Beijing, o balanço realizado pelas mulheres é positivo. O maior número de vitórias foi atingido na chamada "agenda das feministas tradicionais", como, por exemplo, nos compromis-

sos assumidos em relação à saúde reprodutiva. Mas não tiveram o mesmo êxito as demandas sociais e econômicas. "A chamada *outra* agenda, a das mulheres pobres, foi deixada de lado", pontualizou Castañeda.

De fato, reivindicações sobre a feminização da pobreza, a dupla e tripla jornada de trabalho da mulher, os problemas da comunidade indígena e negra não foram atendidos em Beijing, e essa agenda continua vigorando. Mas, em geral, as dirigentes coincidem em que a aprendizagem de 1995 melhorou a capacidade de negociação do movimento de mulheres. "Sabemos agora que a unidade e os pontos em comum não excluem a diversidade e especificidade", resumiu Castañeda.

"Por exemplo, para as mulheres negras latino-americanas, racismo, identidade e pobreza são temas fundamentais. Para a maioria das mulheres argentinas, não. Mas os dois planos, o comum e o específico, podem coexistir, fortalecendo e não limitando o movimento", assinalou a dirigente venezuelana. ●



EM

# O MUNDO

# IMAGENS



1) O presidente Boris Ieltsin foi reeleito com uma margem de 15% dos votos no segundo turno das eleições, realizado em 3 de julho passado, derrotando o comunista Guennadi Zyuganov.

O primeiro-ministro Viktor Chernomyrdin foi mantido no cargo e o general de reserva Alexander Lebed, o terceiro colocado no primeiro turno, mantém a estratégica Secretaria do Conselho de Segurança. Ieltsin o nomeou, visando ganhar o seu apoio, logo após a primeira consulta popular.

2) O exército da Tailândia desmentiu a notícia de que tivesse confirmado a morte do líder cambojano Pol Pot, do Khmer Vermelho. Acusado de genocídio por ter provocado a morte de cerca de três milhões de pessoas nos quatro anos (1975-79) de seu repressivo governo de extrema esquerda, Pol Pot, segundo versões não-confirmadas, teria morrido de malária em junho passado, nas selvas da Tailândia.

3) O Partido Comunista do Vietnã realizou em julho o seu Congresso Nacional anunciando mudanças que reforçam a segurança. Exponentes da nova geração foram promovidos a cargos-chave e foi desacelerada a política de abertura econômica impulsionada até agora.

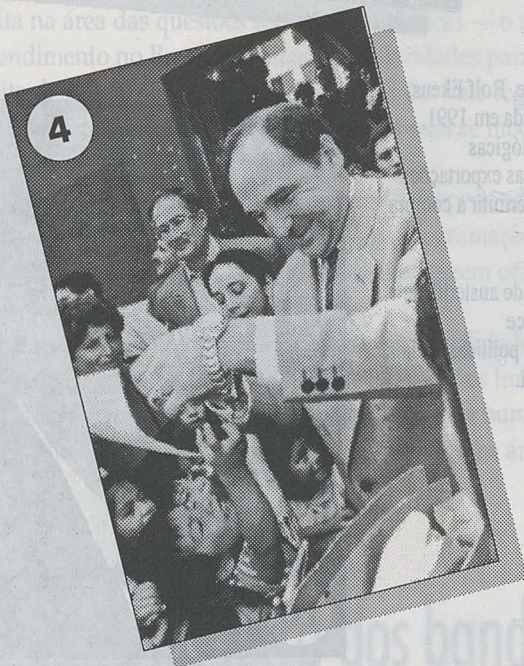






4) O candidato Abdala Bucaram, de centro-esquerda e duro crítico das teses neoliberais do seu adversário, Jaime Nebot, ganhou o segundo turno da eleição presidencial no Equador com 54% dos votos e deve assumir no próximo 10 de agosto. O ministro das Finanças de Bucaram será Rodrigo Paz, ex-prefeito de Quito, a capital, que ocupou a mesma pasta nos governos de Jaime Roldós (1979-81) e Osvaldo Hurtado (1981-84), que deram ênfase às questões sociais. Pela primeira vez, a vice-presidência será ocupada por uma mulher, a professora universitária Rosalia Arteaga, de 38 anos.

5) O Chile e a Bolívia são os dois novos parceiros do Mercosul. Na reunião realizada em San Luís, Argentina, em fins de junho, o Chile formalizou a sua incorporação, enquanto a associação da Bolívia está prevista para 1º de janeiro de 1997. Os dois países ocupam posição estratégica no Pacífico e na área andina, respectivamente, e vão contribuir para o fortalecimento do bloco. O Chile é uma ponte importante do Mercosul com os tigres asiáticos, e a Bolívia tem um enorme potencial energético, sobretudo em gás natural.



6) Um insólito acordo entre os dois velhos caudilhos rivais da República Dominicana, Joaquín Balaguer e Juan Bosch, levou o jovem professor Leonel Fernández à vitória no segundo turno das eleições presidenciais desse país. Com 51,25% dos votos, Fernández derrotou José Francisco Peña Gómez, social-democrata, vencedor do primeiro turno. O racismo foi determinante na aliança entre os velhos adversários, que tinham em comum o desejo de evitar que o país tivesse pela primeira vez na história um presidente negro.

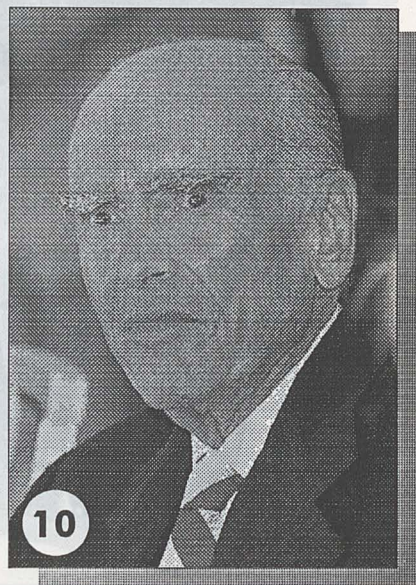
6) Nas eleições de outubro, a população da Nicarágua vai eleger o presidente que substituirá Violeta Chamorro, que se negou a candidatar-se à reeleição. "Nem que o povo me peça isso diretamente, aceitarei", disse. Também serão eleitos os novos membros do Poder Legislativo e as autoridades municipais, em meio a um agitado ambiente político, marcado pelo descontentamento popular com as reformas estruturais e a crescente pobreza. Os sandinistas, que chegaram ao poder em 1979, com o triunfo do movimento revolucionário, estão divididos: por um lado está a candidatura do ex-presidente Daniel Ortega, e por outro a do seu vice, Sérgio Ramírez, que abandonou a Frente Sandinista e encabeça uma aliança dos segmentos populares mais moderados.



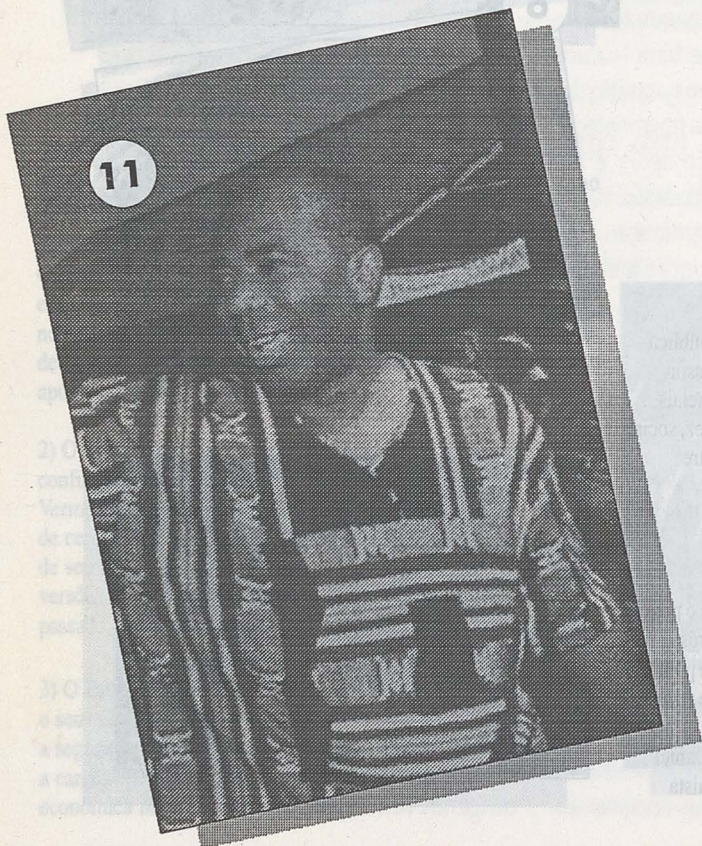


8) O chefe da comissão especial da ONU para o desarmamento do Iraque, Rolf Ekeus, afirmou que ainda há nesse país armas proibidas. A comissão, estabelecida em 1991, depois da Guerra do Golfo, verifica os arsenais de armas químicas e biológicas do Iraque, cuja total destruição é uma pré-condição para a suspensão das sanções sobre as exportações de petróleo, impostas pela ONU. Uma flexibilização do embargo já foi aprovada para permitir a compra de alimentos.

9) Os sindicatos alemães realizaram numerosos protestos em todo o país contra o plano de austeridade do governo de Helmut Kohl, que tem contribuído para elevar de forma alarmante o índice de desemprego. Os trabalhadores exigem que o governo mantenha e até solidifique as políticas sociais, que amenizam os efeitos da crise sobre os segmentos mais humildes da sociedade alemã.



10) Morreu em 23 de junho, vítima de ataque cardíaco, o primeiro-ministro da Grécia, Andreas Papandreu, de 77 anos. Fundador e líder do Movimento Socialista Pan-Helênico (Pasok), Papandreu foi o primeiro socialista a chefiar um governo na Grécia, em 1981. Em 1993 foi reeleito, mas teve que se afastar da administração em janeiro deste ano por motivos de saúde.



11) O novo presidente de Serra Leoa, o civil Alhaji Ahmed Tejan Kabbah, assumiu o cargo no final de março, após quatro anos de regime militar, prometendo libertar a nação africana da tirania, ignorância, desnutrição e fome. Tejan Kabbah exerceu altos cargos no Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) e a sua posse representou o auge do processo de transição para a democracia, que levou dois anos. O ex-chefe de Estado, general Julius Maada Bio, tentou adiar as eleições alegando que era necessário aguardar a pacificação do país, assolado pela guerra civil desde 1991. Agora, o desafio de pôr fim à guerra fica com o novo governo civil.

## CAPA

O segundo trimestre de 1996 foi marcado pela greve nas universidades públicas brasileiras, quando os profissionais agitaram bandeiras por um melhor financiamento para a educação e por mudanças que assegurem maior qualidade ao ensino

Junho / Julho 1996 • Nº 195 • ANO XXI

## 2 CARTAS

### CAPA

- 4 A universidade no divã
- 8 Momento de risco
- 12 Um grito pela ciência
- 14 Incubadoras desenvolvem tecnologia

### DIREITOS HUMANOS

- 16 Violência contra violência

### ESPAÇO DO LIVRO

- 23 O drama da saúde e a indústria da miséria
- 24 "O carteiro e o poeta": sensibilidade à flor da pele

### ORIENTE MÉDIO

- 28 Israel: Num terreno de areia movediça
- 31 Palestina: Quem são os jovens suicidas?

### ÁFRICA

- 34 Sudão: Implacável genocídio
- 37 Zâmbia: Que país é esse?

### AMÉRICA LATINA

- 38 México: "Comunicação tem mais força do que as armas"
- 40 Honduras: Desaparecidos, um passado que revive
- 41 El Salvador: O desafio da democracia
- 42 Chile: Os pobres pagam o pato
- 44 Trinidad e Tobago: Faltam braços no campo

### INFÂNCIA

- 45 Peru: O calvário dos inocentes

### DESENVOLVIMENTO

- 46 Alimentos para todos

### MEIO AMBIENTE

- 47 Venezuela: Riqueza vegetal amazônica

### PÁGINA ABERTA

- 48 Direito: um problema a ser analisado

## SUPLEMENTO

### CAPA

- 2 Capoeira: Linguagem corporal cheia de emoção

### COMPORTAMENTO

- 6 A cidadania sexual em debate

### DROGAS

- 10 Problema antigo, novos enfoques

### MULHER

- 12 Em busca da cidadania
- 14 O MUNDO EM IMAGENS

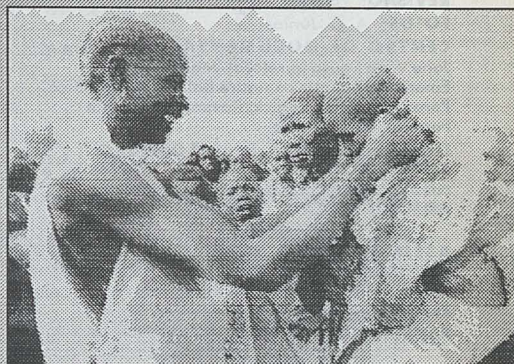
## SUMÁRIO

16

*Polícia e Exército violam direitos humanos na luta contra o crime no Rio de Janeiro*



*Os núbios, minoria negra do norte do Sudão, dominados pelos árabes, estão ameaçados pela repressão e pela fome*



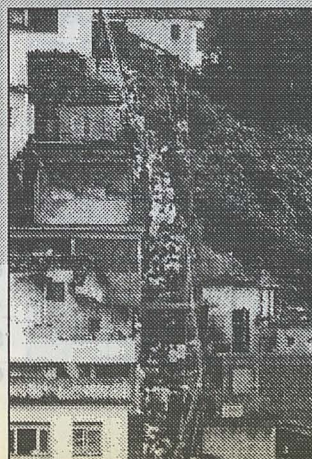
34

*No Chile, administradoras privadas de fundos de pensão mostram ser injustas com os trabalhadores de baixa renda*



42

*Projeto de lei que discrimina o uso da maconha reabre o debate a respeito do polêmico tema*



S.10

# CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO

Publicação com informação e análise das realidades e aspirações dos países emergentes

**DIRETOR:** Neiva Moreira  
**DIRETOR-ADJUNTO:** Pablo Piacentini  
**EDITORA-CHEFE:** Beatriz Bissio  
**EDITORES ADJUNTOS:** Marcelo Monteiro e Procópio Mineiro.  
**CONSULTORES ESPECIAIS:** Darcy Ribeiro (Brasil), Henry Pease Garcia (Peru), Eduardo Galeano (Uruguai) e Juan Somavia (Chile)  
**REDAÇÃO:** Beth Von Zuben (Rio de Janeiro), Carlos Lopes (Brasília), Roberto Bardini (México), Carlos Pinto Santos (Portugal), Cristina Canoura (Uruguai)  
**REVISÃO:** Valdenir Peixoto  
**FOTOS:** A. C. Júnior  
**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO:** Jessie Jane V. de Sousa (diretora), Marcelo Cabral Emerenciano, Marco André Balloussier, Mônica Pérez, Angélica Rogick, Rosângela Vicente Ferreira, Sílvia Arruda  
**DEPTO. DE ARTE E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA:** Nazareno N. de Souza (editor e capa), Roberto S. Lourenço e Macário Costa  
**ADMINISTRAÇÃO:** Henrique Menezes

**ASSINATURAS, CIRCULAÇÃO E VENDAS:** Edson Sanches, Marcelo Davi, Rogério Silva, Francisca Antonia, Ana Paula, Célia Faria, Izabel Nascimento e Hilario Brambilla  
Assinaturas - DDG 0800-25 7511

Uma publicação da **Editora Terceiro Mundo:**  
Rua da Glória, 122 Grupos 101/102 - 105/106 20241-180 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil  
Tel.: PABX: (021) 221-7511  
Fax: 55 21 252-8455  
Correio Eletrônico: [caderno@ax.ibase.org.br](mailto:caderno@ax.ibase.org.br)

**Sucursal em São Paulo:**  
Representante: Eugênio Diniz  
Rua Broias de Macaúbas, 124 - Jd. do Russel  
05205-230 - SP, Tel: (011) 802-4213/858-3574

**Sucursal em Lisboa:**  
Diretor: Artur Baptista  
Tricontinental Editora Ltda. Calçada do Combro  
10/1º andar. Lisboa, 1.200  
Tel.: 32-0650. Telex: 42720 CTM-TE-P

**REPRESENTANTES DE ASSINATURAS**  
Maringá - (0442) 22-4182, Recife - (081) 224-9609/0936, BH - (031) 226-7892, Juiz de Fora - (032) 234-2029, Brasília - (061) 226-7093/7949, Aracaju - (079) 211-1912, SP - (011) 802-4213/858-3574, Campinas - (0192) 36-0943, Porto Alegre - (051) 228-8636/5826, Fortaleza - (085) 252-4858, Curitiba - (041) 264-9969/252-7900/224-3319, Belém - (091) 224-7968, Uberaba - (034) 333-1635, Campina Grande - (083) 322-7536, Macapá - (096) 222-0855, Maceió - (082) 221-4322, Salvador - (071) 358-7416, Campo Grande - (067) 725-7451, Teresina - (089) 223-3542, Pato Branco - (046) 224-3319, Santa Maria - (055) 222-8463, Pelotas - (0532) 27-6922, Cuiabá - (065) 322-4127, Alagoas - (082) 326-5708

**CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO** utiliza os serviços das seguintes agências: ANGOP (Angola), AIM (Moçambique), INA (Iraque), IPS (Inter Press Service), SALPRESS (El Salvador), SHIHATA (Tanzânia), Wafa (Palestina), e o pool de agências dos Países Não-Alinhados. Intercâmbio com as revistas: Africa News (EUA), Altercom (Ilet-México-Chile), Third World Network (Malásia), Israel and Palestine Political Report (Paris) e Against the Current (EUA)  
Fotos: Agence France Presse (AFP)

# CARTAS

## APRENDER COM O ESPORTE

A utilização do esporte como instrumento de cidadania (cadernos, edição de novembro de 1995, seção Suplemento) não é nenhuma novidade, pelo menos no curso de Educação Física da Universidade Federal da Bahia, no qual desde 1988 discutimos e tentamos levar para as escolas públicas de Salvador e interior do estado uma abordagem crítica do desporto, superando os movimentos estereotipados dos gestos técnico-desportivos.

Os jovens devem ir à escola não para aprender um esporte, mas aprender com o esporte. Essa é nossa proposta maior. Esperamos que o senhor Edson Arantes do Nascimento não queira transformar as nossas escolas em fábricas de "pelés", "garrinchas" ou "rivelinos".

Wellington Araújo Silva  
Salvador - BA

## ENFOQUE INTERNACIONAL

Quero parabenizá-los pelo grande sucesso desta maravilhosa publicação no Brasil e em especial na minha cidade, Belém, onde a revista é bastante discutida entre professores e alunos do 2º e 3º grau, apresentando informações internacionais de extrema importância..

Como leitor e colecionador da revista, acho que seria muito importante se fossem publicadas reportagens sobre os seguintes assuntos: conflito nas Malvinas (que em abril completou 14 anos), a atual tensão existente entre a China e Taiwan e a recente derrubada de

aviões americanos por caças da força cubana.

Ivan Flávio Nascimento  
Rio de Janeiro - RJ

## DIDÁTICA

A qualidade e seriedade dos artigos publicados pela Editora Terceiro Mundo dispensam comentários: utilizo com frequência os artigos publicados na *cadernos do Terceiro Mundo* e *Ecologia e Desenvolvimento* nas duas disciplinas sob minha responsabilidade no Departamento de Geografia, da Universidade Federal de Uberlândia.

Como sugestão, seria interessante uma matéria sobre a Índia, no estilo que foi feita sobre a China, no número 192, da revista *cadernos*.

Vera Lúcia Salazar  
Uberlândia - MG

## PRECONCEITO CONTRA O NORDESTE

Com um ano de governo, se acentua a certeza de que o presidente Fernando Henrique Cardoso não é o presidente do Brasil, sim o "presidente" de São Paulo. Como exemplo, que sejam examinadas as verbas liberadas para o Nordeste em 1995. Apesar de esvaziada, a Sudene ainda conta a seriedade e credibilidade de seus técnicos. Embora com perseguições e ameaças sofridas, como pelo poderoso e alienado ministro Bresser Pereira, querendo anular um concurso para o quadro de pessoal, legalmente autorizado e

correto, numa atitude reconhecida como ilegal e arbitrária. Os ministros também podem ser julgados como competentes e incompetentes, não somente os servidores públicos.

José de Jesus Moreira Rêgo  
Brasília — DF

### RETIFICAÇÃO

Gostaria inicialmente de parabenizar esta revista e à jornalista Patrícia Costa pela reportagem *Hospitais psiquiátricos em questão*, de fevereiro/março, do qual participei como entrevistado. A reportagem traça um panorama bem-informado e atual do setor psiquiátrico no Brasil e a necessidade da sua reforma. Está bem escrita e reflete bem o debate político no setor, mostrando o espectro de posições a respeito.

Gostaria de apontar a necessidade de duas retificações. A primeira se refere à última frase da reportagem a mim atribuída: "Por outro lado, a aceleração da reforma psiquiátrica no Brasil pode resultar em negligência social." A afirmação é minha, mas isolada do contexto pode levar a interpretações errôneas sobre a posição que considero mais adequada. Ela se refere à possibilidade de buscar a extinção dos leitos psiquiátricos convencionais sem a substituição por serviços na comunidade. Devemos lutar pela continuidade e até acelerar a reforma, mas desde que seja acompanhada por vontade política e investimento material e humano em serviços substitutivos.

A segunda diz respeito a uma questão mais técnica. No quadro da página 18, a descrição do Núcleo de Atenção Psicossocial se refere na verdade ao Centro de Atenção Psicossocial. O Núcleo é um serviço de portas abertas 24 horas por dia, sete dias na semana, que atende a população de um território definido e com leitos para usuários que exigem cuidados mais intensivos. Oferece, também, medicação, oficinas, suporte pessoal, grupal e familiar para aqueles que freqüentam o núcleo por períodos variáveis do dia ou da semana. O núcleo representa o serviço mais diretamente substitutivo das hospitalizações convencionais. O quadro da página 19 exemplifica bem o funcionamento do Núcleo, através da experiência de Santos. Aproveito para manifestar meus votos de sucesso a esta importante publicação comprometida com a democracia e os interesses populares no país.

Eduardo Mourão Vasconcelos  
Rio de Janeiro — RJ

### CARTAS VIA CORREIO ELETRÔNICO

Os leitores de cadernos podem enviar mensagens para a revista através do correio eletrônico. O endereço é [caderno@ax.ibase.org.br](mailto:caderno@ax.ibase.org.br).

Em breve teremos uma *home-page* na Internet através da qual os leitores também poderão entrar em contato conosco.

## Intercâmbio

\* Paula Inara Rodrigues Melo  
Rua Gragoatá, 74  
Jardim Almo  
Belford Roxo — Rio de Janeiro

\* Kenny Rose de Oliveira  
Rua Barão de São Francisco 72  
Cep 36800-000  
Centro — Carangola  
Minas Gerais

\* Lidia Girsal Alonso Diaz  
Calle Paseo de Marti # 252  
Cumanayagua — Cienfuegos  
Cuba

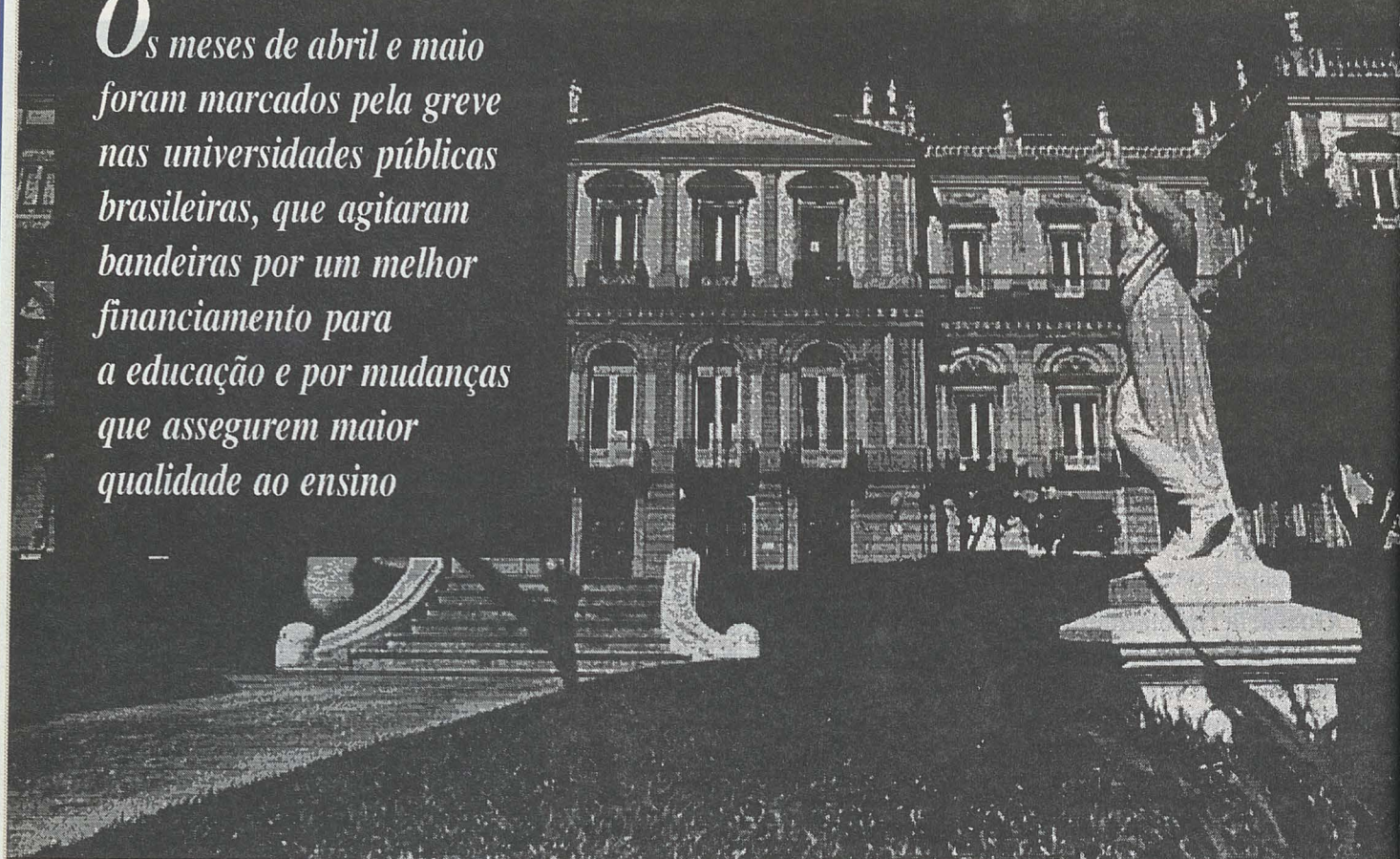
\* Marvelys Jiménez Ercia  
Calle 22 # 2110 e/ 21 y 23  
CP 52610  
Caibarién — Villa Clara  
Cuba

\* Mayumi Ortega Pérez  
Calle Tamarindo # 113 e/ San  
Indalecio y San Benigno  
CP 10500  
S. Suares — 10 de Octubre  
Habana — Cuba

\* Alina Carrazana Cabrera  
Calle Serafin Sanchez # 24 e/  
Coronel Montero y Amado  
Estevez  
Codigo 85100  
San Juan Bayamo — Granma  
Cuba

\* Yaquelin Hernandez  
Calle Paseo Martí # 275  
CP 57600  
Cumanayagua — Cienfuegos  
Cuba

*Os meses de abril e maio foram marcados pela greve nas universidades públicas brasileiras, que agitaram bandeiras por um melhor financiamento para a educação e por mudanças que assegurem maior qualidade ao ensino*



# A Universidade no divã

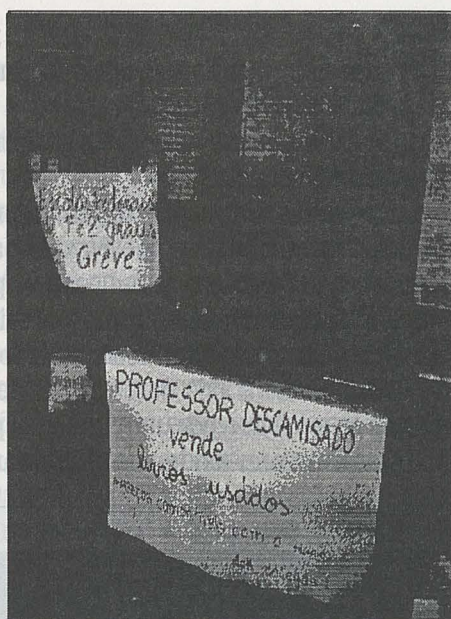
Procópio Mineiro

**A** universidade brasileira, local privilegiado de debates e criação, não poderia deixar também de refletir as dificuldades que caracterizam a vida nacional e compõem o que se expressa pela palavra crise. Fala-se em crise econômica, apesar do frango barato; fala-se da crise na política, apesar do rolo compressor de que dispõe o governo; crise na saúde, apesar do enorme volume de dinheiro dispendido anualmente no setor; crise na vida urbana e no campo, apesar das extraordinárias potencialidades do país. Não é estranho, portanto, uma crise na educação.

Todas elas preocupam, mas a maioria apresenta a possibilidade de solução rápida, se um acordo iluminar os envolvidos na questão. A da educação,

porém, provoca apreensões maiores, pois se trata da área que determina a qualidade de toda a sociedade por um vasto período. A insuficiência de hoje terá efeito ainda por muito tempo, da mesma forma que sua solução demorará a aparecer, mas, acontecendo, se refletirá por um longo período.

A crise da educação toca em questões como o nível de vida da população, o exercício da cidadania e as perspectivas de desenvolvimento do país. São temas que superam os limites de uma geração e as próprias fronteiras do país, pois tais aspectos se transformam em desafios urgentes, ante um mundo em aceleradas transformações e que, implacável, destina ínfimas taxas de felicidade às nações despreparadas. Como se sabe, à educação cabe deter-



minar o nível de aproveitamento que uma sociedade dá às potencialidades com que o acaso e a história a brindaram.

Estará o brasileiro se preparando de forma adequada para aproveitar o Brasil de que dispõe?

Os educadores protestam que não. E mostram que a maioria da sociedade está sendo alijada do conhecimento necessário para gozar dos benefícios que a cidadania garante — educação, trabalho, ingresso digno para viver e desenvolver dons e anseios.

Os estudantes denunciam o sucateamento do ensino e acusam o governo de Fernando Henrique Cardoso de anunciar investimentos, enquanto corta drasticamente os orçamentos das universidades e ensaia a privatização das escolas técnicas federais.

Enfim, é o futuro que pesa na crise da educação. As estatísticas apontam o repetitivo processo de evasão escolar já no Primeiro Grau, o qual forma apenas cerca de metade das crianças que iniciam os estudos. O funil agrava-se ainda mais no Segundo Grau, de modo que a universidade recebe tão-somente menos de 2% dos que, onze anos antes, entraram na escola primária.

Este é o processo que joga o Brasil no bloco dos países socialmente mais desi-

guais, segundo a Unesco. Tudo decorre da “inexistente vontade política dos governos na execução de uma política educacional como prioridade nacional”, reclama a professora Rosane Evangelista Dias, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Sindicato Nacional dos Docentes do Ensino Superior (*entrevista completa, pág. 8*).

### O GRITO DOS CIENTISTAS

Em abril, um seletivo grupo de cientistas da UFRJ publicou um manifesto em jornais do Rio de Janeiro. São na maioria portadores da condecoração da Ordem Nacional do Mérito Científico e todos exibem no currículo larga experiência de direção de órgãos de pesquisa e de instituições ligadas ao desenvolvimento da ciência no país. De que reclamaram os cientistas?

“É flagrante o contraste entre o discurso do governo e a realidade, que é ditada por sua área econômica”, denunciaram, referindo-se a brutais cortes de verbas para as universidades, em particular para a UFRJ, pondo em risco a continuidade de pesquisas científicas e mesmo o simples funcionamento de setores vitais para a universidade. “Nossos laboratórios poderão ser fechados por



Os debates sobre a crise do ensino vêm de muito longe, sem que as soluções apontadas sejam postas em prática



Os meses de abril e maio foram marcados pela greve nas universidades públicas

“corte de energia elétrica”, exemplificaram.

Queixaram-se de atrasos no repasse de recursos que deveriam ter sido liberados ainda no ano passado, apontaram cortes orçamentários em verbas já insuficientes destinadas à pesquisa, argumentaram com a ameaça que representa essa política para o desenvolvimento nacional.

“Não basta a liquidez dos bancos. A falência que nos ameaça é a que diz respeito à moeda mais valiosa no século XXI: o conhecimento. Um país que não prioriza a educação, a ciência e a tecnologia não terá autonomia para decidir sobre seus destinos, e estará

sempre condenado a posições cada vez mais subalternas na comunidade das nações. É esta a visão do futuro do Brasil na mente dos nossos governantes?”, perguntaram os cientistas.

Eles expressavam a preocupação da comunidade universitária com as perspectivas do país, ante as necessidades sociais e econômicas e as pressões da globalização, que não contempla a possibilidade de autonomia do mundo subdesenvolvido.

“No Brasil, embora 90% da pesquisa científica e tecnológica sejam feitos por universidades públicas, seu financiamento vem sendo, nos últimos anos, pro-

## Financiamento é dever do Estado

**O** governo Fernando Henrique Cardoso diz uma coisa e faz outra também na área do ensino público. Afirma que é um governo da educação, mas não tem feito mais do que dar as costas para as universidades, que são exatamente o segmento principal de sua responsabilidade constitucional com a educação. Esmera-se em cortar as verbas para o ensino superior e para a pesquisa, e ensaia procedimentos que desonerem o Estado da missão de financiar a universidade.”

O protesto é do diretor de Políticas Institucionais da União Nacional dos Estudantes (UNE), Leandro Cruz. Num julgamento severo do primeiro governo brasileiro comandado por um intelectual reconhecido, que tem no Planejamento um ex-presidente da UNE (José Serra) e na Educação um ex-reitor de universidade (Paulo Renato de Souza), Leandro Cruz define a política

em curso como desastrosa, pois representa o aprofundamento do sucateamento do ensino.

“O financiamento do ensino superior público é dever do Estado”, afirma Leandro. “E por que deve ser mantida essa obrigação constitucional? Porque é estratégica para o país essa responsabilidade. Quem paga, estabelece os rumos e o alcance. Para que sirva aos interesses gerais da nação, esse ensino precisa ser sustentado pelo dinheiro público.” O diretor da UNE mostra os perigos que cercam as mudanças que, imperceptivelmente, FHC pretende forçar no financiamento da universidade. “O governo estrangula a universidade e pretende que ela busque sua sobrevivência em parcerias com em-

presas privadas. Essa parceria é boa, útil e desejável por muitos aspectos, mas não deve ser a solução financeira da universidade. Por quê? Porque a empresa tem horizontes limitados, não pensa o país, fixa-se apenas em seus interesses imediatos. Quando a universidade depender dessa parceria para sobreviver, passará a ter suas atividades determinadas pelos limites estreitos dos interesses empresariais que a financiam.

Quem paga, define os rumos. A universidade perderá seus horizontes e, com isso, se estreitarão os limites da geração do conhecimento de que o país precisa. O financiamento da universidade pública pelo Estado é, assim, estratégico”, diz Leandro Cruz.



Leandro: estratégico



gressivamente insuficiente”, constata, em artigo na *Folha de S. Paulo*, o professor Héglio Trindade.

Em artigo em *Carta*, uma revista dedicada a informar sobre o seu mandato, o senador Darcy Ribeiro comentou os perigos que rondam o projeto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, agora em rediscussão na Câmara dos Deputados e apontou algumas condições para que o sistema educacional brasileiro venha a atender “as necessidades de desenvolvimento econômico, social e cultural” que o país requer para o terceiro milênio. Entre as condições relativas ao ensino superior, considerou essenciais a autonomia universitária, a indissociabilidade das tarefas do ensino, pesquisa e extensão, e o emprego exclusivo no ensino dos recursos atribuídos à educação.

## AUTONOMIA

Uma característica marcante da universidade pública brasileira é a de que cabe a ela o papel de vanguarda no ensino superior. As instituições federais, estaduais e municipais abrigam 25% dos alunos e, apesar das limitações orçamentárias impostas, são elas que lideram em pesquisas científicas e tecnológicas, produzindo 90% dos projetos.

A consciência do próprio potencial torna essas universidades partidárias intransigentes da autonomia de gestão, situação que lhes permitiria dar maior dinamismo às atividades e, sobretudo, estabelecer regularidade no planejamento e execução da produção acadêmica. Com isso, dizem os reitores, haveria maiores resultados, em prazos menores.

A queixa é comum a todos os dirigentes das instituições públicas de ensino superior: a falta de autonomia e a penúria financeira estrangulam as atividades universitárias, afetando a própria criatividade desses centros de transmissão e geração de conhecimentos, essenciais a qualquer projeto nacional de desenvolvimento.

O professor Héglio Trindade resume, em alguns itens, os desafios que se lançam hoje ao ensino superior em países em desenvolvimento: trata-se de “como responder a uma série de processos simultâneos e às

*A maior parte das crianças acaba abandonando os estudos nos primeiros anos, criando-se para a sociedade um fosso no caminho em direção ao desenvolvimento*



vezes contraditórios de democratização, mundialização, regionalização, marginalização e fragmentação que incidem sobre o desenvolvimento das sociedades e do ensino superior”.

Na opinião dele, apesar dos recursos insuficientes, as instituições públicas de ensino superior do Brasil têm procurado dar respostas adequadas aos desafios do momento. Por isso, propõe “uma gestão acadêmica estratégica, com financiamento público estável, tornando-a uma organização desburocratizada capaz de se autogovernar. Esses são pré-



requisitos essenciais à autonomia institucional”.

“A universidade deve ser vista como instituição estratégica da sociedade e não de governos”, assinala a professora Rosane Evangelista Dias.

#### PERSPECTIVAS PESSIMISTAS

O grito dos cientistas, as queixas dos reitores, os protestos dos professores e estudantes, o certo ar de alarme com que educadores analisam o panorama do ensino, a desilusão disseminada na população — tudo isso parece comprovar que estão semeados de minas fatais os caminhos do país em direção ao futuro.

Um dos campeões mundiais em taxas de exclusão social e de expurgo escolar (60% dos alunos não conseguem passar do quarto ano primário e ficam profissionalmente condenados, e apenas uma fração mínima alcança uma universidade cheia de limitações), o Brasil apresenta frágeis as bases de apoio

***“A falência que  
mais nos ameaça  
é a que diz respeito  
à moeda mais valiosa  
no século XXI:  
o conhecimento”  
(Cientistas do Rio de Janeiro)***

com que pode contar para se arremessar ao terceiro milênio, em busca da sociedade desenvolvida e de um espaço apropriado na cena internacional.

Esta é a grande nuvem escura que cobre o panorama, até onde a vista alcança. Mas é preciso reconhecer que por baixo dela não existe um deserto: cresce a impaciência com esta situação, aqui e ali surgem ilhas de

excelência (o que comprova a viabilidade de amplas transformações) e algumas idéias ousadas, mesmo descontinuadas, como os Centros Integrados de Educação Pública (os CIEPs de horário integral, idealizados por Darcy Ribeiro) demonstram que não se perdeu de todo a esperança.

“Sem professor não há futuro”, alertaram no Rio de Janeiro, no início de maio, os grevistas do ensino — o que é outra forma de dizer aquilo que os cientistas do mesmo Rio de Janeiro denunciaram em abril: “Não basta a liquidez dos bancos. A falência que mais nos ameaça é a que diz respeito à moeda mais valiosa no século XXI: o conhecimento.”

## Momento

***Docentes apontam os problemas que  
ameaçam degradar ainda mais  
o ensino superior brasileiro e torná-lo  
ineficaz para o salto em direção  
ao pleno desenvolvimento do país***

Beth von Zuben

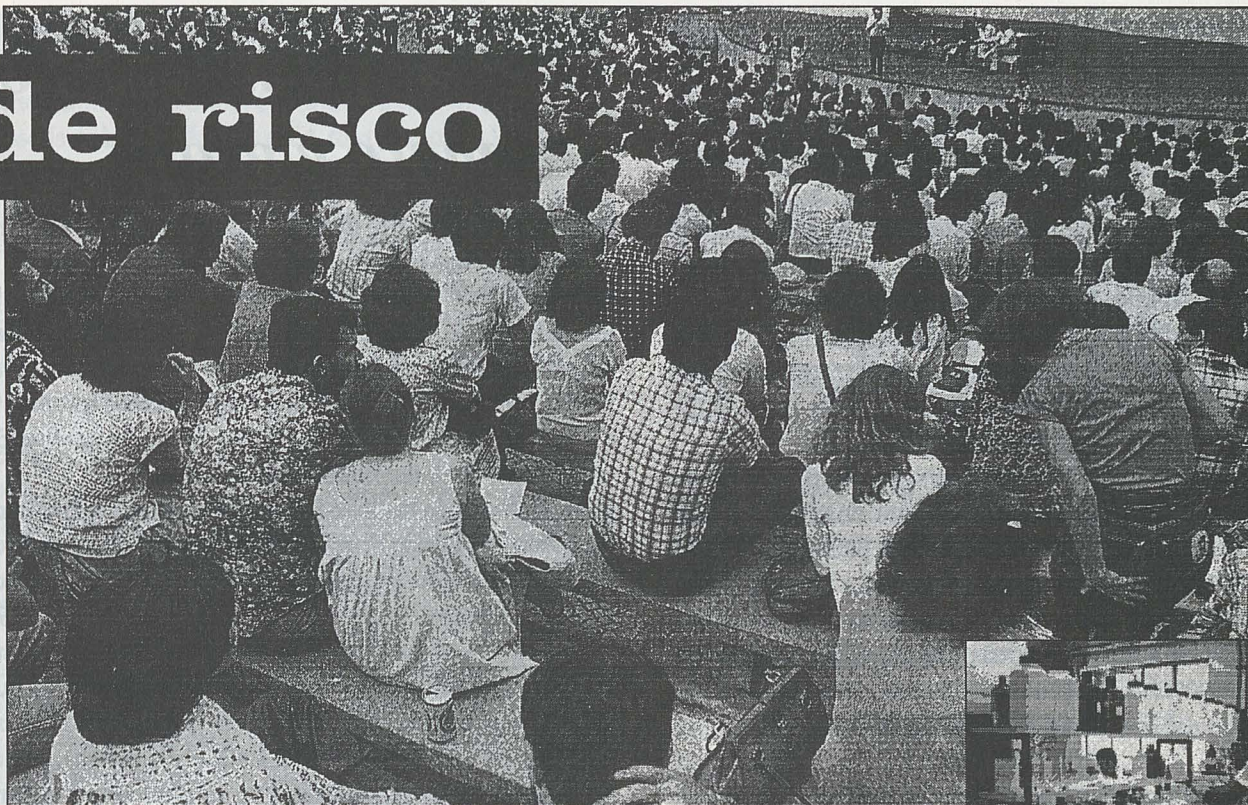
**“E**ntre os principais problemas da estrutura universitária brasileira, identificamos a centralização administrativa.

Embora o país tenha avançado no quadro de redemocratização, suas instituições sociais ainda guardam sinais de autoritarismo. São exemplos a instituição de políticas educacionais através de decretos presidenciais e medidas provisórias, além da conturbada tramitação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, onde dois projetos se distinguem: um elaborado num amplo processo de discussão democrática e um outro apoiado pelo governo federal, fruto de reduzido número de autores e pouco debate com os diferentes setores da sociedade. Hoje, a democratização e a autonomia universitária constituem-se desafios a serem alcançados. Garantir estas condições é possibilitar o desempenho da universidade como instituição estratégica da sociedade e não de governos.”

O diagnóstico representa o pensamento dos professores universitários reunidos no Sindicato Nacional dos Docentes em Instituições do Ensino Superior (Andes-SN), uma das entidades ativas no movimento de abril e maio pela melhoria das condições de ensino no país, e foi expresso pela professora Rosanne Evangelista Dias, da UFRJ e uma das vice-presidentes da entidade no Rio.

Ela assegura que a universidade precisa de mudanças mais profundas que simples aspectos administrativos, para capacitar-se a responder aos desafi-

# de risco



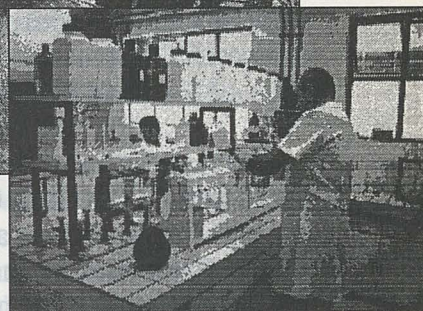
os do país. "Se a discussão sobre a estrutura universitária se mantiver sob o eixo de reforma gerencial, não aproximaremos a universidade da sociedade. A estrutura de poder da universidade não pode estar subordinada às políticas governamentais, aos setores dominantes da sociedade. Para que se alterem as condições de produção da universidade no próximo século, há de se construir uma estrutura, fruto de um projeto coletivo de transformação, que passa tanto pela questão da democratização da universidade quanto por um processo de avaliação da sua produção."

## COMPROMISSO COM DESENVOLVIMENTO

A professora destaca ainda que o principal papel da universidade é interferir nas transformações da sociedade. No entanto, ela salienta que, no quadro de globalização, tem cabido a países como o Brasil muito mais as mazelas, como o desemprego, do que a apropriação das tecnologias para o bem-estar social.

"Após a aprovação da Lei de Patentes no Congres-

*As análises sobre a realidade do ensino e da ciência no país refletem as crescentes preocupações com a universidade*



so Nacional, pouco se pode esperar em termos de soberania e desenvolvimento tecnológico e científico emancipador para o Brasil", assinala. Na sua opinião, o modelo de universidade baseado num estilo de gestão empresarial enfatiza a concorrência, a rentabilidade e a excelência individual, promovendo a exclusão dos considerados menos aptos. "Acreditamos em outro modelo, baseado no trabalho objetivo e solidário. Para nós, a universidade atinge sua finalidade quando o produto do fazer acadêmico se torna acessível à sociedade, contribuindo para o seu aperfeiçoamento e melhoria da qualidade de vida da população", define.

## DESCASO FEDERAL

Os principais pontos de estrangulamento da universidade brasileira relacionam-se à questão do financiamento e de pessoal. A desativação de la-



boratórios, a desintegração de grupos de pesquisa, a evasão de cientistas para o exterior ou mesmo para o setor privado, a corrida pelas aposentadorias de pesquisadores em plena atividade e o desestímulo à carreira científica são decorrentes do descaso com que o governo vem tratando as universidades públicas, segundo denuncia Rosane. "O quadro é desalentador: cursos interrompidos pela inexistência de professores, formação de profissionais comprometida, pesquisas de longa data sem perspectiva de continuidade".

Segundo dados oficiais, no ano passado, o Brasil investiu apenas 3,7% do PIB no ensino. O baixo orçamento da educação coloca o país no 80º lugar entre as nações do mundo, segundo a Unesco. Como resultado disso, os salários dos professores são baixos e escolas e universidades públicas estão sucateadas.

### CORTES AGUDOS

"No caso das universidades federais, as verbas para o item OCC (Outros Custeios e Capital), que em 1973 correspondiam a 38,50% do total de recursos destinados às Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes), passou em 1995 ao percentual de 5,0%. Já nas universidades estaduais e municipais, vê-se reproduzida a política federal, com o descumprimento do preceito constitucional, o Artigo 212, que assegura o mínimo de 25% da receita tributária."

Como consequência dessa situação, ela aponta a expansão de um processo de privatização do espaço público, através de acordos e convênios das universidades com entidades particulares, com resultados por vezes duvidosos.

"O financiamento externo, que muitas vezes surge para alguns setores, no quadro de total abandono do setor público, contribui não apenas para a criação de estruturas paralelas de poder dentro das unidades acadêmicas, como para o surgimento de laboratórios-guetos, que tendem a se tornar propriedade privada dos pesquisadores financiados dessa forma. Assim, a falta de verbas repercute na qualidade do ensino, desagregando a vida acadêmica, pois se passa a obter finan-

## Precário em gênero, número e grau

O tamanho do desafio educacional brasileiro apresenta várias dimensões. Inclui desde a intensidade da repetência e evasão escolar, já no início do primário, até o escasso número dos sobreviventes que alcançam o Segundo Grau e a universidade, além da má qualidade do ensino, das condições altamente insatisfatórias impostas aos professores e da distribuição regional irregular das escolas superiores.

Estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Unesco estampam um retrato doloroso da educação brasileira, projetando pesadas sombras sobre o futuro. Dados consolidados referentes a 1990 indicavam um total de 96,6 milhões de brasileiros acima de 15 anos de idade. Com esta idade, seria normal que a pessoa tivesse pelo menos oito anos de estudos, ou seja, todo o Primeiro Grau. A situação, porém, é bem diferente e a pessoa acima de 15 anos que fica para trás dificilmente é resgatada.

Veja o quadro real:

### Nível de alfabetização acima de 15 anos de idade Brasil/1990

Situação	Quantidade
Analfabetos	17,6 milhões
Lê sem ter ido a escola	1,8 milhão
Só 1 ano de escola	3,0 milhões
Até 3 anos de escola	14,2 milhões
Com 4 anos de escola	17,5 milhões
Mais de 4 anos de escola	45,9 milhões

Total - 96,6 milhões

Fonte: Anuário IBGE/1993

ciamentos para projetos individuais ou de pequenos grupos, ao invés de institucionais, o que compromete a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão."



A conclusão é simples: 54,1 milhões (56% da população acima de 15 anos) é formada por analfabetos e pessoas de baixa alfabetização, cuja situação educacional dificilmente registrará mudanças, gerando consequências sociais e econômicas de variados efeitos negativos, por falta de projetos de resgate.

A eles continuarão se somando outros milhões, abaixo dos 15 anos de idade, e que ainda vivem todo o processo de expurgo promovido pelo sistema de ensino.

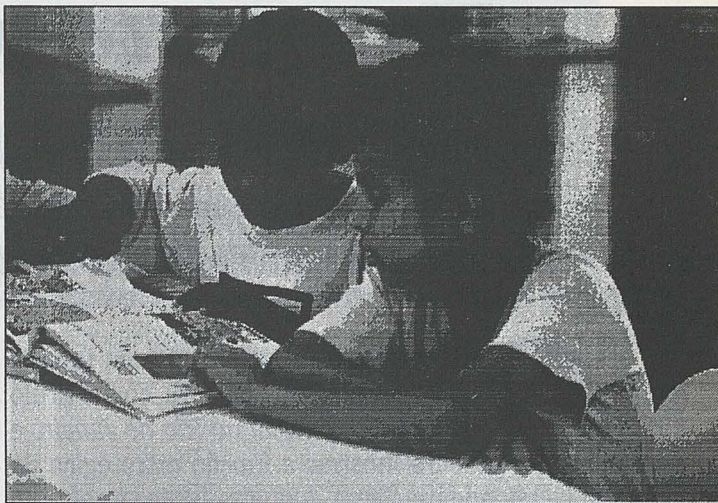
O quadro estatístico congelado em 1990 dizia que, naquele momento, havia 37,6 milhões de brasileiros nas salas de aula do pré-escolar (3,9 milhões), Primeiro Grau (28,2 milhões distribuídos em oito séries), Segundo Grau (3,7 milhões nas três séries) e, no ensino superior, apenas 1,6 milhão (média de quatro séries).

Para efeito de análise comparativa entre os níveis, vemos que a média anual no Primeiro Grau fica em 3,5 milhões de alunos, caindo para apenas 1,2 milhão por ano no Segundo Grau, e, na universidade, não passando de 415 mil por ano.

Em números redondos, significa que, de cada grupo de 100 alunos que iniciam o Primeiro Grau, apenas 35 alcançam o Segundo Grau e somente 11 conseguem chegar à universidade.

## AUTONOMIA E RESPONSABILIDADE

“Para se colocar em cheque a autonomia universitária e o ensino público gratuito, acusa-se a universidade e seus trabalhadores docentes e técnicos de uma deliberada intenção de não prestarem contas das atividades sustentadas por verbas públicas. O processo de avaliação institucional, formulado e construído pelo movimento docente, implica dois momentos: o interno e o externo. O primeiro tem como atores todos os envolvidos no trabalho produzido na universidade, enquanto o segundo envolve a sociedade que a mantém, a partir da constituição de Conselhos Sociais por estados. Tais conselhos deverão expressar os interesses dos diferentes setores da sociedade, tendo como principal finalidade a formulação de políticas acadêmicas, administrativas e financeiras das instituições



As tentativas de melhorar a escola básica, como o projeto dos CIEPs, têm resultado em incompreensões

públicas, acompanhando a sua execução. Nas instituições superiores privadas, o controle deverá ser coordenado pelo Conselho Nacional de Educação, o órgão normativo máximo de toda a Educação Nacional.”

## SERVIÇOS

O suposto distanciamento da universidade dos problemas concretos da realidade nacional é negado pela Andes-SN. Rosanne afirma que ocorre, na verdade, um progressivo corte de financiamento, sobretudo para as áreas de ciências humanas e sociais, deixando ao desabrigo ações e pesquisas nesses setores.

Mesmo assim, ela destaca uma série de serviços que as instituições de ensino superior públicas ainda conseguem prestar à sociedade, até mesmo com destacada qualidade: o atendimento dos hospitais universitários (centros de referência em saúde), a alfabetização de jovens e adultos e a articulação entre o 1º, 2º e 3º graus, verificado principalmente na formação continuada de professores que atuam nas redes públicas (estadual e municipal) e privada do país.

“Muitos outros projetos vêm sendo desenvolvidos, a despeito do pouco que se tem investido neles. E é nessas e outras ações que a universidade mostra a relevância da sua função social”, conclui. ●



## *Um grito pela ciência*

*Pesquisadores denunciam a ausência de uma política que garanta ao país a qualidade e a quantidade de cérebros preparados para os desafios do desenvolvimento e da competição internacional*

**O** documento foi publicado em jornais cariocas no dia 11 de abril, com o título de *Salvar a ciência no Rio de Janeiro* e procura mostrar a função estratégica da universidade brasileira. A queixa básica é contra o desinteresse e a ignorância que as autoridades demonstram em relação à profundidade da crise em que estão imersos o ensino e a pesquisa e suas repercussões no futuro imediato do Brasil. Eis alguns trechos do manifesto:

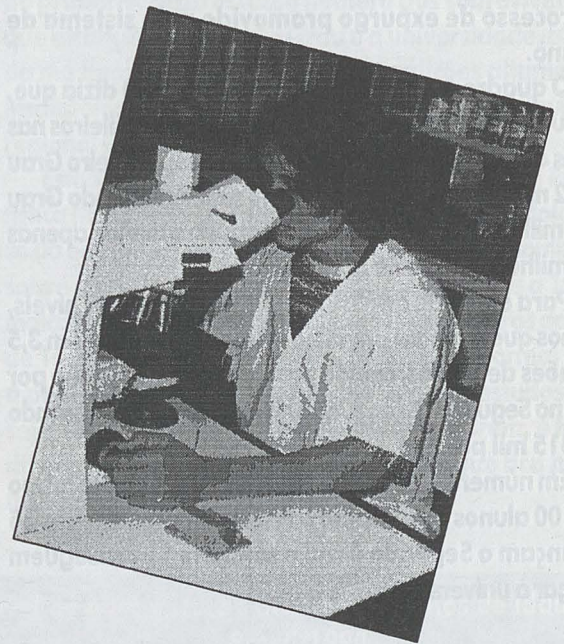
“Os signatários, professores e cientistas da UFRJ vêm a público em defesa do patrimônio científico instalado no Rio de Janeiro — o segundo maior do país. É flagrante o contraste entre o discurso do governo e a realidade, que é ditada por sua área econômica, ao determinar os montantes de dotações orçamentárias e da liberação de recursos. São exemplos:

\* Caso prevaleça a proposta orçamentária para 1966 que está em tramitação no Congresso Nacional, caberá à UFRJ menos da metade dos recursos indispensáveis para a simples sobrevivência de suas atividades. Nossos laboratórios poderão ser fechados por falta de energia elétrica!

\* O MEC ainda não pôde completar o repasse à UFRJ de verbas substanciais, que lhe são devidas desde 1995. No Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT), as agências federais de fomento à pesquisa, a despeito dos esforços de seus dirigentes, ainda não receberam verbas para pagar auxílios já aprovados há um ano ou mais.

\* O orçamento para 1996 do Programa de Núcleos de Excelência, em cuja implantação imediata os pesquisadores depositam grandes esperanças, foi cortado em 25% pelo relator da proposta orçamentária do MCT.

\* Instituições de pesquisa são tratadas como se



fossem organizações comerciais na importação de materiais e equipamentos científicos, ocasionando grandes atrasos na liberação e conseqüentes prejuízos para as pesquisas.

\* O governo estadual, apesar dos apelos da comunidade científica e do Conselho da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), repassa à Fundação apenas uma fração irrisória dos recursos destinados pela Constituição do estado. Enquanto a Fapesp distribuiu a nossos colegas paulistas, em 1995, cerca de R\$ 200 milhões em auxílios diretos à pesquisa (excluindo bolsas), a Faperj não chegou a distribuir nem a centésima parte desse valor!

A contribuição do Rio de Janeiro, em particular da UFRJ, à produção científica nacional é das mais vigorosas. O maior prêmio nacional de ciência e tecnologia coube em 1995 a cientistas da UFRJ.

Defendemos a autonomia da universidade, que

## Instituições se distribuem de forma desigual

As instituições de ensino superior refletem as distorções regionais do país e se distribuem também de forma desigual, não guardando correspondência com a população local. Assim, o Sudeste, que possui 41,6% dos habitantes do país, concentra 63,1% das instituições de ensino superior. O Nordeste, com 28,8% da população, oferece apenas 11,1% das escolas superiores a seus estudantes.

Esta má distribuição provavelmente é um dos pilares carcomidos da realidade nacional que colaboram para manter os desniveis regionais. A aparente abundância de oferta em três das grandes regiões do país é ilusória,

pois os números precisariam ser ainda mais expressivos, para que a educação alcançasse o nível de países socialmente mais equilibrados. A conclusão, portanto, é a de que, se ainda falta

muito para essas áreas já melhor supridas, para o Norte e o Nordeste o vazio a ser preenchido é imenso. É possível esperar mudanças?

Veja o quadro geral do país:

### Instituições de Ensino Superior - Distribuição Regional/1991

Região	Entidades	% Entidades	% Pop.
Sudeste	564	63,1%	41,6%
Sul	131	14,6%	15,0%
Nordeste	100	11,1%	28,8%
Centro-Oeste	71	7,9%	6,3%
Norte	27	3,0%	6,3%
TOTAIS	893	100,0%	100,0%

Fonte: Anuário do IBGE/1993

### IES por tipo - Distribuição Regional

Região	Universidades	Escolas Integ.	Isoladas
Sudeste	42 (11F,5E,1M,25P)	56 (56P)	466 (12F,15E,45M,394P)
Sul	23 (6F,4E,2M,11P)	11 (8P,3M)	97 (2F,16E,11M,68P)
C.-Oeste	5 (4F,1P)	12 (12P)	54 (1F,10E,10M,33P)
Nordeste	22 (10F,9E,3P)	5 (5P)	73 (2F,16E,11M,44P)
Norte	7 (6F,1E)	1 (1P)	19 (2F,6E,1M,10P)
TOTAIS	99 (37F,19E,3M,40P)	85 (82P,3M)	709 (19F,63E,78M,549P)

F/Federal; E/Estadual; M/Municipal; P/Particular - IBGE/1993

tem como contrapartida a cobrança de sua maior eficiência, racionalizando os gastos, via legislação que permita fazê-lo. Ela deve prestar contas à sociedade, submetendo-se a uma avaliação externa permanente. Os recursos devem ser distribuídos segundo critérios que premiem a qualidade.

Não basta a liquidez dos bancos. A falência que mais nos ameaça é a que diz respeito à moeda mais valiosa no século XXI: o conhecimento. Um país que não prioriza a educação, a ciência e a tecnologia não terá autonomia para decidir sobre seus destinos, e estará condenado a posições cada vez mais subalternas na comunidade das nações. É esta a visão do futuro do Brasil na mente dos nossos governantes?"

Assinam o alerta os cientistas Alberto Luiz Coimbra, fundador da COPPE; Carlos Chagas Filho, criador do Instituto de Biofísica/UFRJ; Clementino Fraga Filho, ex-reitor da UFRJ; Gilberto Velho, presidente da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais; Leopoldo de Meis, prêmio de Química da Third

World Academy of Sciences, e Moysés Nussenzveig, prêmio Max Born da Optical Society of America.

Em apoio a esses cientistas da UFRJ, também assinaram o documento os presidentes e vice-presidentes da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e da Academia Brasileira de Ciências, respectivamente Sérgio Henrique Ferreira, Jacob Palis, Eduardo Krieger e Carlos Eduardo Rocha Miranda, todos igualmente portadores da Ordem Nacional do Mérito Científico.

# Incubadoras desenvolvem tecnologia

*UFRJ incentiva empresas criativas*

Beatriz Lima

**E**mbora sejam cada vez maiores os questionamentos sobre os rumos de nossas universidades, não se pode subestimar a importância das pesquisas científicas e tecnológicas que produzem, pois ampliam as possibilidades de reverter em atividades econômicas os investimentos feitos pela sociedade. Um dos exemplos é o projeto Incubadora de Empresas, que a Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia (Coppe), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vem realizando desde 1994. O empreendimento, inédito no país, conta com o apoio de várias instituições e órgãos governamentais.

Os objetivos principais são os de fazer com que pequenas empresas tenham condições de se posicionar competitivamente no mercado e, numa perspectiva mais ampla, possam irrigar a economia do país, com a garantia de inovações tecnológicas, fundamentais no contexto industrial moderno.

“O projeto trouxe outro benefício: a geração de emprego e renda, o que foi constatado, em 1994, com a absorção de muitos quadros técnicos com o terceiro grau completo ou que possuem mestrado e doutorado, mas não tinham oportunidade de ingressar no mercado de trabalho. Atualmente, cerca de setenta pessoas trabalham na incubadora,

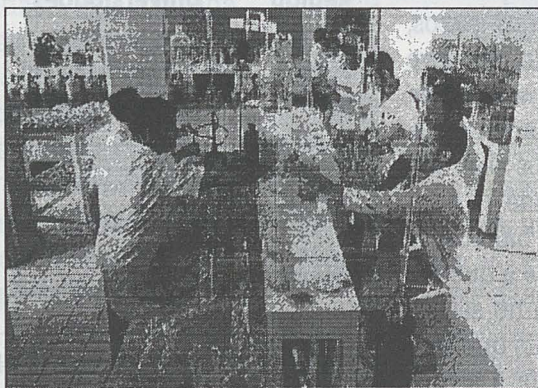
sendo que 90% têm nível universitário. Isso sem contar com a melhoria na oferta de emprego, gerada pelas novas empresas criadas”, declara o assessor da Coppe/UFRJ, Marcelo Cunha.

A incubadora auxilia na otimização da produção das empresas e busca soluções para seu desenvolvimento e desempenho. O trabalho envolve o uso compartilhado das instalações da universidade, localizadas num prédio da Ilha do Fundão.

A empresa ainda pode contar com serviços de assessoria em áreas críticas, como marketing e finanças, minimizando os problemas enfrentados nos primeiros anos de funcionamento. Toda pessoa física ou jurídica, que tenha a intenção de organizar uma empresa e se fixar no mercado, pode participar, mandando um currículo e um projeto, desde que este tenha alguma relação de afinidade com as áreas de pesquisa desenvolvidas pela universidade. Os projetos passam por uma seleção e se estuda sua viabilidade técnica e econômica. A grande maioria das empresas foi criada ou é sustentada por entidades maiores, uma delas a própria Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan). E, entre os clientes mais importantes da incubadora, estão o Banco do Brasil, o Centro de Pesquisas da Petrobras, Seiplan Construtora, IBM do Brasil, Instituto Militar de Engenharia (IME), Viação Rio Ita, Petróleo Ipiranga, Cosigua e Rede Ferroviária Federal.

A maioria das firmas que cresceram na incubadora já atua ativamente no mercado, nas áreas de consultoria de informática, engenharia costeira, geotécnica, eletrônica e manutenção, dispositivos eletrônicos de segurança, projetos arquitetônicos alternativos, entre outras.

A característica comum a todas elas é que inovam em tecnologia, condição primária para serem aceitas na incubadora. Hoje em dia, existem cerca de mil incubadoras no mundo. Só nos Estados Unidos são 500, que “chocam” mais de sete mil empresas.



*As universidades são instrumentos privilegiados para transmissão da ciência*



# Novo prêmio para cadernos

**D**ando continuidade à celebração dos 300 anos da morte de Zumbi, o Cordão Divina Senszala, entidade que há 14 anos aborda a cultura afro-brasileira, concedeu um prêmio à revista cadernos do terceiro mundo e está prestando homenagens a pessoas e instituições que se preocupam com a comunidade afro no Brasil. Roberto Ananias, presidente e um dos fundadores do Divina Senszala, entregou troféu ao diretor da publicação, jornalista Neiva Moreira. "A homenagem é um reconhecimento dos relevantes serviços prestados por cadernos para os povos negros no Bra-

sil e no exterior", diz Roberto.

Também foram homenageados Barbosa Lima Sobrinho, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Leonel Brizola, ex-governador do Rio, o Consulado de Angola no Rio e a mulher mais velha do Brasil — a negra Maria do Carmo, de 125 anos.

Em 1995, o Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Negro, ao qual o Divina Senszala é filiado, patrocinou 23 eventos de celebração a Zumbi. O Cordão Divina Senszala participou com três projetos: os seminários "Samba, cultura de milênios no Carnaval" e "Na roda da batucada, capoeira joga sambando" e



Roberto Ananias (à esquerda) entregou troféu a Neiva Moreira na sede da Editora Terceiro Mundo

um ciclo de bailes de gafeira a céu aberto.

Os seminários abordaram temas como as origens do samba e da capoeira, a presença desta no Quilombo dos Palmares e a prática nos dias de hoje. As palestras serão editadas em livro a ser lançado até o final do ano.

O objetivo maior dos bailes de gafeira foi lembrar que, no passado, os negros eram impedidos de frequentá-los, tendo que se conformar com festas no fundo das casas, ao som de sanfonas.●

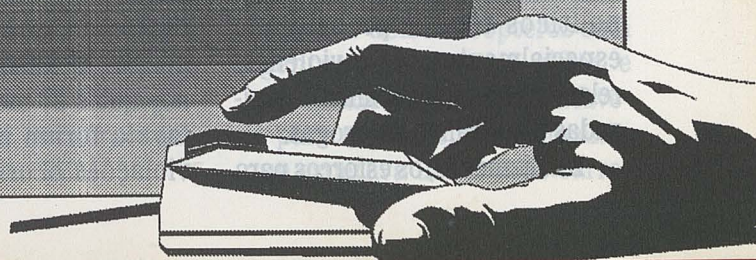
DESEJA EDITAR UMA TESE OU UM JORNAL DIFUSIVO?  
LHE DIGEMOS NOS TEMOS A LHE DIGEM

SE VOCÊ É UM PESQUISADOR OU UM PROFISSIONAL QUE ACABOU DE DEFENDER UMA TESE E GOSTARIA DE VÊ-LA TRANSFORMADA EM LIVRO, CONSULTE A NOSSA EDITORA SOBRE OS PREÇOS DO SERVIÇO DE EDITORAÇÃO ELETRÔNICA E EDIÇÃO.

O SEU LIVRO PODE SER MAIS FÁCIL DE PUBLICAR DO QUE IMAGINA!

CASO QUEIRA EDITAR UM BOLETIM OU UM JORNAL DIFUSIVO, CONSULTE-NOS.

NOSSOS SERVIÇOS DE EDIÇÃO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA PODEM LHE SER ÚTEIS.



# Violência contra Violência



Em maio de 1995, ação de policiais civis na favela Nova Brasília causou a morte de 14 pessoas

## *Polícia e Exército violam direitos humanos na luta contra o crime no Rio de Janeiro*

Gabriela Temer

*“O problema do tráfico só será resolvido com sangue. É a única linguagem que eles entendem.”*

*Mario Azevedo, delegado da 21ª DP de Bonsucesso, Rio*

O índice de homicídios na cidade do Rio de Janeiro triplicou nos últimos 15 anos, passando de 2.826 casos em 1980 para 8.408 mortes em 1994, segundo dados da antropóloga Alba Zaluar. A imprensa, a sociedade civil e os políticos têm se preocupado especialmente com a violência relacionada às quadrilhas organizadas e ao tráfico de drogas.

Infelizmente, os esforços para

combater o crime organizado foram prejudicados por diversos flagrantes de violações dos direitos humanos, pois, apesar das boas intenções de algumas das autoridades, parte da polícia fluminense continua a ser violenta e corrupta.

As conclusões são da ONG Human Right Watch/Americas, no relatório *Violência x Violência — violações aos direitos humanos e criminalidade no Rio de Janeiro*. No documento, a ONG descreve casos de brutalidade policial, incluindo dois massacres nos quais 27 moradores de uma favela foram assassinados, e violações ocorridas durante a

maior campanha até agora posta em prática contra as quadrilhas de tráfico de drogas no Rio de Janeiro: a Operação Rio, comandada pelo Exército entre novembro de 1994 e meados de 1995.

Segundo o relatório, a Operação foi marcada por torturas, prisões arbitrárias e buscas sem mandado judicial, além de pelo menos um caso de assassinato. Alguns desses abusos — como submeter bairros inteiros a buscas casa a casa — foram autorizados pela própria natureza da Operação Rio; outros, como a tortura de suspeitos, não estavam previstos quando se idealizou a iniciativa.

Ao mesmo tempo, declarações públicas de autoridades tentando justificar os "excessos" e a ausência de condenação dos abusos praticados contra favelados mostram a indiferença diante da violação dos direitos humanos. Segundo o relatório, a polícia fluminense continua a violar direitos fundamentais do ser humano no desempenho de tarefas rotineiras de combate ao crime.

**Tráfico e violência oficial** — Segundo o relatório, embora o uso de tortura possa ter declinado nos últimos anos, os assassinatos de cidadãos pelas forças de segurança continuam frequentes. Eles acontecem sobretudo no combate ao narcotráfico. As quadrilhas de traficantes dominaram as favelas fluminenses e o trabalho da polícia de combater os bandos fortemente armados muitas vezes termina em execuções de cidadãos e no uso desnecessário da capacidade de matar.

As tentativas realizadas pelas autoridades para combater o abuso da polícia não conseguiram evitar homicídios de pessoas suspeitas, crianças de rua e outros indivíduos "socialmente indesejáveis", praticados por policiais em serviço e grupos de extermínio formados por ex-policiais ou por agentes, em horários de folga. Segundo cifras fornecidas pelo secretário estadual de Segurança Pública do Rio de Janeiro, general Nilton Cerqueira, nos primeiros

sete meses de 1995, a polícia do Rio matou 191 civis, classificados de "meliantes".

Mas, embora a imprensa tenha descrito a invasão como um tiroteio entre policiais e uma quadrilha do narcotráfico, o que ocorreu foi um massacre, segundo o documento da ONG. Evandro de Oliveira, 16 anos, foi baleado nos olhos. Nenhuma testemunha se manifestou, mas moradores da favela afirmam ter ouvido um agente policial dizer a Evandro que ele "tinha olhos azuis e não seria mais o garanhão

**Mesmo com a disposição de certas autoridades de conter abusos, seres humanos "socialmente indesejáveis", como menores de rua, são vítimas frequentes da ação policial**

da favela", antes de executá-lo a queima-roupa com um tiro em cada olho.

Outra vítima, identificada apenas como "Paizinho", teve a casa invadida às cinco horas da manhã, foi espancado e algemado. Mais tarde, o corpo foi encontrado no Instituto Médico Legal (IML), segundo relato de sua namorada, de 16 anos. Ranilson de Souza apareceu algemado numa reportagem de TV naquele dia; mais tarde, seu corpo também foi achado no IML.

Os laudos médicos quase sempre mostram evidências de execução sumária. Uma vítima recebeu sete tiros na nuca; outra, duas balas na cabeça. A maioria dos mortos foi baleada na parte superior do corpo e na cabeça. Policiais ainda violentaram três jovens, uma delas de 16 anos.

Na época, o governador do Rio, Nilo Batista, nomeou uma Comissão Especial composta pelo então secretário de segurança, Arthur Lavigne; pela chefe de Corregedoria Geral da Polícia Civil, Martha Rocha; pelo diretor-geral da Polícia Especializada, Luiz Mariano dos Santos; por um representante da CNBB e pelo pastor Caio Fábio, com objetivo de acompanhar inquérito realizado pela DRE. Em 1º de dezembro de 1994, a comissão concluiu que alguns casos foram execução sumária.

Em 1º de janeiro de 1995 houve a mudança dos governos federal e estadual. Passado mais de um ano, o inquérito policial ainda não foi concluído. Nenhum dos oito policiais cuja participação no massacre foi comprovada foi chamado a depor. Até agora, ninguém foi preso ou processado pelas 18 mortes.

Sete meses depois da primeira incursão, a favela Nova Brasília foi novamente cenário de diversos assassinatos. As forças policiais, com 15 homens auxiliados por dois helicópteros com agentes armados de rifles e metralhadoras, invadiram a favela para capturar um traficante que esperava um grande carre-



*A Human Rights Watch defende que a vistoria de casas por policiais somente seja realizada diante de evidências que algum morador tenha conduta criminosa*

gamento. Segundo o relatório, durante a operação a polícia matou 14 jovens; nenhum policial foi morto.

Mais uma vez, o relatório da polícia justificou o ocorrido como legítima defesa. Porém, o documento da ONG afirma que a investigação corroborou a versão dos policiais participantes e a promotoria fechou os olhos.

**Operação Rio** — No dia 18 de novembro de 1994, tropas invadiram inicialmente cinco favelas cariocas, e, mais tarde, dezenas delas. Os soldados controlaram as comunidades durante toda a ocupação, revistando quem entrasse ou saísse; aqueles que não mostravam documentos eram presos. Os soldados fizeram buscas casa a casa e prenderam moradores que consideraram suspeitos.

Segundo o relatório, nas favelas ocupadas, as tropas promoveram buscas domiciliares ilícitas,

detenções arbitrárias e longas, dando tratamento cruel aos detidos. Na época, o chefe da Operação, general Roberto Jugurtha, declarou: “Não somos um batalhão de assistentes sociais, por isso é impossível evitar um excesso ou outro.”

Segundo a Human Rights Watch, os excessos citados pelo general incluíram tortura de presos, culpados ou não. André Melo do Nascimento, 19, foi detido no morro do Alemão por soldados que encontraram com ele quatro pares de tênis sem nota fiscal. Os soldados o espancaram e o colocaram de cabeça para baixo num barril cheio d'água enquanto batiam nas suas costas com um pedaço de pau. Depois, ligaram dois fios elétricos e encostaram em seu corpo ainda molhado. Pelo menos uma vez, foi esfaqueado nas nádegas. Vários outros moradores sofreram agressões do tipo.

Após investigar algumas denúncias de tortura, o promotor da 20ª Vara Criminal, Nilo Lamarão, concluiu que “as Forças Armadas e o Batalhão de Operações Especiais da PM transformaram os morros cariocas em campos de concentração”.

Hoje, muitos analistas acham que as iniciativas tomadas na época para diminuir a criminalidade e reprimir o tráfico de drogas no Rio não atingiram seus objetivos e ainda colaboraram para o aumento da violência na cidade.

**Recomendações** — Baseados nos estudos sobre a Operação Rio e em anos de pesquisa sobre a conduta da polícia fluminense, a Human Rights Watch apresenta algumas recomendações:

\* As estratégias de aplicação da lei devem estar de acordo com as normas nacionais e internacionais que proíbem buscas e prisões arbitrárias. Nenhum lar pode ser revistado sem evidências específicas que apontem a conexão de seus moradores com uma conduta criminosa.

\* Os excessos cometidos por membros da polícia e das Forças Armadas devem ser rigorosamente investigados e punidos.

\* Tribunais civis devem julgar assassinato, torturas ou violações cometidas pela polícia e Forças Armadas.

\* O governo federal deve assumir a responsabilidade pela instauração e prosseguimento de processos contra as violações de direitos humanos cometidos por membros da polícia e das Forças Armadas.

\* É necessária nova legislação para a tortura. Hoje, o único item penal aplicável ao crime é “lesões corporais”, com penas mínimas. O governo federal apresentou projeto de lei que penaliza o crime, como parte do Plano Nacional de Direitos Humanos.

\* A legislação brasileira deve eliminar o dispositivo legal que proíbe a vadiagem e que permite a prisão temporária sem acusações formais, evitando prisões arbitrárias.

## Política antidroga

O governo boliviano destruirá este ano seis mil hectares de plantações de coca. O anúncio foi feito após a promessa do governo dos Estados Unidos de destinar US\$ 15 milhões para o projeto. Em janeiro, 350 hectares de coca foram erradicados por policiais na região de Chapare, onde há cerca de 37 mil hectares cultivados e mais de 90% da colheita é destinada à produção de cocaína.

Se os agricultores aceitam mudar de cultivo, o governo os recompensa com US\$ 2.500 por hectare. Se não houver acordo, a destruição é compulsória. A erradicação está prevista em lei que atende à exigência dos EUA. O governo Clinton mantém a ameaça de não renovar o certificado que reconhece os esforços de combate às drogas se a Bolívia não cumprir metas anuais de erradicação. Sem o reconhecimento, o país pode sofrer prejuízos, como ter dificultado o acesso a empréstimos internacionais.



## Mudanças na Unctad

A Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad) vai ser reestruturada. As 420 secretarias mais importantes terão reduzidas o número de divisões e funcionários. Também serão criados quatro novos grupos de trabalho.

A nova estrutura visa aumentar a integração entre os vários programas da Unctad. Rubens Ricúpero, secretário-geral da organização, diz que a nova estrutura agrada o secretário-geral da ONU, Boutros Boutros-Chali, diante da crise financeira enfrentada pelas Nações Unidas. As mudanças ainda dependem de novas análises e somente devem ser implantadas no final do terceiro trimestre de 96.



## Síndrome da Guerra do Golfo

Um grande número de soldados britânicos que lutaram na Guerra do Golfo apresentam sintomas de fadiga, dores de cabeça, perda da memória e dores nos braços e pernas, segundo o jornal *The Peninsula*, publicado no Qatar.

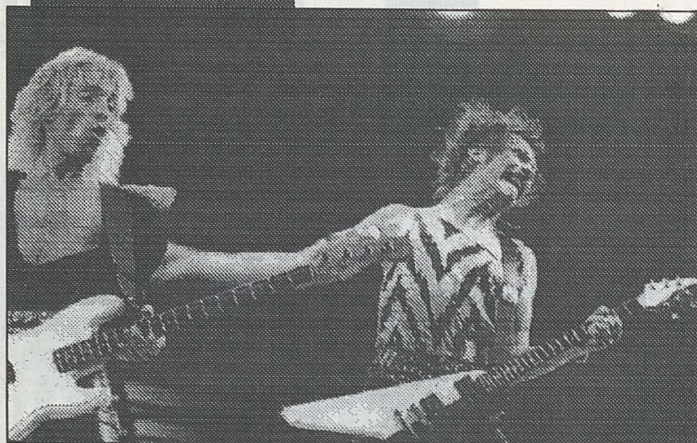
O fato reforçou a tese de que a chamada Síndrome da Guerra do Golfo não é uma fantasia coletiva. Os estudos mais recentes sugerem que os soldados tiveram seu sistema nervoso gravemente afetado. Ainda não se conhecem com certeza as causas dos danos, mas veteranos suspeitam que os problemas estejam relacionados a um coquetel imunológico aplicado com o objetivo de protegê-los contra ataques químicos e biológicos. As suspeitas ganham força pelo fato dos soldados franceses, que não foram imunizados, não apresentarem os sintomas.

## Verba insuficiente

Se as autoridades costumam argumentar que não contam com recursos suficientes para setores como educação, saúde e saneamento básico, a situação financeira na área de ciência e tecnologia é ainda mais crítica. Em certos casos, nem quando as verbas são definidas em lei o repasse é feito na totalidade.

No Ceará, a Constituição estadual prevê que 2% da arrecadação do ICMS deve ser destinada à Fundação Cearense de Amparo à Pesquisa (Funcap). Em 1995, o órgão recebeu somente 0,28% do total arrecado com o imposto (R\$ 2,057 milhões). Se mantida a média de repasses do primeiro trimestre (R\$ 160 mil mensais), a Funcap receberá ainda menos este ano: apenas R\$ 1,92 milhão.

## PING-PONG



### Som pesado

Boa parte dos jovens deve enfrentar problemas de audição antes de completar 60 anos. Estudos revelam que o barulho produzido nos shows de rock, assim como o nível de ruído em boates, têm superado a frequência de 100 decibéis e são altamente nocivos ao ouvido humano.

Pesquisa realizada em Nancy (França) revelou que 44% das pessoas entre 14 a 40 anos que costumam ir a concertos de rock pelo menos uma vez por mês apresentam sintomas de surdez. Na Grã-Bretanha, o Conselho de Pesquisas Médicas avaliou que 30% dos jovens britânicos se submetem a níveis excessivos de ruído. Os sintomas mais comuns são perda temporária da audição e zumbidos no ouvido.

### Iodo no sal

Das 35 amostras de sal de cozinha analisadas pelo Laboratório Noel Nutels (Rio) em 1995, dez (28,57%) apresentaram teor de iodo fora do padrão exigido pelo Ministério da Saúde (mínimo de 40 mg/kg e máximo de 60).

A adição de iodo ao sal visa à prevenção do bócio, doença provocada pela hipertrofia da glândula tireóide. A ausência de iodo no organismo de grávidas pode causar o nascimento de crianças com retardamento mental ou "cretinismo", caracterizado por problemas de aprendizagem, locomoção, visão e audição.

A alegação dos fabricantes é a falta de repasse de iodato de potássio pelo Ministério da Saúde, que tem a obrigação legal de fornecer o produto. A assessoria do Ministério admitiu que o fornecimento de iodato em 1995 foi prejudicado pelo atraso na aprovação do Orçamento da União e por contestações às licitações para a compra do produto. Para 1996, foram adquiridas 100 toneladas de iodato.

### Alteração do ensino técnico

O governo federal enviou ao Congresso projeto de lei que altera o ensino técnico de nível médio no país, desvinculando-o do 2º grau. Pela proposta, os alunos teriam que cursar as disciplinas técnicas após a conclusão do secundário ou ao mesmo tempo, desde que em horários diferentes. Hoje, os currículos das matérias básicas e específicas são integrados. Somente não seria alterada a estrutura dos cursos técnicos da área agropecuária.

A separação vem sendo criticada por professores de escolas técnicas. Para Marise Nogueira, professora da Escola Técnica Federal de Química do Rio, a integração dos currículos permite "maior síntese de conhecimento" por parte dos estudantes. Outro tópico da proposta é a definição de 70% do currículo pelo MEC. Essa padronização prejudicaria a qualidade do ensino, segundo Marise, devido às particularidades econômicas e sociais de cada região.

O relator do projeto na Comissão de Educação da Câmara, deputado Severiano Alves (PDT-BA), afirmou que o principal interesse do governo é ter acesso a empréstimo do Bird voltado para o ensino técnico. Os recursos somente seriam liberados com as alterações do sistema atual.

### Programas de vacinação

Infectologistas reunidos no congresso "Vacinas de hoje protegendo o amanhã", em março no Rio, anunciaram que a condição sócio-econômica da maioria dos países latino-americanos está facilitando o avanço da hepatite B.

O especialista brasileiro Calil Farhat lembrou que os organismos internacionais pretendem aumentar em 90% a cobertura de vacinas em prazo inferior a um ano e diminuir a mortalidade infantil. Mas criticou os governos dos países mais pobres por não destinarem verbas suficientes aos programas de prevenção. As campanhas de vacinação salvam dois milhões de crianças por ano, mas é necessário multiplicar as doses para garantir a proteção.



# PROMOÇÃO "VOLTA ÀS AULAS"

Assine

# CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO



No pagamento à vista  
você ganha mais três edições  
na sua assinatura

# Promoção especial

**Assine 12 edições e receba 15  
ou assine 24 edições e receba 27\***

Cod. 195

## PREÇOS E CONDIÇÕES DE PAGAMENTO

OPÇÕES	À VISTA já c/10% desconto		À PRAZO já c/5% desconto	
	A	B	C	D
12 Edições de Cadernos	R\$54,00	2 x de R\$29,00 p/ 30/60 dias		
24 Edições de Cadernos	R\$108,00	3 x de R\$38,00 p/ 30/60/90 dias		
12 Edições de Cadernos + 12 Edições de Ecologia	R\$119,00	3 x de R\$42,00 p/ 30/60/90 dias		
24 Edições de Cadernos + 24 Edições de Ecologia	R\$238,00	4 x de R\$63,00 p/ 30/60/90/120 dias		

\* Promoção válida somente para pagamento à vista

## CUPOM DE PEDIDO PARA UM AMIGO

Nome: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_  
Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_  
CEP: \_\_\_\_\_ Tel: \_\_\_\_\_  
Profissão: \_\_\_\_\_

Editora Terceiro Mundo Ltda. - Depto. de Assinaturas  
Rua da Glória, 122 - gr. 105/6 Glória - CEP 20241-180 - Rio de Janeiro, RJ  
PEÇA TAMBÉM PELO TEL. (021) 221-7511  
OU PELO FAX (021) 252-8455

## MEU PEDIDO:

Nome: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_  
Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_  
CEP: \_\_\_\_\_ Tel: \_\_\_\_\_ Fax: \_\_\_\_\_  
Profissão: \_\_\_\_\_

Minha opção de pagamento é: (A) (B) (C) (D) (E) (F) (G) (H)  
A opção do meu amigo é: (A) (B) (C) (D) (E) (F) (G) (H)

### Estou efetuando pagamento por:

- Cheque(s) nominal(ais) à Editora Terceiro Mundo
- Reembolso Postal
- Por Telefone (fornecer o nº do cartão de crédito)
- Vale Postal Ag. Lapa
- De acordo com a opção feita, autorizo o débito no cartão de crédito: \_\_\_\_\_ (nome do cartão) que tem validade até \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Nome do titular do Cartão

\_\_\_\_\_

Nº do Cartão

\_\_\_\_\_

ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO

DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Comprador \_\_\_\_\_





## VIAGEM NO TEXTO

### O drama da saúde e a indústria da miséria

No Brasil, as crianças carentes morrem como formigas e, ao mesmo tempo, instituições estrangeiras atuam livremente com a intenção de impedir o nascimento dos filhos de pessoas pobres.

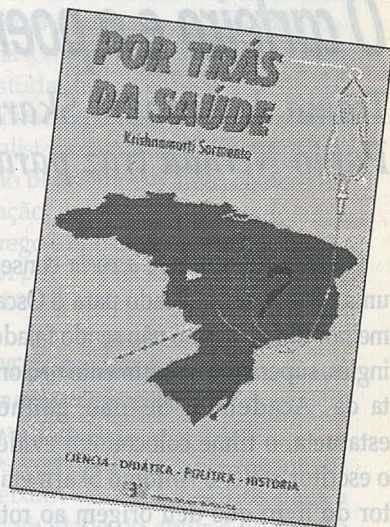
Esta é uma das discussões polêmicas levantadas pelo médico Krishnamurti Sarmento, em seu livro *Por trás da saúde*.

O autor denuncia que hoje há um ressurgimento em nosso país de doenças erradicadas há muitos anos no resto do mundo, devido aos excessos da burocracia.

Com enfoque eminentemente político — já que a discussão sobre saúde e políticas públicas transita na área das questões sociais e econômicas — o médico traz à tona as dificuldades de atendimento no Brasil, a inércia das autoridades para resolver os problemas do setor e a falta de organização no trato dessa questão. Vale registrar que o autor não perde a esperança de que esse quadro dramático possa se modificar, vislumbrando a implantação de um projeto eficiente de saúde para o Brasil.

O livro de Krishnamurti Sarmento, que está despertando bastante interesse, principalmente entre os estudantes de Medicina e os profissionais da área médica, tem uma diagramação leve e inovadora: apresenta as suas notas seqüenciadas ao texto, diferentemente de outras publicações, que as trazem ora no pé da página ora no final. Esta novidade ajuda o leitor na busca do registro apontado pelo autor.

Pode-se dizer que *Por trás da saúde* veio com a finalidade de chamar a atenção para um problema grave por que passa o país, a indústria da miséria, que faz com que tantos seres humanos sucumbam nos corredores de hospitais mal-aparelhados, enquanto uns poucos se aproveitam do caos estimulado pela burocracia e por políticas inescrupulosas. É a tradução de uma indignação geral em relação ao "estado-de-coisas" em que se encontra área tão importante para o desenvolvimento de uma nação. (Valdenir Peixoto)



## VIAGEM NO TEXTO

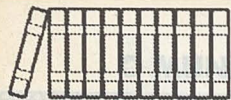
### A ciência na terra dos bandeirantes

Depois de ter publicado, em co-autoria com Jaime Benchimol, *Cobras, lagartos e outros bichos: uma história comparada dos institutos Oswaldo Cruz e Butantã*, o historiador Luiz Antonio Teixeira, pesquisador da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, apresenta mais uma contribuição para todos os que se interessam pela história da ciência e das instituições biomédicas no Brasil.

A qualidade e o pioneirismo de seu novo estudo justificam a transformação em livro da tese defendida no mestrado de Medicina Social da Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), intitulada *Ciência e saúde na terra dos bandeirantes: a trajetória do Instituto Pasteur de São Paulo no período de 1903-1916*.

O Instituto Pasteur de São Paulo possui a peculiaridade de ser uma entidade científica de origem privada. Fundado em 1903, somente em 1916 foi incorporado ao governo do estado de São Paulo. Em sua obra, construída a partir dos praticamente inexplorados arquivos daquele instituto, Luiz Antonio Teixeira questiona o mito de que a ciência brasileira na República Velha só foi viável quando mantida e administrada pelo Estado e conclui que "os conflitos entre o público e o privado na área de saúde têm suas origens no início do século". (Marco André Balloussier)





COM A PALAVRA, O AUTOR

## *O carteiro e o poeta: sensibilidade à flor da pele*

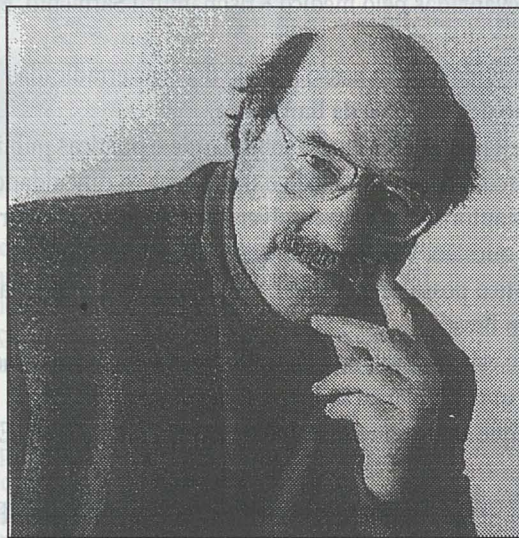
*Trama de Antonio Skarmeta envolvendo o autor chileno Pablo Neruda traz para o cinema a literatura latino-americana*

O filme *O carteiro e o poeta* conseguiu uma proeza: ser indicado para o Oscar de melhor filme, mesmo não sendo falado em inglês, superando o sentimento nacionalista da Academia. Se não ganhou a estatueta, o filme colocou em evidência o escritor chileno Antonio Skarmeta, autor do livro que deu origem ao roteiro. Skarmeta esteve no Brasil para divulgar a versão em português do livro, lançada pela Editora Record.

A história se baseia na amizade entre o carteiro italiano Mario Jiménez e o poeta chileno Pablo Neruda, ganhador do Nobel de Literatura em 1971. Na vida real, Neruda foi também diplomata e engajado militante comunista, o que fez com que fosse exilado em Paris, de 1948 a 1952.

Na ficção de Antonio Skarmeta, Neruda está exilado na pacata ilha italiana onde mora o carteiro, um pescador fracassado. O poeta consolida a amizade com ele a cada remessa de cartas, gerando diálogos e situações de extrema sensibilidade, delicadeza e humor. O carteiro, que vê no poeta um cúmplice nas letras do amor, chega a dizer que "um poema não é de quem o escreve, mas de quem o lê", justificando o fato de os estar usando para conquistar sua amada, Beatriz. O pano de fundo da história é a efervescência política do Chile nas décadas de 60 e 70.

A primeira versão do filme, de 1983, dirigida por Skarmeta com o nome de *Ardiente Paciencia*, foi premiada nos festivais de Biarritz e Bordeaux (França). Na segunda versão, denominada *Il Postino*, que concorreu ao Oscar, os atores Phillippe



Antonio Skarmeta (à esquerda) divide a obra poética de Pablo Neruda (acima) em várias fases: romântica, panfletária, de exaltação à natureza

Noiret e Massimo Troisi, este falecido no dia seguinte ao término das gravações, encarnam com perfeição Neruda e Mario.

Mesmo feliz com a indicação para o Oscar, Antonio Skarmeta diz que o importante para ele foi o reconhecimento do público, e não a disputa pelo mais cobiçado prêmio do cinema.

**Que expectativa você tinha em relação ao Oscar?**

AS — O filme *O carteiro e o poeta* recebeu cinco importantes indicações — melhor filme, direção, roteiro, ator e música. Acabou ganhando o prêmio de melhor música. Mas, na verdade, eu não tinha qualquer expectativa em relação ao Oscar. Importante foi o seu êxito mundial, a opinião do público, não o Oscar.

**Como surgiu a idéia da primeira versão, *Ardiente Paciencia*?**

AS — Em 83, quando morava na

Alemanha, resolvi não escrever para jornais, não dar aulas na universidade, não fazer nada que não fosse escrever um livro. Ia ser uma monstruosidade de 600 páginas, um

romance épico sobre o Chile contemporâneo entrelaçado com a história destas duas personagens. Depois da obra pronta, recebi a visita de um produtor de cinema para quem contei sobre o livro. Ele me escutou atentamente e disse: "Mas isso é um filme!" Acabei escrevendo também o roteiro do filme que eu mesmo dirigi.

**Como você descreveria o Neruda poeta e o Neruda político?**

AS — Como poeta, diria que existem vários Nerudas. Tem o metafísico; o panfletário dos poemas políticos; o romântico, que aflora em sensualidade; o amante da cultura latino-americana, dos Cantos Gerais; o das odes à natureza — muito visto no filme *O carteiro e o poeta*. Como político, foi embaixador em Paris durante o governo de Salvador Allende, além de destacado militante do Partido Comunista.

(Gabriela Temer)

# /// /// POSTAL NORTE SUL /// ///

## ÉTICA NA COMUNICAÇÃO

*Ester Kosovski*  
Muniz Sodré, Carneiro Leão, Chaim Katz, Francisco Doria, Fabio Lacombe, William Batista, José Argolo e Alessandro Baratta. Respeitados profissionais de várias áreas escrevem sobre a presença (ou ausência) de ética na vida moderna.

156 pp Cód. E-489  
R\$ 22,60

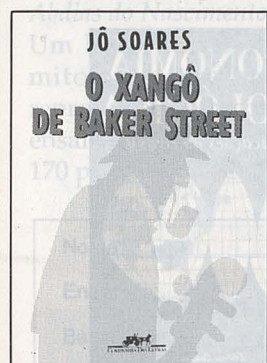


## EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO BRASIL

Da colônia à crise da Nova República

*Theotonio dos Santos*  
Estudo aprofundado sobre a aventura de um país em desenvolvimento no âmbito econômico e político. Uma história ideológica do Brasil, em crescente evolução, mas sacrificando seu povo.

302 pp Cód. E-491  
R\$ 29,00



## O XANGÔ DE BAKER STREET

*Jô Soares*  
O primeiro romance do humorista tem trama policial, passa-se no Rio de Janeiro de 1886 e envolve, entre outros personagens, a célebre atriz francesa Sarah Bernhardt, o detetive Sherlock Holmes, o imperador Pedro II, prostitutas cariocas e a intelectualidade brasileira da época

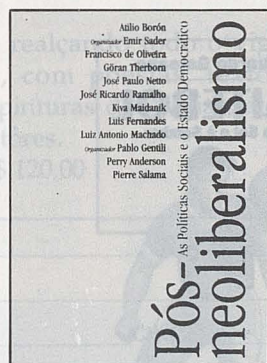
352 pp Cód. 467  
R\$ 24,00

## PÓS-NEOLIBERALISMO

As políticas sociais e o Estado democrático

*Emir Sader e Pablo Gentil* (organizadores)  
Análise sobre o neoliberalismo, que prega a redução da presença estatal na economia. Francisco Oliveira, Goran Therborn, Perry Anderson, entre outros, criticam o sistema, chamado de inimigo da cidadania.

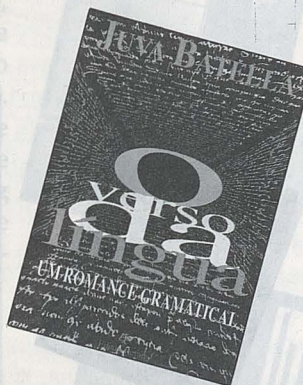
205 pp Cód. 449  
R\$ 19,30



## ALMANAQUE BRASIL 95/96 2ª Edição

Obra apresenta dados geográficos, históricos e sociais do país de forma analítica, se constituindo numa fonte de consulta preciosa para estudantes e profissionais de vários setores. Reúne textos de 14 jornalistas e estudiosos sobre a situação brasileira em áreas como educação, saúde, comunicação, emprego e habitação, entre outras.

261 pp Cód. 318  
R\$ 30,00

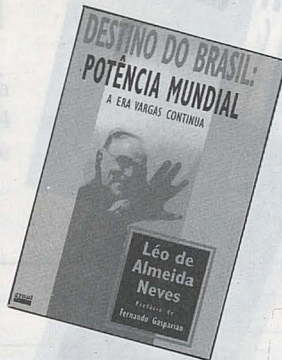


## O VERSO DA LÍNGUA

Um romance gramatical  
*Juva Batella*

Os verbos, sujeitos e substantivos deixam de ser acessórios para a criatividade do autor e ocupam o lugar de personagens principais. Luís Fernando Veríssimo define o livro de Batella, de 24 anos, como um "romance hiper-realista"

186 pp Cód. 453  
R\$ 15,00



## DESTINO DO BRASIL: POTÊNCIA MUNDIAL

A era Vargas continua

*Léo de Almeida Neves*  
O país tem grande potencial, mas falta firmar a cidadania e garantir a sobrevivência econômica. O livro aponta novos caminhos e ressalta o papel histórico de Getúlio Vargas.

270 pp Cód. E-490 R\$ 20,00  
R\$ 20,00



## A UNE EM TEMPOS DE AUTORITARISMO

*Maria de Lourdes de A. Fávero*  
Histórico das lutas dos estudantes diante da ação do governo no ensino, que usava a educação para sustentar o "projeto de sociedade capitalista", e da repressão política imposta pela ditadura militar.

218 pp Cód. 455  
R\$ 20,50

**ATENÇÃO:** Se, por motivo de insuficiência de estoque, faltar algum livro de seu pedido, a entrega será feita parcialmente e completada posteriormente.

# POSTAL NORTE SUL

## ACASOS E CRIAÇÃO ARTÍSTICA

Fayga Ostrower

A gravadora e artista plástica dá um panorama teórico dos mecanismos da criatividade.

289 pp **Cód. 483**  
R\$ 44,90

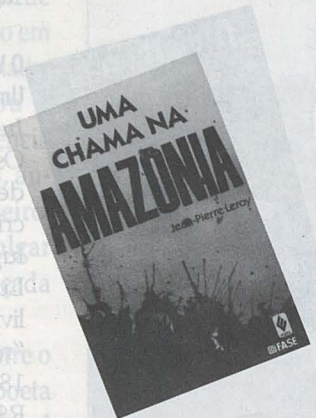


## UMA CHAMA NA AMAZÔNIA

Jean-Pierre Leroy

Movimento dos trabalhadores rurais na Amazônia, luta pela terra, reforma agrária e sindicalismo no campo, com informações sobre condições e processos de organização do setor.

215 pp **Cód. 238**  
R\$ 6,00



## OS FANTASMAS DO VALE

Qualidade ambiental e cidadania

Lúcia da Costa Ferreira

Dimensão política e cultural do desastre ambiental provocado pelo complexo industrial de Cubatão (SP). Modernização da economia causou destruição no ecossistema e sociedade busca soluções. Pesquisa premiada pela Associação Brasileira de Antropologia em 1991.

188 pp **Cód. 470**  
R\$ 8,60



## DONA MARIA JOSÉ

Retrato de uma cidadã brasileira

Ana Arruda Callado e

Denilde Leitão

A trajetória de solidariedade da esposa do presidente da ABI, Barbosa Lima Sobrinho, Maria José Barbosa Lima, fundadora da Campanha Pernambucana Pró-Infância e da Casa do Pequeno Trabalhador, em Teresópolis (RJ).

107 pp  
R\$ 15,00



## POR TRÁS DA SAÚDE

Krishnamurti Sarmento

Mais do que colocar o dedo na ferida, o autor usa a consciência profissional e política para estabelecer um resgate da indignação. Mas como indignar-se não basta, apresenta propostas concretas, muitas até bem simples, que permitiriam superar os graves problemas de saúde no Brasil.

220 pp **Cód. 494**  
R\$ 15,00



Eduardo Galeano

## FUTEBOL

Ao Sol e à Sombra



## FUTEBOL: AO SOL E À SOMBRA

Eduardo Galeano

O escritor uruguaio, autor de *Veias abertas da América Latina* aborda o esporte mais popular do Planeta. Galeano se relaciona com o futebol com as mãos, escrevendo, já que não foi bem sucedido no esporte com os pés, por ser "o pior perna de pau que já passou pelos campos" do Uruguai.

264 pp **Cód E-492**  
R\$ 24,00

## ECOLOGIA:

### GRITO DA TERRA, GRITO DOS POBRES

Leonardo Boff

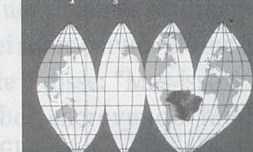
A lógica que explora as classes e submete os povos aos interesses de uns poucos países ricos e poderosos é a mesma que depreda o Planeta e expolia suas riquezas.

341 pp **Cód. 461**  
R\$ 28,00



## ECONOMIA ECOLÓGICA

Aplicações no Brasil



Peter H. May  
(organizador)

Editora Campus

## ECONOMIA ECOLÓGICA

Aplicações no Brasil

Peter May

Cinco estudos de caso tratam de recursos minerais e florestais nacionais, manguezais paulistas, carvoejamento de matas em Minas Gerais, alternativas de uso de solo em florestas no Pará e recuperação de morros favelados no Rio.

191 pp **Cód. 463**  
R\$ 28,00

**A PERCEÇÃO SOCIAL DA AIDS –**

Raízes do preconceito e da discriminação

*Janete Hanan*

A autora, assistente social, trata do abandono dos doentes e do pânico que toma conta dos familiares e profissionais da saúde, pois a Aids reúne todos os estigmas das doenças antes tidas como catastróficas.

96 pp Cód. E-488  
R\$ 25,00

**ENSINANDO A ENSINAR**

*Doli Reiner*

Ganha cada vez mais força em empresas a reciclagem de profissionais, procurando atualizar seus conhecimentos. O livro, voltado para instrutores, procura responder três perguntas-chave: quem será o público-alvo, o que precisa aprender e como ensinar.

61 pp Cód. E-452  
R\$ 18,40

**ORIXÁS – OS DEUSES VIVOS DA ÁFRICA**

*Abdias do Nascimento*

Um livro de arte bilíngüe realçando todo o vigor da mitologia afro-brasileira, com poesias, texto e 74 reproduções em cores das pinturas de Abdias, além de ensaios críticos de vários autores.

170 pp Cód. E-486 R\$ 120,00

**COMO CONTAR UM CONTO**

*Gabriel García Márquez*

O escritor Prêmio Nobel mostra, numa oficina na Escola Internacional de Cinema e Televisão de Santo Antonio de los Baños, em Cuba, como se faz para narrar com eficiência, prendendo o espectador do início ao fim

307 pp Cód. 457  
R\$ 22,00

**A SOCIEDADE DO SONHO**

*Everardo Rocha*

Um estudo antropológico sobre a indústria cultural, os mistérios dos meios de comunicação de massa e o fenômeno do consumo. Obra indicada para os que se interessam pelo tema e os que estudam marketing e propaganda a partir de uma perspectiva da Antropologia do Consumo.

232 pp Cód. 442  
R\$ 25,00



**SINAL FECHADO**

A música popular brasileira sob censura  
*Alberto Ribeiro da Silva*

A canção popular tem ajudado a formar a identidade brasileira. Por isso o Estado volta-se para ela, usando-a em sua ação política ou censurando-a. O autor estuda os períodos do Estado Novo (1937-45) e do AI-5 (1969-78)

199 pp Cód. 469 R\$ 15,00



**CRIANÇAS ESQUECIDAS**

*Hélio de Oliveira Santos*

A situação de abandono de meninos e meninas brasileiros, num retrato em preto e branco da violência presente tanto nas ruas como dentro das casas. O autor apresenta soluções que vão desde a municipalização do problema até a criação do salário abandono

127 pp Cód. 466 R\$ 15,00



**EMPRESARIADO E ESTADO NA TRANSIÇÃO BRASILEIRA**

*Sebastião Carlos Velasco e Cruz*

Um estudo sobre a economia política do autoritarismo (1974-77), no governo do general Ernesto Geisel. A obra procura mostrar quais os pontos de convergência entre o abrandamento dos controles autoritários e o modelo econômico vigente

295 pp Cód. 468 R\$ 26,40

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_

Estado: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_ Tel.: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Assinale a forma de pagamento do(s) seu(s) pedido(s):

( ) Por telefone (fornecer o nº do cartão de crédito)

( ) Cheque(s) nominal(ais) em anexo à Editora Terceiro Mundo Ltda.

( ) Vale Postal - Agência Lapa

( ) Pagarei por reembolso postal

( ) autorizo débito no meu cartão \_\_\_\_\_

que tem validade até \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ no valor de R\$ \_\_\_\_\_

Cartão nº: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
Data

\_\_\_\_\_  
Assinatura do comprador

Código	Quantidade

Enviar para Editora Terceiro Mundo Ltda.  
Depto. de Assinaturas - Rua da Glória, 122/1º andar  
Rio de Janeiro - RJ - CEP 20241-180  
Peça também pelo tel. (0800) 25-7511 ou fax: (021) 252-8455

Aceitamos todos os cartões de crédito

# Num terreno de areia movediça

*A falta de vontade do premier Benjamin Netaniahu em negociar a paz com os palestinos e árabes vizinhos coloca o Oriente Médio à mercê dos extremistas*

Beatriz Bissio

Os últimos dias de junho ficarão na memória de Warren Christofer, secretário de Estado norte-americano, como uma espécie de inferno astral. Não bastasse a dificuldade da primeira reunião com Benjamin Netaniahu, a quem não convencera a flexibilizar suas posições em relação aos árabes, teve que interromper a sua viagem pelo Oriente Médio para se deslocar às pressas para a Arábia Saudita, no Golfo, onde um atentado matou dezenove militares de elite dos Estados Unidos e feriu outras 400 pessoas.

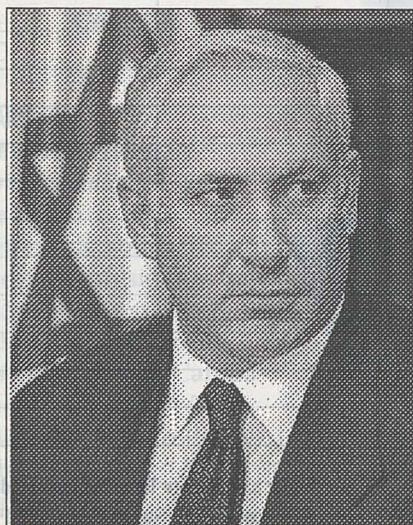
A um preço elevado, Christofer constatava *in loco* que o clima na região está rarefeito, com presságios de trovoadas de violência e instabilidade crescente.

Após ter feito inúmeras vezes no passado a rota Telavive, Jericó, Beirute, Damasco, Amã, Cairo, ajudando a alinhar o plano de paz entre árabes e israelenses, o secretário de Estado deve ter sentido uma certa frustração ao comprovar que a linha da costura fora cortada e que um retrocesso de conquências imprevisíveis estava delineado. Os adversários da paz, do lado árabe e do lado israelense, tinham o que comemorar.

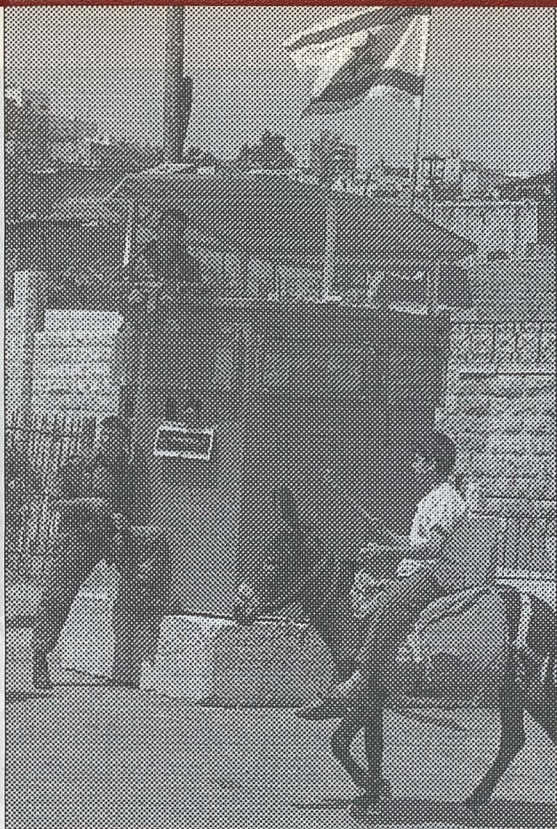
A primeira grande vitória foi

a própria eleição de Netaniahu. O assassino de Yitshak Rabin e os seus inspiradores, de um lado, e o Hamas, com a sua linha de sangrentos atentados, do outro (*ver cadernos do terceiro mundo nº 191*) haviam conseguido o que procuravam, debilitar a liderança de Arafat e derrotar o candidato trabalhista Shimon Peres, responsáveis pelas negociações de paz entre israelenses e palestinos.

Os erros de Peres - Acuado pelos atentados do Hamas em Jerusalém e Telavive e as ofensivas militares do Jihad islâmico no norte de Israel, que tumultuaram a campanha elei-



A eleição de Benjamin Netaniahu levou os líderes árabes a realizarem uma conferência de cúpula para avaliar a nova situação regional, na qual a vontade de paz com Israel foi ratificada



Os erros de Peres levaram os árabes de cidadania israelense a votar em branco

toral, Shimon Peres buscou mostrar firmeza para agradar ao eleitorado mais conservador. Porém, cometeu um erro que lhe custou a eleição: impôs um severo bloqueio aos territórios palestinos (*ver matéria nesta edição*) e lançou uma operação de retaliação no sul do Líbano – chamada Vinhas da Ira – que atingiram não os terroristas, mas a população civil.

A artilharia e as bombas israelenses assassinaram centenas de civis nas cidades do sul do Líbano, que ficaram praticamente destruídas, provocando um êxodo de um milhão de pessoas para Beirute. As imagens dos 154 mortos num centro de refugiados das Nações Unidas – famílias inteiras que foram dizimadas – indignaram a opinião pública mundial. A retaliação ao melhor estilo “olho por olho” não foi aceita como forma de atuação de um chefe de Estado e criou uma enorme

revolta nos 500 mil árabes de cidadania israelense. Eleitores dos trabalhadores em circunstâncias normais, esses palestinos votaram maciçamente em branco nas últimas eleições. Como a sociedade israelense estava praticamente rachada ao meio, com um empate técnico entre Shimon Peres e Netaniahu, acaba-

ram decidindo o resultado em favor do Likud.

Após acenar com a possibilidade de um governo de coalizão com o Partido Trabalhista, Netaniahu recuou e limitou-se a integrar o gabinete com os aliados: partidos religiosos e grupos minoritários de linha dura.

Desta forma, não só o novo governo ficou à mercê dos israelenses mais extremistas e conservadores, como o próprio programa de ação apresentado contém implícita uma quase declaração de guerra: afirma-se que serão ampliados os assentamentos judeus em terras palestinas, em aberta violação ao conteúdo dos acordos de paz assinados em Oslo por Yitshak Shamir, Shimon Peres e Yasser Arafat; rejeita-se qualquer possibilidade de discussão a respeito do futuro de Jerusalém, definida como a “capital indivisível” de Israel em contraposição aos acordos, que estabelecem a necessidade de se negociar o *status* da Cidade Santa entre

israelenses e palestinos nos próximos anos. Da mesma forma, as colinas de Golá são definidas como “uma região vital” para a segurança de Israel e adverte que a manutenção da soberania judia sobre esse território será a base de “qualquer acordo com a Síria”. Como se sabe, as colinas de Golá pertencem à Síria e foram ocupadas e anexadas por Israel há três décadas. Netaniahu sabe que os sírios não aceitam nenhuma negociação que rejeite a discussão do cronograma para o retorno dessa região estratégica para o seu controle.

Completando a atitude de desconhecimento tácito dos acordos de paz assinados pelo governo anterior, Netaniahu não fez nenhum gesto de aproximação com Arafat. Essa atitude se contrapôs à adotada em relação ao presidente do Egito, Hosni Mubarak, e o rei Hussein, da Jordânia. Com ambos o novo primeiro-ministro dialogou longamente por telefone assim que foi confirmada a sua vitória. Egito e Jordânia são os dois países árabes que já assinaram acordos de paz com Israel.

Ao ignorar Arafat e evitar um gesto no sentido de levantar o bloqueio de Gaza e Cisjordânia, o novo governo estava desconhecendo o fato que nos territórios palestinos já há um governo autônomo, fruto de eleições livres, cuja transparência foi fiscalizada pela comunidade internacional. Hoje Arafat não é só o líder do povo palestino; é o seu presidente.

## ORIENTE MÉDIO

### ISRAEL

**Frustração e medo** - Por tudo isso, entre os árabes o ambiente é de desânimo e apreensão. O coordenador das Nações Unidas para os territórios ocupados, Terje Larsen, advertiu que, se o bloqueio de Gaza e da Cisjordânia não fosse levantado de imediato, o povo palestino perderia a fé no processo de paz e a situação se tornaria perigosa.

Por sua vez, os líderes de 21 países árabes, que realizaram uma reunião de cúpula no Cairo para avaliar a conjuntura pós-eleitoral em Israel, fizeram um alerta ao *premier* Netaniahu: irão reconsiderar todas as concessões feitas em cinco anos de conversações, se os termos acordados nas negociações de paz forem desrespeitados pelo novo governo. Os líderes árabes reiteraram o seu compromisso com a paz, mas o condicionaram à retirada de Israel de todos os territórios árabes ocupados, isto é, Cisjordânia e Gaza, Golá e sul do Líbano. Esse princípio tinha sido aceito pelo governo trabalhista nas negociações de 1991 e agora parece estar questionado pelas declarações e atitudes do Likud no poder. A proclamação do Estado palestino com Jerusalém como capital também é uma reivindicação da qual os líderes árabes afirmaram não abrir mão.

Netaniahu reagiu de imediato. Acusou os chefes de Estado reunidos no Cairo de "tentar ditar os termos das negociações". Mas, como lembraram muitos jornalistas que cobriam "o tiroteio verbal"



*O atentado contra as tropas americanas na Arábia Saudita mostrou que a atitude de Washington está sendo questionada*

entre ambas as partes, o novo primeiro-ministro israelense era quem agia como se as negociações estivessem começando naquele momento, desconhecendo que ele é herdeiro de um processo de paz que já está sendo implementado há vários anos, com o aval da comunidade internacional. E, nesse processo, o princípio de "terra por paz" foi a base das negociações, desde a Conferência de Madri de 1991.

Justamente o principal objetivo da mais recente viagem de Warren Christopher ao Oriente Médio, na qual o ponto mais quente era a sua primeira reunião com Benjamin Netaniahu, era abrir os olhos do primeiro-ministro israelense para a necessidade de se ater ao conteúdo dos acordos já assinados, sob pena de comprometer todo o processo de paz com os árabes. Mas quando um jornalista norte-americano perguntou ao secretário de Estado norte-americano se a equação "terra por paz" continuava vigente, Warren Christopher não conseguiu dar uma resposta clara. "Israel e os Estados Unidos concordam que

as negociações de paz devem ser feitas sem pré-condições", se limitou a afirmar. Ou seja: após um tenso encontro com o chanceler dos Estados Unidos, Netaniahu não havia cedido nada em suas posições, obrigando Christopher a fazer malabarismos verbais para não deixar transparecer que tudo voltava à estaca zero.

O secretário de Estado, diante de sua frustrada tentativa de flexibilizar as posições de Netaniahu, buscou convencer os árabes a aceitarem as condições do novo governo de Israel. Disse que o princípio de troca de "terra por paz" devia ter caráter geral, mas precisa ser adaptado à realidade. Porém, essa posição dos Estados Unidos parece destinada a criar problemas no futuro relacionamento com os árabes, que começam a achar Christopher brando demais na tentativa de enquadrar Netaniahu nos limites dos acordos já assinados.

Por tudo isso, os povos da região se sentem pisando num terreno de areia movediça. Acabou a esperança em um relacionamento construtivo entre árabes e israelenses no futuro próximo.





# Quem são os jovens suicidas?

*Falta de perspectivas e a certeza de chegar ao paraíso levam jovens muçulmanos a dar sua vida em atos que contribuíram para minar o processo de paz*

Deborah Horan

**H**omens dispostos a se explodir em pedaços em um atentado com bomba certamente possuem características particulares. Isso sem contar que são submetidos a um severo processo de preparação psicológica. São quase sempre jovens, religiosos, refugiados, desempregados, inteligentes, enfurecidos, sofrem dificuldades financeiras e pertencem a famílias muçulmanas devotas. Antes de ir para a morte, passam por um treinamento psicológico, segundo o sociólogo Bassam Nasser, que realizou vastas pesquisas sobre a psicologia dos refugiados palestinos.

“O tempo entre o dia em que aceitam morrer e o do atentado

faz com que passem por fortes pressões com outros militantes, que lhes falam sobre o paraíso, as ações de Israel e a necessidade de tomar medidas contra esse país”.

Nos últimos meses, vários jovens se suicidaram em atentados com bomba nas ruas de Israel, causando dezenas de mortos e feridos. A resposta de Israel foi adotar severas medidas repressivas contra todos os palestinos e o Líbano, onde o Hizbollah, o Partido de Deus, que reivindicou alguns dos últimos atentados, tem importantes bases (ver matéria coordenada).

As últimas horas de um mártir —Várias fontes de Gaza ofereceram informação sobre o perfil dos

jovens que cometeram os atentados suicidas e as condições em que viviam. Nas etapas finais da preparação para a operação suicida em Israel, o voluntário palestino desaparece de casa, da escola e do trabalho. Por várias semanas, e às vezes meses, sua família não sabe onde está.

O jovem “candidato” passa a viver em companhia de seus treinadores, aqueles que o enviarão para a morte. Sob intensa pressão física e psicológica, faz jejum, dorme muito pouco, lê o *Alcorão*, fala com líderes religiosos e recebe instruções dos fabricantes das bombas.

Seus treinadores passam a adulá-los e se asseguram que se encontre em boas condições

## ORIENTE MÉDIO

### PALESTINA

físicas, emocionais e espirituais. Se o voluntário não estiver seguro do que vai fazer, todo o grupo estará correndo risco.

Poucas noites antes do atentado, o jovem grava um vídeo. Assim fez o suicida do ônibus nº 5, em Telavive, que aparece mostrando seu rifle com o nome do Movimento de Resistência Islâmica gravado em árabe.

A maioria dos analistas considera que vários atentados suicidas foram uma vingança pelo assassinato do militante palestino Yehya Ayyash, conhecido como "o engenheiro", por parte de agentes israelenses. No entanto, outros observadores vêem estas ações como uma expressão de frustração e fúria, santificada na sociedade palestina através do martírio.

O pai de um dos jovens mártires se mostrava alegre. "Aqui ninguém está triste. Este é um dia de comemoração, como se fosse uma festa", disse. Mas esse sentimento está mudando uma vez que os líderes religiosos começam a caracterizar os atentados como suicídios — algo proibido no Islã — e não como atos de mártires. Por outro lado, as represálias de Israel demonstraram que todos os palestinos saem prejudicados. O governo israelense dinamitou as casas dos suicidas que viviam em áreas da Cisjordânia ainda sob o seu controle, e o ex-pri-



A intolerância mútua, entre extremistas israelenses e palestinos, gera atitudes como a queima da bandeira de Israel

meiro-ministro Shimon Peres falou em deportar os membros de suas famílias.

Por outro lado, o fechamento das fronteiras de Gaza e Cisjordânia jogou a população palestina num nível de sobrevivência precário, já que está proibida a entrada ou saída de bens ou pessoas. Três crianças palestinas morreram enquanto esperavam para serem levadas em ambulância até a fronteira e 300 estudantes de Gaza foram presos por estudar "ilegalmente" na Universidade Birzeit, da Cisjordânia, ou seja, por terem que passar diariamente por um pedaço do território israelense.



Em Gaza, onde se realizam as sessões do Conselho Legislativo (Congresso) palestino, Arafat determinou uma diminuição dos salários dos funcionários da nova administração

### Arafat reduz salários

O salário do pessoal e empregados da Autoridade Nacional Palestina, o governo dos territórios autônomos, foram reduzidos em 5% por ordem de Yasser Arafat. A medida se destina a arrecadar fundos para financiar projetos urgentes, que gerem emprego para os milhares de palestinos que ficaram sem trabalho logo depois do total fechamento da fronteira por parte de Israel.

# O preço do bloqueio

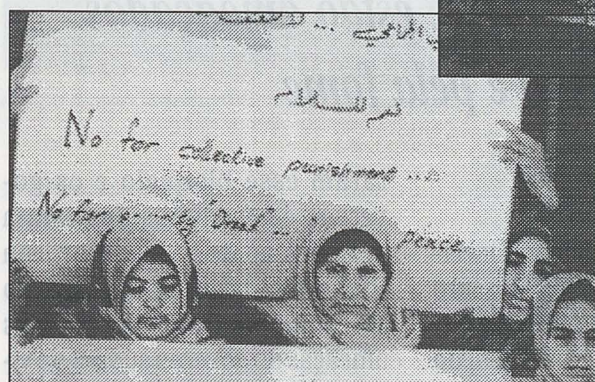
**O**s palestinos esperam com ansiedade que a comunidade mundial ajude a encontrar saídas para aliviar os efeitos econômicos do bloqueio a seus territórios por parte de Israel. Imposto como consequência da onda de atentados suicidas desencadeada em fevereiro, ele já não tem mais justificativa.

As medidas provocaram a virtual paralisação das áreas controladas pela Autoridade Nacional Palestina (ANP). Os estudantes com permissão para freqüentar as escolas em território israelense não podem sair de suas casas. As fábricas fecharam. Caminhões de coleta de resíduos doados pela União Européia estão parados no porto israelense de Ashdod, porque não os deixaram entrar no território autônomo palestino. Israel afrouxou timidamente as medidas ao permitir a entrada de alimentos e materiais de construção. Mas o ministro das Finanças palestino, Mohammad Nashashibi, estima que só atravessam a fronteira 20 caminhões por dia, quando antes das medidas o faziam 400.

“O fechamento está matando a economia, atrasando os projetos de reconstrução e afugentando o investimento privado”, lamenta Nashashibi. A consequência imediata do bloqueio foi a deterioração da já difícil situação econômica dos habi-

tantes das zonas sob jurisdição de Arafat. Boatos sobre a chegada de farinha de trigo a Gaza provocaram corridas e filas por dias e noites às portas dos postos de venda.

Crianças descalças sentadas na rua vendem tomates, pepinos



*A falta de trabalho faz com que a maioria dos homens da Faixa de Gaza e Cisjordânia passem longas horas jogando conversa fora nas ruas ou nos cafés. Revoltadas, as mulheres exigem das autoridades israelenses o fim do que chamam "punição coletiva", ou seja, o fim do bloqueio econômico dos territórios palestinos*

e batatas das hortas de suas famílias e que, em situação normal, se destinariam à exportação. As ruas de Gaza, habitualmente movimentadas, estão tranqüilas. “Os homens não saem. Estão sentados dentro de casa o dia todo”, comentou uma mulher.

Pelo menos 100 mil pessoas estão sem trabalho em Gaza, em uma população ativa de 160 mil. Os 40 mil trabalhadores que antes cruzavam a fronteira diariamente para Israel agora não têm autorização para fazê-lo. 23 mil operários da construção ficaram desempregados, com a proibição da entrada de materiais.

Os países doadores, que prometeram assistência de cerca de US\$ 890 milhões ao governo da Palestina, reivindicam com urgência a criação de empregos.

Terje Larsen, coordenadora da assistência da ONU, diz que são necessários US\$ 40 milhões para a construção de escolas de reabilitação, pavimentação e construção de estradas, coleta de lixo, iniciativas que dariam trabalho a nove mil pessoas.

A economia de Gaza depende do fluxo de quatro produtos essenciais. Têxteis e cítricos são exportados, enquanto se importam cimento e farinha. Se o intercâmbio dessas mercadorias cessa, toda a economia fica paralisada. Se prevê que em 1997 estará concluída a primeira fase da construção de um porto sobre o Mediterrâneo, que oferecerá aos palestinos contato direto com o mundo exterior e diminuirá a dependência que os prende a terminais marítimos israelenses. ●

# Implacável genocídio

*Os núbios, minoria negra do norte do Sudão, estão ameaçados pela repressão e pela fome*

Alex de Waal\*

O futuro do Sudão é incerto; talvez mais obscuro do que nunca em sua história moderna. O sul do país está envolvido em uma guerra aparentemente sem esperanças e o norte é dirigido por um regime extremista comprometido com um projeto totalitário.

Esse projeto dos generais fundamentalistas de Cartum, capital do país, consiste na transformação de uma sociedade diversificada e tolerante em outra monolítica e à imagem e semelhança do intransigente regime islâmico vigente.

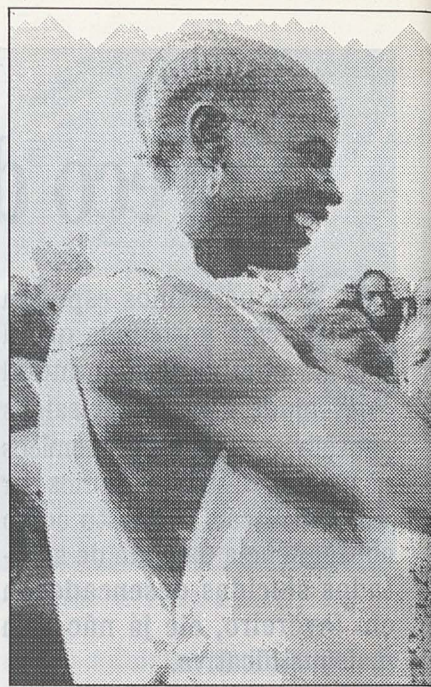
Mas o pior ocorre nas montanhas de Núbia, no norte do país, bolsão de tribos negras cristãs, muçulmanas ou seguidoras de crenças tradicionais, localizado na região habitada por descendentes de árabes. Depois de ter sitiado a região há seis anos, o regime sudanês está mergulhado numa guerra de extermínio, em um lento mas implacável genocídio.

O doloroso é que as organizações de ajuda humanitária acei-

taram esse bloqueio e os governos estrangeiros desviaram sua atenção de Núbia. A African Rights foi a primeira organização internacional que ignorou as ameaças do governo sudanês e visitou as áreas que o regime ainda não conseguiu destruir.

Isolados do resto do mundo e enfrentados a um implacável inimigo, os núbios parecem ser uma causa perdida. Mas não tem que ser assim. O sofrimento extremo que padece o povo núbio deve ser transformado no começo de uma nova etapa da sua história, mediante a aplicação das convenções internacionais contra o genocídio.

Condições para isso existem: o comando do rebelde Exército Popular de Libertação do Sudão (SPLA)<sup>1</sup> iniciou nas montanhas de Núbia uma experiência democrática única no país. A resposta do regime de Cartum foram as atrocidades contra os núbios, um crime contra a humanidade. O exército sudanês evita enfrentar diretamente as forças do SPLA e ataca e põe fogo em aldeias civis indefesas.



A African Rights visitou muitas dessas aldeias. Em Toror, por exemplo, as casas ainda estavam ardendo em chamas quando chegamos e mais de 250 habitantes da região, a metade deles crianças, tinham sido capturados pelo exército. Essas crianças provavelmente não voltarão nunca mais para suas casas. Doze delas foram assassinadas.

A aldeia foi saqueada pelos soldados, que queimaram o pouco que restou. Os moradores que conseguiram fugir não se atrevem a voltar, com medo dos esquadrões dedicados ao seqüestro e assassinato, além de enfrentarem um futuro de fome e inanição.

O medo que a população tem dos seqüestros é mais do que justificado. Foram entrevistados alguns moradores da aldeia que haviam sido emboscados quando iam apanhar água ou frutas, plantar ou cuidar de seus rebanhos. Inclusive falamos com sobreviventes das ações dos esquadrões da morte do regime, entre eles chefes de tribos, administradores



As tropas do general Al-Bashir reprimem a população núbia, forçada a abandonar as suas terras e abrir mão de sua cultura milenar

e padres que foram alvo de uma campanha para eliminar os poucos núbios instruídos e que podem falar em nome do seu povo.

Vida de privações - Atualmente, cerca de 250.000 núbios vivem nas colinas controladas pelo SPLA. Isso demonstra que preferem uma vida de privações em suas próprias aldeias à miséria e os abusos que reinam nos chamados cinicamente "acampamentos da paz" do regime sudanês.

Esses acampamentos são na realidade instrumentos de controle ditatorial, destinados a destruir o tecido social dos núbios. Ao chegarem lá, as mulheres e moças capturadas são entregues aos soldados para serem estupradas. O horror relatado por essas mulheres não é diferente das traumáticas experiências vividas pelas reféns muçulmanas bósnias nas mãos dos sérvios na guerra da antiga Iugoslávia.

Uma mulher núbia que conseguiu fugir de um dos acampamentos descreveu como foi violentada coletivamente todas as

noites durante meses pelos oficiais da guarnição, que em sua repudiável ação seguiram as ordens de seus superiores militares. Depois de certo tempo, as mulheres são forçadas a se tornarem "esposas" de algum soldado ou são enviadas a trabalhar em granjas mecanizadas que estão se alastrando como um câncer pelas planícies núbias.

## Um país dilacerado

O Sudão tem 2.505.813 km<sup>2</sup> e 28,1 milhões de habitantes. O general Omar Bashir é o chefe de Estado desde junho de 1989, quando deu um golpe, destituindo o governo civil. Em fins de março deste ano, os sudaneses votaram em eleições presidenciais e legislativas; porém nenhum dos 40 candidatos inscritos tinha, na prática, chance de ser efetivamente eleito, pois as regras de jogo tinham sido criadas para homologar a candidatura oficial do general Bashir. Hassan al Turabi, homem forte do regime sudanês, fora quem providenciara todos os "detalhes jurídicos" do pleito. Acabar em poucos meses com a guerrilha do Exército Popular de Libertação do Sudão (SPLA, em sua sigla inglesa), que se opõe à islamização do país, é a meta principal de Bashir.

Com um povo à beira da fome, o regime militar gasta milhões de dólares diários em "defesa", ou seja, na repressão aos rebeldes armados e aos núbios. Desde o seu início, em 1983, a guerra civil já provocou a morte de um milhão de sudaneses e obrigou três milhões a abandonarem as suas terras.



WORLD GUIDE 1995

## Quem são os núbios?

Entre os mais de 570 grupos que formam o povo sudanês, estão os núbios, que moram ao longo do rio Nilo, na região norte do país, e no sul do vizinho Egito. São, na sua maioria, pastores nômades e falam uma língua própria, bedawiye, da família semítica. A sua segunda língua costuma ser o árabe.

Núbia era na antiguidade o nome do atual Sudão. Desde a Idade da Pedra, os grupos humanos que viviam no norte do que é hoje o território sudanês sofreram a influência dos egípcios. A parte norte de Núbia foi, de fato, conquistada pelos reis do Egito no fim do quarto milênio antes de Cristo, e os povos que lá habitavam passaram a ser vítimas de sucessivas expedições militares, em busca de escravos e matérias-primas para a construção dos túmulos reais.

Ao longo dos séculos, os descendentes dos núbios continuaram a morar nas margens do rio Nilo e a serem capturados como mão-de-obra escrava pelos egípcios. Essa interação do povo núbio com a cultura dos antigos faraós é responsável pela influência africana na arte, cultura e religião das dinastias egípcias. Porém, a recíproca não foi tão verdadeira, pois os núbios desenvolveram uma forte cultura própria, com um artesanato característico, assim como uma peculiar organização social.

Por sua vez, o destino dos homens seqüestrados não é melhor. Eles têm poucas chances de voltar a ver suas esposas, filhas ou irmãs; muitas vezes são assassinados e, no melhor dos

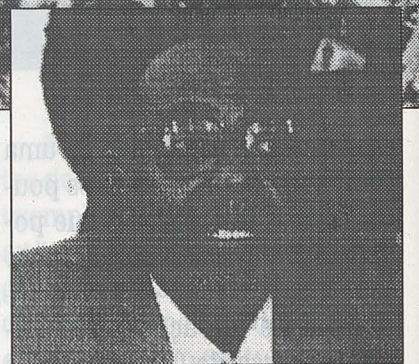


O general Omar Bashir (à direita) venceu as eleições de março passado e agora sente-se mais forte para enfrentar os rebeldes do Exército Popular de Libertação do Sudão (foto acima)

casos, são obrigados a se integrarem às patrulhas de milicianos, onde se tornam insensíveis às brutalidades e se convertem em carrascos de sua própria comunidade.

Mas talvez o mais repudiável de tudo é o que o governo sudanês faz com as crianças, obrigadas a mudar de forma radical a sua identidade. Separadas de seus parentes e mandadas para lugares longínquos, elas perdem contato com as suas raízes, e as suas novas "famílias" lhes incutem o extremismo islâmico e lhes obrigam a receber treinamento militar.

Ao contrário do que indicam as inconsistentes seguranças dadas pelo governo do general Omar Bashir àqueles que visitam oficialmente a capital regional, este "Gulag" continua se espalhando. Só em 1995, criaram-se outros cinco novos "acampamentos da paz".



Resgate cultural - As forças rebeldes do SPLA ainda controlam muitos dos morros da região. A sua causa é uma luta pela sobrevivência que, não obstante todos os perigos e ameaças, revigorou a sociedade núbia nessa remota região.

Costumes típicos dos núbios, entre eles a dança e a luta, que estavam desaparecendo, estimuladas pelo SPLA, viram-se reforçados. Porém, mais importante ainda é o renascimento político registrado nas áreas controladas pelo Exército Popular de Libertação do Sudão.

Há três anos, no auge da repressão do regime sudanês, 220 representantes de todos os habitantes das montanhas de Núbia se reuniram para discutir se a luta devia continuar. Após debaterem durante cinco dias, finalmente resolveram

# Que país é esse?

*Ao definir a nação como "cristã" o governo gera polêmica com os seguidores de outras religiões*

continuar a resistência armada. Ao mesmo tempo, os representantes do povo núbio decidiram criar uma administração civil, tribunais, escolas e clínicas, assim como continuar com seu Parlamento.

A decisão não foi um gesto propagandístico e sim a determinação de enfrentar o totalitarismo. De forma tardia, o mundo está agora entendendo que se trata de uma tentativa genuína de dar resposta aos problemas locais. Ironicamente, as montanhas de Núbia são o único lugar no Sudão onde existem formas de participação democrática.

**Esquecidos na agenda mundial** – Mas os núbios passam por inúmeras dificuldades. O seu extermínio é uma possibilidade real e, no entanto, eles nunca receberam ajuda internacional nem o seu caso foi citado em nenhuma das conversações de paz dos líderes mundiais.

Quando em março de 1995 o ex-presidente norte-americano Jimmy Carter negociou um cessar-fogo no Sudão para facilitar a execução de programas sanitários, as montanhas de Núbia foram excluídas da trégua e os ataques do regime de Cartum continuaram.

Ignorar o drama dos núbios parece ser o preço que a comunidade internacional tem que pagar para negociar com o governo do Sudão. Mas esse é um preço inaceitável. ●

\*Alex de Waal é co-diretor da African Rights, organização humanitária com sede em Londres

! O Exército Popular de Libertação do Sudão (SPLA) é o braço armado do Movimento Popular de Libertação do Sudão (SPLM), cuja meta é unificar o país sob a bandeira do socialismo, com absoluta liberdade religiosa, no marco do respeito à autonomia do sul do país

**A** iniciativa do governo de qualificar oficialmente a Zâmbia como uma "nação cristã" provocou uma polêmica que envolve padres e acadêmicos do país africano. Enquanto sacerdotes cristãos sustentam que a denominação, incluída no preâmbulo de um projeto de reforma da Constituição, em debate, reflete a realidade, acadêmicos alemães que é discriminatória em relação a outras religiões.

A cláusula no preâmbulo da Carta Magna se baseia na opinião do presidente Frederick Chiluba, que considera o país da África meridional "cristão". O texto consagra a Zâmbia como "nação cristã tolerante com outras religiões".

Mas muitos afirmam que ela estabelece injustamente uma hierarquia entre as religiões. "A palavra tolerante demonstra que os cristãos colocam sua religião acima de outras", declarou Stuart Yikona, da Universidade Copperbelt, no norte da Zâmbia. Assim, para ele, outras religiões só existirão enquanto os cristãos as tolerarem.

"No futuro, podemos ter no governo um fanático religioso que não seja tolerante com outras religiões e que use a Constituição como uma plataforma para os abusos aos direitos humanos", preveniu. "Em uma constituição democrática não caberia uma cláusula desse tipo."

"Todos sabemos que a religião

é um dos temas mais sensíveis ao ser humano", enfatizou o acadêmico. E lembrou que o Oriente Médio é um caldeirão de ódios religiosos e que o conflito na Bósnia, em grande parte, se deve à religião.

No entanto, o pastor Sky Banda, da Assembléia Pentecostal, uma seita fundamentalista cristã, estimou que a denominação é justa porque a maioria dos zambianos é formada por cristãos. Ele descartou a possibilidade de os seguidores da sua igreja poderem se tornar opressores algum dia, pois a Constituição proíbe as violações às liberdades de consciência e de religião. Banda acrescentou que "entre 70 e 80% dos 8,5 milhões de zambianos são cristãos. Então, onde está o equívoco?"

O professor Morris Lundu, da Universidade da Zâmbia, vê a questão sob outro prisma. Segundo ele, embora entre 70 e 80% dos zambianos possam ter sido batizados na fé cristã, pesquisas da universidade mostram que só 40 ou 45% são praticantes. O mesmo levantamento confirma a presença de muçulmanos, hinduístas, budistas, fiéis dos cultos africanos e muitos ateus. "Um país não está formado só por grupos religiosos mas também por outras subdivisões, como a raça. Por que não dizemos então que a Zâmbia é uma nação negra?", alega. ●

Joe Chilaizya

## A força da comunicação



A rebelião zapatista de Chiapas, um dos estados mais pobres do México, forçou uma renovação da vida política mexicana

### *Camacho Solís, primeiro negociador oficial do governo mexicano com os zapatistas, analisa o impacto de Chiapas na política de seu país*

A sociedade mexicana pressionou, desde o início da rebelião de Chiapas, por uma saída política. O movimento guerrilheiro teve a sensibilidade para entender que podia atingir melhor os seus objetivos pelo caminho político do que pelo enfrentamento militar, e o governo se deu conta de que o preço da guerra seria muito alto e aceitou negociar. Neste sentido, Chiapas virou um símbolo que vai ajudar a democratização do México.

A reflexão não é de um observador qualquer e sim de um protagonista privilegiado, o economista Manuel Camacho Solís, 49, primeiro negociador do governo com os rebeldes. Presença constante na cena política do México, amigo do ex-presidente Carlos Salinas de Gortari,

Camacho Solís foi secretário-geral do PRI (que está no poder no país desde 1929), prefeito da Cidade do México e ministro das Relações Exteriores.

Em janeiro de 94 – quando o Exército Zapatista de Libertação, com cerca de 2 mil militantes, pegou em armas e assumiu o controle de seis cidades e aldeias no estado de Chiapas, uma das zonas mais pobres do México, ao sul do país – foi ele o escolhido para iniciar o diálogo do governo com os rebeldes.

Hoje, Camacho Solís dirige a ONG Democracia y Desarrollo e é um dos representantes do seu país na comissão da ONU para a Governança Global. Como tal, esteve no Brasil no Seminário Inter-Regional sobre o Papel da Administração Pública no Desenvolvimento, na Fundação

Getúlio Vargas, no Rio. Em entrevista a cadernos do terceiro mundo, o dirigente mexicano realçou as lições que o episódio de Chiapas deixou no seu país.

“Em 1994, negocie com os rebeldes de Chiapas. Ao invés de uma guerra prolongada, optou-se por uma saída política. A negociação é importante não só para o povo de Chiapas como para o destino do México. É preciso encontrar uma nova relação entre a autoridade política e a sociedade civil.”

Mudança constitucional – As negociações estão conduzindo a uma grande mudança. Os rebeldes reivindicam incluir na Constituição a participação e a cidadania indígenas. Querem ainda garantia da posse da terra para a comunidade de Chiapas, e também lutam por democracia.

A rebelião começou no dia em que o México entrou no Nafta (mercado comum com Estados Unidos e Canadá), em 1º de janeiro de 1994. Enquanto o país entrava no mercado do Primeiro Mundo, um grupo de guerrilheiros gritava que havia nele problemas urgentes de Terceiro Mundo.

A rebelião afetou a economia e a política mexicanas. Camacho Solís acha que ela tem a ver mais com expectativas frustradas, criadas pela política econômica neoliberal, do que com uma rejeição ao Nafta propriamente dito.

Neste sentido, os analistas políticos consideram Chiapas um exemplo do poder das novas



formas de comunicação. A miséria de um Estado como Chiapas acabou no centro da luta política mexicana e da discussão internacional, graças ao avanço das novas tecnologias de comunicação, entre elas a Internet.

O ex-presidente Carlos Salinas (1988-94), segundo Camacho Solís, errou ao não ter impulsionado a reforma política que o país necessitava. "Hoje, é preciso fazer uma transição democrática, porque um retrocesso não resolverá o problema da corrupção."

Camacho Solís renunciou ao PRI em 1995 e acha que o partido deve se renovar. "O PRI deveria ser reformulado, mas, ao invés de flexibilizar-se, está endurecendo. Precisamos da convergência das forças políticas e de um novo pacto para garantir o regime, incorporando as novas aspirações de liberdade da sociedade. Luto pela coalizão de todas as forças políticas para fazer as mudanças."

Nos bastidores da política mexicana se diz que Camacho Solís rompeu com Salinas quando foi preterido na escolha do candidato do PRI à presidência. E que continua candidato a candidato a presidente. Mas Solís nega.

Ele defende a idéia de fazer a transição para a democracia imediatamente, dando atenção prioritária aos problemas sociais.

"Enquanto o Estado não recuperar a capacidade para resolver problemas sociais, as soluções políticas não conseguirão consenso e durabilidade. O problema social não se enfrenta só com

**"Estou lutando pela coalizão de todas as forças políticas para fazer as mudanças"**



Camacho Solís: "dar resposta às demandas sociais"

programas compensatórios. Chiapas mostra que é preciso refletir sobre as estratégias de desenvolvimento e os programas de governo." Neste cenário, a discussão se volta para a reconstrução do Estado, depois do esgotamento da política neoliberal, com a defesa do Estado mínimo.

Segundo Camacho Solís, muitas das chamadas reformas neoliberais implementadas durante a década de oitenta não foram senão programas de estabilização, baseados em restrições fiscais; não foram reformas de verdade.

Hoje, a tendência é repensar o papel do Estado. "Não se pode integrar sociedades cheias de desigualdades se não existe um Estado forte, capaz de resolver questões como educação, infraestrutura, cuidado com os recursos naturais. Mas não poderá ser o mesmo Estado centralizado que provocou muitos dos problemas de

nossos países. Terá de ser um Estado mais eficaz e próximo da sociedade, capaz de enfrentar as grandes necessidades dos povos."

Hoje, o México se vê às voltas com um cenário curioso. Os zapatistas dizem que seu objetivo não é tomar o poder, mas conseguir justiça social e democracia. E o governo mexicano deixa claro que não está interessado em exterminar os rebeldes, mas sim em se entender com eles.

Camacho Solís acha que há elementos novos nessa situação. A guerrilha costuma ter conteúdo político, mas o seu forte é a ação militar. No caso dos zapatistas, esse conteúdo político é a essência do movimento.

Por outro lado, a reação da sociedade e do próprio governo tem sido diferente. Geralmente, esses movimentos são sufocados militarmente com o apoio da sociedade, que sente que eles ameaçam seus interesses. Em Chiapas não foi assim; a sociedade apoiou as reivindicações dos guerrilheiros e os incentivou a não usar a luta armada. É um processo novo, em que a comunicação está tendo mais eficácia no movimento social do que a força e o derramamento de sangue."

Apesar disso, Solís teve uma divergência com o presidente Ernesto Zedillo, e se afastou das negociações em junho de 94. Mas acha que valeu a pena: "Me sinto satisfeito de constatar que a solução política com reformas democráticas que defendíamos está se impondo. É a única que conseguirá a reconciliação nacional."●

## Um passado que revive

*Depois de mais de uma década, poderá começar a ser esclarecido o destino que tiveram os desaparecidos*

Thelma Mejía

**P**eças dispersas de um quebra-cabeças que começa a tomar forma, a história dos desaparecidos em Honduras está sendo refeita a partir de um cadáver: o primeiro a ser encontrado das 184 pessoas que por razões políticas e ideológicas “desapareceram” na guerra civil.

A descoberta, realizada em fins de 1995 na região sul da Costa dos Amates, a 155 quilômetros de Tegucigalpa, a capital, abalou os meios políticos locais, por tratar-se do primeiro caso – após 12 anos de longa busca e espera – que poderá ser esclarecido.

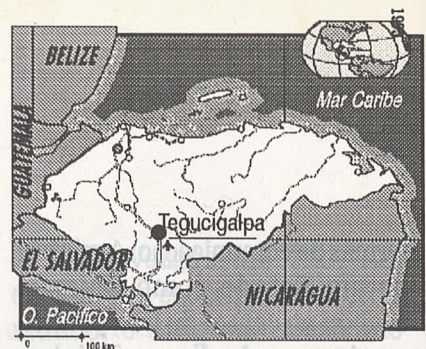
Tudo leva a crer que os restos mortais encontrados em um saco feito de barbante são do estudante de Direito Nelson Mackey Chavarria, 37 anos, desaparecido em 21 de fevereiro de 1982.

Mackey, segundo habitantes da Costa dos Amates, foi enter-

rado debaixo de uma árvore, perto do rio Goascoran, a fronteira natural que divide Honduras e El Salvador. A busca foi feita por três antropólogos, cujo trabalho foi acompanhado por uma dezena de jornalistas, familiares do estudante, membros do governo e das próprias Forças Armadas.

A vítima, segundo fontes de organismos humanitários, tinha ligação com as Forças Armadas, de quem seria informante. Mackey aparentemente conhecia o paradeiro de muitos dos desaparecidos e quando ia passar a informação a grupos de defesa dos direitos humanos foi assassinado.

Sede de justiça – Bertha Nativi, do Comitê de Familiares de Detidos-Desaparecidos (Cofadeh), disse que independente da ligação política do desaparecido, “o fato dos restos mortais terem sido encontrados é uma vitória na penosa história



de dor e angústia que vivemos há mais de uma década”.

Num documento, intitulado *Os fatos falam por si sós*, movimentos de defesa dos direitos humanos reuniram todas as informações disponíveis sobre desaparecimentos forçados ocorridos em Honduras nos anos 80. Nele se afirma que as 184 pessoas foram seqüestradas por efetivos das Forças Armadas em cumplicidade com setores da sociedade civil, governo dos Estados Unidos e assessores militares argentinos. A intervenção da Argentina e dos EUA, segundo o relatório, foi parte da política da Guerra Fria e de uma doutrina anti-subversiva da “civilização ocidental” contra o “comunismo ateu”.

A Procuradoria do Estado deve determinar os mecanismos para julgar os responsáveis pela morte do estudante, entre os quais um coronel da Polícia, Alexander Hernández, ligado diretamente ao assassinato.

Edmundo Orellana, procurador do Estado, disse que não vai fugir da responsabilidade de julgar e condenar os que cometeram esses crimes, porque isso seria golpear a justiça e a vontade do Estado de respeitar os direitos humanos. Numerosos militares são citados como responsáveis pelas violações aos direitos humanos. A maioria deles ocupa hoje altos postos nas Forças Armadas. ●

Um antropólogo fotografa restos mortais, presumivelmente de desaparecidos, encontrados num cemitério clandestino



# O desafio democrático

*A consolidação da democracia exige a presença de uma esquerda atuante e crítica*

Roberto Turcios\*

**E**l Salvador, o menor dos países centro-americanos, vive uma época de pós-guerra. E nessa nova realidade, a esquerda aparece debilitada. Durante a década de guerra civil encerrada em 1992, a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacio-

pertencem à FMLN e sete ao dissidente Partido Democrático.

A FMLN negociou durante dois anos com o governo conservador de Alfredo Cristiani os Acordos de Chapultepec, assinados em janeiro de 1992, que permitiram o cessar-fogo entre os exércitos em conflito e abriram o caminho para a atual democracia.



Numerosos ex-guerrilheiros participaram da convenção nacional da FMLN, que pôs fim à crise interna

nal (FMLN) – organização formada por diferentes movimentos guerrilheiros –, chegou a ter 8 mil soldados armados, forte movimento de massas e maior número de representações diplomáticas do que o governo salvadorenho.

A queda dos regimes comunistas repercutiu negativamente na esquerda salvadorenha. Mas isso não a impediu de desempenhar papel relevante na transição para a democracia. Ela ainda representa uma real opção de poder, já que dos 84 deputados do Parlamento, 21 são ex-guerrilheiros. Desses, 14

Mas as fileiras da esquerda não estão hoje dominadas pelo entusiasmo. Há certa decepção e amargura. Isso se deve, em parte, à divisão da FMLN, em maio de 1994. Os chamados dissidentes criaram o Partido Democrático (PD) e a maioria ficou na Frente. Na FMLN, fundada em 1980, convergiam cinco organizações partidárias; os líderes de duas delas, Joaquín Villalobos e Eduardo Sancho em 1994 foram para o PD, mas as cinco organizações ficaram na FMLN.



Ex-presidente Alfredo Cristiani

A divisão da esquerda apañou poucas pessoas desprevenidas. Mas foi surpreendente a perda de vigor nos últimos três anos. Na convenção realizada em dezembro pela FMLN, seus líderes expressaram “o fim da crise” que entre 1994 e 1995 provocou divisões internas e falta de atividade partidária.

Um dos maiores desafios que a esquerda salvadorenha enfrenta é fazer de sua participação política cotidiana uma prática transformadora e antidogmática. O descrédito do comunismo no Leste europeu não tem que paralisar a sua ação política, num país pobre, faminto de liberdade, justiça e ventos de mudança.

A prática democrática tende a se afastar dos extremismos. Este é um dos pontos mais problemáticos para os que se declaram fervorosamente revolucionários.

Como o filósofo italiano Norberto Bobbio enfatizou: “Em uma sociedade democrática, os moderados têm maior possibilidade de vitória.” O sistema político de El Salvador necessita de uma esquerda renovada, que seja agente ativo contra o autoritarismo e estimule a alternância no governo. O êxito da transição atual é a antessala da plena vivência democrática no país, após décadas de violência e arbítrio. A esquerda deve ser um suporte sólido da jovem democracia. ●

\*Roberto Turcios é diretor da revista *Tendencias*, de El Salvador, dedicada às Ciências Sociais

*Citadas como modelo para outros países latino-americanos, as administradoras privadas chilenas de fundos de previdência mostram ser injustas com os trabalhadores de baixa renda*



*Os princípios coletivos e solidários do sistema previdenciário anterior ao período ditatorial foram eliminados no atual*

## Os pobres pagam o pato

A experiência chilena de privatização da previdência é considerada pelos especialistas um modelo para a América Latina. No entanto, poucas vezes os seus defensores fazem referência à falta de solidariedade com os contribuintes de poucos recursos, a principal falha das administradoras privadas de fundos de pensão (AFP), instauradas no Chile há 15 anos.

Desde que o sistema foi criado em 1981, os trabalhadores protestam pelo pouco compromisso do Estado com a seguridade social, ao não cumprir o seu papel de garantir o bem-estar dos setores mais pobres. "As vantagens são para os donos dos consórcios, o que transforma o sistema no oposto de um mecanismo solidário. Queremos um sistema sem fins lucrativos para suprir as carências do trabalhador", diz Arturo Martínez, ex-presidente da Central Única de Trabalhadores (CUT).

A maior central sindical chilena rechaça o sistema de AFP pois incide no bolso dos mais pobres. "No Chile não há previdência, mas uma poupança forçada para a velhice", diz Martínez, referindo-se à entrada obrigatória a uma AFP de todo novo trabalhador dependente. Na maior parte dos países latino-americanos se está analisando, ou já vigora, alguma forma de privatização da seguridade social, devido à crise dos sistemas tradicionais, criticados por seus altos custos para o Estado, sua ineficiência e sua burocracia.

No Chile, antes de se criar o sistema privado, existiam as Caixas de Previdência, particulares e estatais, nas quais a contribuição do empregador e um percentual do salário do trabalhador eram encaminhados a um fundo comum. Assim, o total dos recursos de uma Caixa contribuía para melhorar as pensões de todos os seus aposentados, no

que constituía um princípio coletivo e solidário, diferente do sistema individual atual.

As falhas burocráticas na administração do antigo sistema e a deterioração do valor real das pensões, devido à estagnação dos recursos, influíram para desprestigiarlo. Para Martínez, "o antigo modelo cumpriu papel importante e, embora hoje esteja obsoleto, era muito mais solidário que o atual".

Um sistema injusto — Em maio de 1981 se estabeleceu no Chile o sistema de capitalização individual através das AFPs, instituições privadas, do qual se excluíram as Forças Armadas, que mantiveram suas Caixas de Previdência. No novo sistema, o trabalhador contribui mensalmente com 20% do salário, incluindo a parcela destinada à Saúde. O empregador está isento de contribuição. Antes, os aportes das partes eram iguais.

Desses 20% do salário, a AFP

destina 10% para a poupança previdenciária, mais uma cota adicional — entre 2,8% e 3,7% da remuneração — para os serviços administrativos e Seguro por Invalidez. Os 7% restantes são para a saúde, que é administrada pelo Estado ou pelas Instituições de Saúde Previdenciária (Isapres), sistema privado tanto ou mais criticado que as administradoras de pensões.

Um decreto-lei, expedido em 1981 durante a ditadura do general Augusto Pinochet (1973-90), estabeleceu que as pessoas que se incorporassem ao mercado de trabalho deveriam, obrigatoriamente, associar-se ao novo sistema. Os trabalhadores antigos podiam optar entre ficar no sistema antigo ou associar-se ao novo. Isso implicava para aqueles que se afiliavam a uma AFP um aumento salarial real, devido ao menor percentual que deviam aportar para o novo sistema.

Ainda atualmente, os trabalhadores afiliados ao sistema privatizado pagam 20,1% de aporte à previdência. Em compensação, aqueles que ficaram nas Caixas

no fim do mês têm descontos que variam de 25,8% a 30,9% em seus salários. Os trabalhadores que optaram pela AFP puderam pedir um “bônus de reconhecimento”, calculado segundo a antiguidade das contribuições ao velho sistema, com o qual aumentaram sua capitalização individual.

A posição dos trabalhadores — Em 1990, com a volta da democracia, os sindicalistas reivindicaram que fosse retirado das mãos dos grandes grupos econômicos o controle das AFPs.

Mas as AFPs dependentes dos trabalhadores representam só 1,8% dos contribuintes do sistema e controlam só 3,9% dos fundos que administram as instituições privadas de previsão. Para o economista do Programa Econômico do Trabalho (PET), Jaime Ruiz-Tagle, os maus resultados das AFPs de sindicatos se devem à concorrência com as grandes sociedades anônimas, que investem muitos recursos na captação de novos associados.

Uma das críticas ao atual sistema se refere aos altos custos e problemas de informação que os associados enfrentam no momento



O regime atual foi criado por Pinochet

em que param de trabalhar. No sistema de capitalização individual, as pensões são fixadas no momento da aposentadoria e nunca mais variam em termos reais. Isto afeta

rá especialmente as mulheres, que têm uma expectativa de vida maior; as companhias de seguro calculam entre 24 e 32 anos a mais a contar da aposentadoria aos 60 anos. Para os homens, que param de trabalhar aos 65 anos, é calculado um período menor de vida.

Ruiz-Tagle prevê diferença cada vez maior entre as remunerações dos trabalhadores na ativa — cujos salários reais aumentarão conforme o progresso do país — e as pensões dos inativos, que ficam inalteradas. Para cerca de 1,5 milhão de trabalhadores o sistema de AFP não serve, já que seus baixos salários lhes renderão pensões insignificantes. “Os fundos de todos os chilenos, descontados dos salários, são injetados no mercado, limitando o poder aquisitivo dos trabalhadores ao tirar-lhes 20% de sua remuneração durante toda a vida”, denuncia Martínez.

Os trabalhadores reivindicam serem ouvidos em uma discussão sobre um novo sistema que não só beneficie os salários médios e baixos, mas que seja misto. Assim, o governo assumiria o compromisso de permitir a participação dos sindicatos em um Conselho de Administração das AFPs em que eles decidam cotizar. (Mônica Jaramillo e Gwendolyn Ledger)



Os trabalhadores mais modestos saíram prejudicados com as mudanças na previdência

**O** governo de Trinidad e Tobago anunciou planos para reduzir a dependência do país da importação de produtos agrícolas que chegou a 81% nesta década, cerca de 175 milhões de dólares.

O ministro da Agricultura, Reeza Mohammed, destacou que o setor de produção de alimentos deve ser a base de sustentação do desenvolvimento. "A agricultura é de importância estratégica para o crescimento econômico e para a paz social e a estabilidade, devido à ligação intrínseca com o desenvolvimento rural".

Mas esse pequeno estado do Caribe tem pela frente um longo caminho a percorrer para a auto-suficiência na produção de alimentos. Grande parte dos vegetais que sua população consome vem da vizinha ilha de Granada, que apresenta escassez de produtos básicos devido às pragas da agricultura.

Embora várias colheitas tenham sido mais satisfatórias, a contribuição da agricultura ao Produto Interno Bruto (PIB) só chegou a 3,4% em 1995. Os granjeiros introduziram produtos não-tradicionais como arroz, aves, porcos e carne bovina, mas ainda assim os planejadores consideram que a agricultura não está suficientemente diversificada e seu aporte de divisas não é importante.

## FALTAM BRAÇOS NO CAMPO

*Dinamizar a agricultura  
exige o incentivo  
e a permanência  
da população no interior*



Bhoe Tewarie, do Instituto de Empresas da Universidade das Índias Ocidentais, destacou que a indústria transnacional Gerber, de alimentos para bebês, tentou utilizar a fruta-pão, típica do Caribe, como base de seus produtos. Porém, a iniciativa fracassou ao comprovar-se que Trinidad e Tobago não tinha condições de garantir a quantidade necessária de matéria-prima. O exemplo, segundo Tewarie, serve para ilustrar os problemas de adaptação do país às novas demandas no setor agrícola.

A origem dos problemas – As dificuldades de Trinidad e Tobago para produzir os alimentos que necessita se devem principalmente à subutilização de terras agrícolas, ao alto custo dos insumos e à pouca atração que exercem as atividades agrícolas como profissão, sobretudo para os jovens. Por tudo isso, os produtos importados são oferecidos nos mercados locais mais baratos do que os alimentos produzidos no país.

Quarenta e um por cento da população de Trinidad e Tobago são descendentes de africanos, que, depois da abolição da escravidão, no século XIX, em sua grande maioria abandonaram a zona rural. Hoje a agricultura não atrai a população negra. A mão-de-obra foi substituída por trabalhadores de origem indiana, embora nas duas últimas décadas os jovens de origem indo-trinitária também tivessem empreendido o êxodo para as cidades.

O governo se propõe a destinar 14,8 milhões de dólares para o melhoramento das rodovias, o incremento da produção de açúcar e o incentivo à pesca e ao reflorestamento. Além disso, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) destinará 4,2 milhões de dólares para estimular a participação da juventude nesse setor de produção. ●

Wesley Gibbings

# O calvário dos inocentes

*Agravamento da crise social cria campo fértil para o aumento dos casos de abusos sexuais infantis*

Zoraida Portillo

A falta de perspectivas econômicas vem aumentando a degradação social no Peru. E as crianças são as principais vítimas desse processo. O psiquiatra Mariano Querol atribui a crise social à “desintegração generalizada na sociedade peruana”. Especialistas se esforçam para explicar o fenômeno de perda de valores da sociedade e o conseqüente caos, que limita as possibilidades de reverter tal realidade.

Na opinião de Querol, as falhas do processo educativo são também detonadores da profunda crise social. “A falta de uma educação cívica e sexual adequada contribui para a formação de uma pessoa sem sentido crítico e que não sabe avaliar a sua realidade”, diz o psiquiatra. “Há uma marcada alteração na formação da personalidade que carece de uma concepção ética superior”. Essa perda de valores se manifesta, em alguns casos, na

falta de interesse em defender a vida de uma criança, acrescenta.

O violador não sempre é um tipo agressivo, que sujeita a sua vítima a golpes ou armas, ou que a obriga a um comportamento sexual brutal. Tampouco é, necessariamente, um desequilibrado mental que a persegue na noite ou em lugares ermos, assinala uma investigação da Demus, ONG de defesa dos direitos da mulher e da criança. Em muitos casos, existe uma relação pessoal e até de parentesco entre o agressor e a vítima. O violador é vizinho, amigo, parente e, muitas vezes, o ato ocorre no casa da pessoa agredida.

Não existem estatísticas de violação infantil, porque a maioria dos casos não é denunciado pelas vítimas, que freqüentemente ignoram que se trata de uma agressão. Carmem Rosa, de 11 anos, era violentada pelo padrasto desde os 9 anos, mas jamais imaginou que isto fosse



*Muitas vezes, a criança é violentada e não se queixa, pois não sabe que isto é algo condenável*

algo condenável. “Via que o mesmo acontecia com a minha mãe e minha irmã mais velha, e acreditava que era normal”, confessou à psicóloga. Para sua sorte, comentou com uma amiga que, horrorizada, contou para sua mãe e assim o fato foi descoberto. No entanto, o violador negou, a mãe não se posicionou contra seu cônjuge e a irmã maior já tinha fugido de casa.

“Em muitos casos, a mãe fica calada – mesmo sabendo o que ocorre – temendo perder o sustento, ser maltratada fisicamente ou porque, indiretamente, culpa a filha de ter ‘provocado’ o ato”, afirma a psicóloga Irma Ganoza.

A psicóloga realizou diversas investigações sobre o tema, tanto em Lima quanto em Chimbote – porto pesqueiro a 400 km da capital peruana – e confessa que ficou perturbada pela quantidade de violações e maus-tratos contra menores, e as “justificativas” e comportamentos que adotam demais membros da família. ●

## Um problema continental

O Peru é o segundo país do continente americano em índices de maus-tratos infantis, com uma média de 350 crianças violentadas por milhão de habitantes. Em primeiro lugar está o Brasil, com 500 por milhão. Nos Estados Unidos, a média é de 250 em cada milhão.

As famílias de estratos baixos

maltratam mais seus filhos (40,7%) que as de estrato alto. Apenas 4,7% dos pais peruanos agredem as crianças quando estão sob o efeito do álcool. A maioria o faz mesmo quando está sóbria, de acordo com um estudo realizado pela Cedro, uma ONG que trabalha com crianças em alto risco.

# Alimentos para todos

*Ameaça de colapso na agricultura leva a ONU a discutir alternativas*

“É inconcebível que a fome e a desnutrição continuem minguando o potencial de cerca de 20% das pessoas da Terra numa época em que exploramos o espaço.”

A afirmação de Jacques Diouf, diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO), foi a justificativa para a convocação de uma reunião mundial de chefes de Estado e de governo destinada a aprovar plano de ação para erradicar a fome no mundo. O encontro se realizará na sede da FAO, em Roma, de 13 a 17 de novembro. Na ocasião, governos assumirão compromissos para pôr fim à fome e garantir a produção de alimentos. A reunião não tem o objetivo de pedir doações nem criar mecanismos financeiros ou burocráticos.

Será a primeira ocasião desde a Conferência Mundial sobre a Alimentação de 1974 na qual os governos concentrarão esforços na segurança alimentar. Há 22 anos, o mundo reconhecia que “cada homem, mulher e criança têm o direito inalienável de livrar-se da fome e da desnutrição para desenvolver suas faculdades físicas e mentais”. Mas o objetivo da conferência, a erradicação da fome em 10 anos, não foi atingido.

A queda da produção mundial de cereais, das reservas de alimentos e da ajuda alimentar, as-

sim como o aumento do preço da comida, preocupam os dirigentes do mundo todo.

A produção mundial de cereais de 1995 está estimada em 1.891 milhões de toneladas, quantidade 3% menor do que à de 1994. Os preços de exportação dos cereais aumentaram entre



*Erradicar a fome é possível, desde que haja vontade política, na opinião de Jacques Diouf (dir.)*



30% e 50%, razão pela qual se prevê que no período 1995-1996 os países com baixa produção de alimentos deverão pagar cerca de US\$ 3 bilhões adicionais para satisfazer a demanda.

A produção mundial de alimentos precisará crescer em

mais de 75% nos próximos 30 anos para fazer frente ao crescimento demográfico, disse Diouf. “Devemos nos preparar desde já para alimentar as cerca de 9 bilhões de pessoas que habitarão o Planeta em 2030; hoje só somos 5,8 bilhões”.

Compromisso de alto nível – A reunião, cujo lema será Alimentos para Todos, buscará um compromisso no mais alto nível político para a elaboração e implementação de programas e estratégias que conduzam à erradicação da fome no mundo. Segundo a FAO, só nos países em desenvolvimento cerca de 800 milhões de pessoas, dos quais 200 milhões de crianças, sofrem de desnutrição crônica. Vários milhões têm doenças causadas pela deficiência alimentar.

A cada dia, uma em cada cinco pessoas do Terceiro Mundo carece de alimento para suprir as necessidades básicas. Embora a ajuda alivie o sofrimento de muitos seres humanos que passam fome, a FAO entende que esta não é a solução.

Jacques Diouf defende o incremento da produção para obter a auto-suficiência nas áreas onde os alimentos são mais necessários. “Isto é possível. Muitos países, incluindo alguns dos mais pobres, já fortaleceram sua segurança alimentar melhorando a disponibilidade de comida. Dessa forma, conseguiram estabilizar o abastecimento e melhorar o acesso aos alimentos”, disse o diretor da FAO. ●



# Riqueza vegetal amazônica

*Descoberta mostra o potencial da biodiversidade da floresta tropical, sobretudo na área de medicamentos*

Humberto Márquez

Sete plantas com propriedades de reduzir a pressão arterial foram descobertas na Amazônia venezuelana por universitários do Projeto Amazonas. "Foram estudadas 550 vegetais com flor e fruto em 68 quilômetros à beira do rio Cataniapo, perto do lugar sagrado dos índios piaroas, e encontradas 37 plantas desconhecidas na região, 14 espécies novas e sete hipotensoras", diz o botânico Anibal Castillo, coordenador da pesquisa.

Folhas, caules, cascas ou frutos de quase cem vegetais foram macerados em álcool e seus extratos aplicados em ratos. O sumo de alguns baixou a pressão arterial entre 45% e 50% deles, durante prolongado período de tempo.

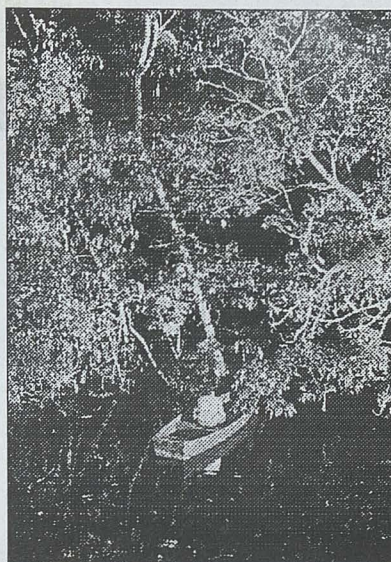
A descoberta mostra a falta de uma política governamental de pesquisa. "O ideal seria ter recursos para explorar não apenas sete, mas dezenas de plantas", explica Castillo. Um vegetal tem milhares de compostos e exige um trabalho de anos para sintetizar o material que se transforma em medicamento. Das plantas estudadas, 220 são árvores, e, destas, 21 usadas como remédio pela etnia piaroa, que habita o alto rio Orinoco, ao sul da Venezuela, a 600 km de Caracas.

O pesquisador estudou vege-

tais usados pelos índios como anticoncepcionais, contra diarreias, hemorragias, dores de estômago, reconstituintes, alucinógenos, cicatrizantes e para tratar infecções da pele, problemas circulatórios, infertilidade e ataques de fungos e parasitas. Muitas das espécies, descritas por Castillo para a revista *Acta biológica venezuelana*, podem ser encontradas também no Brasil, Colômbia ou Peru. Na verdade, a única região amazônica que possui flora específica são os *tepuyes*, montanhas cilíndricas da Guaiana onde a vida evoluiu de maneira diferente do resto do local.

O farmacêutico Nelson Ferrigni, do Projeto Amazonas, diz que estão sendo estudadas plantas empregadas pelas dezenas de etnias indígenas do estado venezuelano do Amazonas, "na medida em que os pajés o permitam, pois, para eles, ceder informação é ceder poder". O propósito é que cada unidade médica no sul venezuelano cultive uma horta "com plantas da medicina tradicional, de reconhecida validade científica", e que se estimule seu uso.

O programa se insere na assistência médica e odontológica que universitários prestam na região, com 98 mil pessoas atendidas em um ano, numa popula-



Tesouros vegetais se escondem na floresta amazônica

ção de 120 mil. Os serviços médicos, gratuitos, custam ao Estado US\$ 580 mil só em honorários, enquanto todo o Projeto Amazonas recebe apenas US\$ 70 mil anuais.

O Projeto Amazonas procura apoio nas instituições européias de cooperação. Seus programas incluem projetos de desenvolvimento sustentável, com respeito pelas etnias indígenas, crescimento e rentabilidade.

Pesquisadores citam exemplos, como a possível exploração de um óleo, similar ao de oliva, produzido por uma palmeira que existe em grandes bosques na região e pode apresentar volume comercial com extração simples.

Também pode-se colher e explorar líquens com substâncias úteis à indústria cosmética. Ferrigni destaca ainda a possibilidade de desenvolver a baixo custo, sem afetar o meio ambiente e em quantidades expressivas, o cultivo de *onoto* (urucum), *sarrapia* (resina), *chique-chique* (fibra), pimenta-preta, orquídeas, além de criar peixes e pacas para o consumo. ●

# Direito: um problema a ser analisado

Eugênio Rios\*

A sociedade da abundância já é realidade concreta. E, na abundância, as regras jurídicas, a lei, o Direito perdem a faculdade de ordenar a distribuição individual dos bens de uso e consumo mediante normas legislativas e regulamentos legais.

O avanço da ciência e das tecnologias modernas na produção de bens tem como traço característico a extrema rapidez no desenvolvimento praticamente indefinido, traço este que envelhece a lei, tornando-a imprestável antes mesmo de vigir no tempo e espaço próprios ao campo de atuação dela.

A ciência e a tecnologia, vinculadas à economia e à educação do povo, movimentam incomensuráveis riquezas materiais e espirituais capazes de produzir bens mais que suficientes à população, a ponto de dispensar a uso da lei do valor na distribuição da riqueza produzida.

Alcançados estes resultados, próximos dos quais já estamos, o Direito pode deixar de existir, perdendo a eficácia para disciplinar a distribuição da riqueza coletiva entre as pessoas, porque elas próprias saberão usufruir dos bens sem necessidade da lei para regulamentar o consumo.

Um exemplo: no estado de Goiás, onde a distribuição de alimentos ao povo está sendo feita pelo governo do estado, com entrega das cestas básicas, as

*A ciência e a tecnologia modernas ajudam a construir uma civilização produtiva. Diante desse quadro, as legislações podem ficar obsoletas*

ações judiciais de pensão alimentícia estão a caminho de caducar, e podem se tornar inúteis, pois quase ninguém carece de alimentos no chão goiano. A legislação da ação de alimentos tende a desaparecer por falta de fato prático a justificá-la na realidade sócio-econômica do estado e com ela centenas de milhares de processos poderão vir a ser arquivados ou incinerados.

É mais que evidente que as regras jurídicas e o Direito estão se tornando obsoletos na vida atual. São cerca de 6 bilhões de seres humanos no Planeta e seria absurdo imaginar leis e regras jurídicas para disciplinar a conduta individual nesse verdadeiro oceano de pessoas.

É mais do que evidente que a educação é vinculada à vida coletiva e não temos soluções individuais relacionadas às universidades segregadas. O tesouro intelectual revelado pela ciência e pela tecnologia modernas é o "único campo de batalha" a universalizar a cultura na construção da civilização pacífica, produtiva, bela e amorosa.

À frente desses desígnios,

qualquer literatura jurídica que pretenda se preservar do dilúvio a recair sobre ela, para apagá-la de vez das relações humanas, é esforço em vão.

Como os colegas, militantes na advocacia, na magistratura, no Ministério Público e demais atividades afins, irão receber o escrito nesse espaço é difícil de antecipar. Nenhuma palavra na mesma direção ou na direção oposta terá o poder de orientar a história dos homens para rumos diferentes do indicado.

Sabemos, apenas, que estamos participando de momentos grandiosos na vida dos povos. O marco mais importante desse momento, a ser festejado na passagem para o Terceiro Milênio, é a apoteose de 6 bilhões de pessoas poderem passar a viver sem se guerrear, em paz, com a construção da vida de cada um e de todos na plena liberdade, deixando para trás, como lembrança da pré-história, o passado bélico repleto de opressões, coações, explorações, crimes e humilhações.

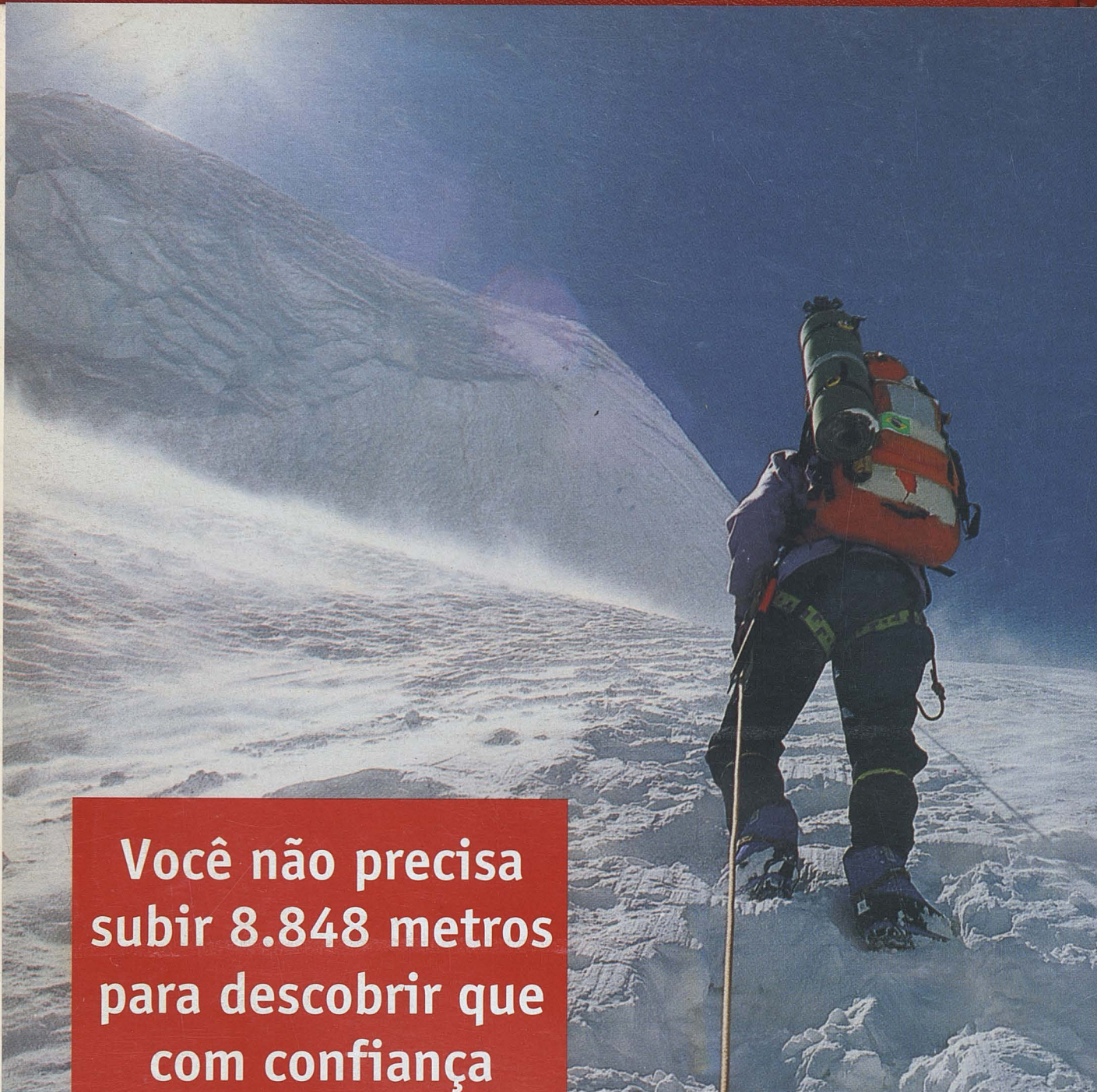
As relações humanas – o modo de viver, conversar, ajudar, aprender, ensinar, não viver sozinho, não desconfiar dos outros – é o fenômeno mais importante da vida coletiva. E para criar as novas condições de vida coletiva, que estamos trabalhando, escrevendo, no tempo livre, que sobra dos litígios judiciais que não queremos ter.

\* Advogado

Que Niterói é uma  
cidade bonita, isso basta  
olhar para ver.



Mas como quem vê cara  
não vê coração, pergunte pela  
sua qualidade de vida.



**Você não precisa  
subir 8.848 metros  
para descobrir que  
com confiança  
a gente chega lá.**

*Em 14 de maio de 1995, às 11h22min, o paranaense Waldemar Niclevicz conquistou o topo do Everest - e cravou pela primeira vez a bandeira brasileira na montanha mais alta do mundo. Paranaenses como Waldemar, vamos pensar que esta conquista pode ser um pouco nossa. Em 95, o Paraná também acreditou, investiu e venceu. Acreditou no seu potencial para transformar idéias em programas nas mais diversas áreas, especialmente na Educação. Investiu no desenvolvimento e ampliação de novos mercados, com mais empregos e*

*oportunidades para pequenos e grandes, garantindo lugar de destaque no Mercosul com o CIN - Centro Internacional de Negócios. O Paraná venceu, porque agora pode planejar melhor o futuro da sua gente, com mais qualidade, produtividade e competitividade. Para completar sua escalada, o Paraná contou com um parceiro forte, que termina o ano ainda mais forte. O Paraná teve o Banestado, que deu a confiança necessária para novas conquistas. E como diz Waldemar Niclevicz: "confiança é tudo que você precisa".*

 **BANESTADO**

**A confiança que você precisa.**